

Germana Perdigão

*Manual do
Formador Pessoal*

Coordenação Geral

Filipe Cabral

Coordenação Editorial

Jefferson Privino

Diagramação

Rodrigo Meneses

Capa

Setor de Criação - Comunidade Católica Shalom

Revisão

Paola Fonseca Benevides

Apresentação

Maria Emmir O. Nogueira

Gabriella Márcia Dias

Prefácio

Célia Garcia



Edições Shalom

Estrada de Aquiraz – Lagoa do Junco

CEP: 61.700-000 – Aquiraz/CE | Tel.: (85) 3308.7402/ 3308.7415

www.edicoesshalom.com.br | comercialedicoes@comshalom.org |

www.comshalom.org/

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN: 978-85-7784-099-1

© EDIÇÕES SHALOM, Aquiraz, Brasil, 2015. 1ª edição

Sumário

Apresentação	7
Prefácio	9
Parte 1	
Capítulo 1	11
A FINALIDADE E O SIGNIFICADO DA FORMAÇÃO PESSOAL	
Capítulo 2	25
A FORMAÇÃO PESSOAL NO CARISMA SHALOM	
Capítulo 3	59
A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA FORMAÇÃO PESSOAL	
Parte 2	
Capítulo 1	67
O PAPEL E A MISSÃO DO FORMADOR PESSOAL	
Capítulo 2	91
A ATITUDE E PERFIL DO FORMADOR PESSOAL NA FORMAÇÃO	
Capítulo 3	107
O RELACIONAMENTO ENTRE FORMADOR E FORMANDO	
Parte 3	
Capítulo 1	115
A PESSOA DO FORMANDO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO	

Capítulo 2.....	129
OS VALORES CRISTÃOS	
Capítulo 3.....	151
FORMAÇÃO DAS FACULDADES DO SER HUMANO EM VISTA DA MATURIDADE HUMANA	
Capítulo 4.....	189
A CONSCIENCIA MORAL	
Capítulo 5.....	197
A MEMÓRIA	
Capítulo 6.....	203
A AFETIVIDADE	
Capítulo 7.....	223
A FORMAÇÃO PESSOAL NOS MOMENTOS DE CRISE E PROVAÇÕES	

APRESENTAÇÃO

O Fórum Shalom é um evento destinado às lideranças da Igreja e a cristãos que desejam crescer no conhecimento e vivência de sua fé. Como base para as pregações, reflexões, debates, mesas redondas e seminários são confeccionados livros como este que você tem em mãos.

Além de disponibilizar o conteúdo, os livros têm por objetivo a partilha da experiência prática da Comunidade Católica Shalom nos diversos aspectos de sua ação apostólica, assim como de sua espiritualidade e proposta formativa. Isso nos retira do campo meramente teórico e leva o leitor a tocar a prática em detalhes antes acessíveis somente às pessoas diretamente envolvidas nos diversos apostolados.

Essa é a principal razão pela qual seus autores são pessoas com vasta experiência na evangelização, serviço de aconselhamento e oração, acompanhamento pessoal, coordenação de grupos de oração, serviço aos pobres, vida de oração pessoal e comunitária, uso dos carismas e formação de lideranças.

Os livros têm, portanto, forte teor de partilha e direcionamento prático. Seu objetivo é exatamente levar a todos os interessados a vida apostólica, formativa e espiritual da Comunidade, de forma que qualquer pessoa que deseje possa, ao mesmo tempo, seguir a trilha já percorrida por nós e nela colocar a criatividade que o Espírito Santo lhe inspirar, seja a partir de seu próprio Carisma, seja com fundamento em suas necessidades e expectativas pessoais.

Caso você se interesse em aprofundar mais o assunto de cada livro, as Edições Shalom dispõem de livros, vídeos e cursos mais completos, assim como a seção de formação do nosso site.

Louvamos o Senhor por esta oportunidade de chegar até você e multiplicar, através da partilha, os dons que o Senhor nos tem dado em sua inefável misericórdia.

A Estrela da Nova Evangelização nos tenha a todos sob seu manto e orientação.

Shalom!

Maria Emmir O. Nogueira
Comunidade Católica Shalom
Formadora Geral

Gabriella Márcia Dias
Comunidade Católica Shalom
Assistente Apostólica



PREFÁCIO

Com esse tema tão rico – Formação Pessoal –, nossa querida irmã Germana Perdigão, presenteia-nos com a publicação do livro *Manual do formador pessoal* que traz uma abordagem inédita, articulando a relevância do assunto com a aplicabilidade na vida cotidiana, ilustrando com exemplos, trazendo à tona vivências e experiências, ora na visão do formador, ora perscrutando o coração do formando, mas sempre tendo como referência a via comunitária que é o caminho pelo qual concebemos à santidade comum a que somos chamados no Carisma e Obra Shalom.

A Formação Pessoal e a dimensão do acompanhamento no Carisma Shalom é parte do espírito do fundador, é parte do nosso ser, da nossa essência como Vocação na Igreja. Por isso é que temos a formação pessoal, que cada formador da Casa Comunitária acompanha os membros de sua casa, cada Formador Pessoal acompanha seus formandos, o Formador Comunitário acompanha os membros de sua célula, cada pastor acompanha as ovelhas do grupo de oração. Com essa pedagogia ninguém deverá está só, mas em família, em Comunidade.

Nessa obra, Germana Perdigão, inspirada na vida e na *práxis* comunitária, nos apresenta um conteúdo denso e que por isso mesmo traz respostas, dá a direção necessária, o que torna sua leitura imprescindível. De certo que para muitos funcionará como *livro de cabeceira* onde será possível recorrer e se inspirar.

A leitura dessas páginas faz *arder nosso coração*, por nos levar a compreender que a almejada vida de santidade não se atinge solitariamente! Vem mostrar o quanto é importante a mediação do formador na exultante tarefa de encontrar e fazer a vontade de Deus.

Boa leitura!

Célia Garcia

Consagrada na Comunidade de Aliança Shalom

A FINALIDADE E O SIGNIFICADO DA FORMAÇÃO PESSOAL

O Catecismo da Igreja Católica nos ensina que *“o desejo de Deus está inscrito no coração do homem, já que o homem é criado por Deus e para Deus; e Deus não cessa de atrair o homem a si, e somente em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar: o aspecto mais sublime da dignidade humana está nesta vocação do homem à comunhão com Deus. Este convite que Deus dirige ao homem, de dialogar com ele, começa com a existência humana. Pois se o homem existe, é porque Deus o criou por amor e, por amor, não cessa de dar-lhe o ser, e o homem só vive plenamente, segundo a verdade, se reconhecer livremente este amor e se entregar ao seu Criador”*¹.

Essas palavras confirmam que o ser humano é um “ser para”, é um “ser atraído” a um fim e este fim é o próprio Deus e, como ser atraído a um fim, que é o próprio Deus, traz em si um anseio por corresponder a esta atração. Na sua essência mais profunda, possui um desejo, consciente ou não, da vida divina, e só encontrará plenitude de sentido e de coerência em Deus, mesmo que isso seja para ele um mistério. Nesse aspecto compreende-se que o ser humano porta em si um desígnio, o

¹ Catecismo da Igreja Católica Cap. I, 1,27.

plano de Deus para a sua vida, que ele é chamado a abraçar livremente, cooperando com o próprio Deus para sua concretização.

Podemos ainda aprofundar nosso entendimento sobre o ser humano e a sua finalidade, observando as seguintes palavras do Catecismo da Igreja Católica: *"As bem-aventuranças respondem ao desejo natural de felicidade. Este desejo é de origem divina; Deus pô-lo no coração do homem para o atrair a Si, o único que o pode satisfazer: todos nós, sem dúvida, queremos viver felizes, e não há entre os homens quem não dê o seu assentimento a esta afirmação, mesmo antes de ela ser plenamente enunciada. [...] Como é então, Senhor, que eu Te procuro? De fato, quando Te procuro, ó meu Deus, é a vida feliz que eu procuro. Faz com que Te procure, para que a minha alma viva! Porque tal como o meu corpo vive da minha alma, assim a minha alma vive de Ti. Só Deus sacia"*².

Por outro lado, a realidade até aqui transmitida não implica que todo ser humano dê sua resposta positiva de amor a Deus. Cada ser humano é livre para reconhecer ou acolher o amor de Deus e o chamado que Ele tem para sua vida, ou para transcorrer seus dias na indiferença à existência desse amor, desse chamado. Tanto que o Catecismo da Igreja Católica exorta: *"Mas esta 'união íntima e vital com Deus' pode ser esquecida, ignorada e até rejeitada explicitamente pelo homem. Tais atitudes podem ter origens muito diversas: a revolta contra o mal no mundo, a ignorância ou a indiferença religiosas, as preocupações com as coisas do mundo e com as riquezas, o mau exemplo dos crentes, as correntes de pensamento hostis à religião, e finalmente essa atitude do homem pecador que, por medo, se esconde diante de Deus e foge diante de seu chamado"*³.

2 Catecismo da Igreja Católica, 1718.

3 Idem, 29

O Catecismo da Igreja Católica define a liberdade do ser humano da seguinte forma: *“É o poder, radicado na razão e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isto ou aquilo, praticando assim, por si mesmo, ações deliberadas. Pelo livre arbítrio, cada qual dispõe de si. A liberdade é, no homem, uma força de crescimento e de maturação na verdade e na bondade. E atinge a sua perfeição quando está ordenada para Deus, nossa bem-aventurança”*⁴.

A liberdade humana possui algumas características importantes:

- é o poder radicado na razão e na vontade de agir ou não agir;
- leva as suas ações deliberadas, quer dizer, ações tomadas por uma decisão;
- torna o homem capaz de dispor de si mesmo, isto é, usar livremente de si mesmo;
- é uma força de crescimento e maturação na verdade e na bondade. Isso significa que a liberdade leva a pessoa humana a crescer e a amadurecer, ser plenamente desenvolvido na verdade e na bondade.

Nesse sentido, a liberdade alcança a sua perfeição quando está ordenada para Deus, para o seu fim último; quando está voltada, submetida a Deus, como nos falou João Paulo II, porque *“enquanto se não fixa definitivamente no seu bem último, que é Deus, a liberdade implica a possibilidade de escolher entre o bem e o mal, e, portanto, de crescer na perfeição ou de falhar e pecar. É ela que caracteriza os atos propriamente humanos. Torna-se fonte de louvor ou de censura, de mérito ou de demérito”*⁵.

4 Catecismo da Igreja Católica, 1731.

5 Idem, 1732.

Mais adiante, o referido documento da Igreja nos alerta que *"quanto mais o homem fizer o bem, mais livre se torna. Não há verdadeira liberdade senão no serviço do bem e da justiça. A opção pela desobediência e pelo mal é um abuso da liberdade e conduz à escravidão do pecado. [...] A liberdade torna o homem responsável pelos seus atos, na medida em que são voluntários. O progresso na virtude, o conhecimento do bem e a ascese aumentam o domínio da vontade sobre os próprios atos"*⁶.

Seguindo essa linha de raciocínio, é imprescindível refletir que o ser humano realiza seus atos e dirige a sua vida concretamente na relação entre sua corporeidade e o mundo exterior. Assim nos ensina a Constituição Dogmática *Lumen gentium*:

"O homem, ser uno, composto de corpo e alma, sintetiza em si mesmo, pela sua natureza corporal, os elementos do mundo material, os quais, por meio dele, atingem a sua máxima elevação e louvam livremente o Criador. Não pode, portanto, desprezar a vida corporal; deve, pelo contrário, considerar o seu corpo como bom e digno de respeito, pois foi criado por Deus e há-de ressuscitar no último dia. Todavia, ferido pelo pecado, o homem experimenta as revoltas do corpo. É, pois, a própria dignidade humana que exige que o homem glorifique a Deus no seu corpo, não deixando que este se escravize às más inclinações do próprio coração. Não se engana o homem, quando se reconhece por superior às coisas materiais e se considera como algo mais do que simples parcela da natureza ou anônimo elemento da cidade dos homens. Pela sua interioridade, transcende o universo das coisas: tal é o conhecimento profundo que ele alcança quando reentra no seu interior, onde Deus, que perscruta os corações, o espera, e onde ele, sob o olhar do Senhor, decide da própria sorte. Ao reconhecer, pois, em si uma alma espiritual e

6 Idem, 1733 e 1734.

imortal, não se ilude com uma enganosa criação imaginativa, mero resultado de condições físicas e sociais; atinge, pelo contrário, a verdade profunda das coisas."⁷

Segundo esse documento eclesial, o homem é corpo e alma, o que não pode ser esquecido nem desprezado. Entretanto, é pela sua dimensão espiritual que irá transcender, ultrapassar, exceder o universo das coisas e de sua própria realidade corpórea. Essa dimensão o capacita a se relacionar com Deus quando mergulha em seu interior e o detalhe que desejamos sublinhar, ainda de acordo com o referido documento, sob o olhar do Senhor, ele faz a opção do caminho que deseja seguir quando cada situação o exigir. É, pois, no centro mais profundo do seu ser que o homem toma suas decisões. É nesse lugar das decisões que acontece o processo de conversão que o atinge como um todo, em seu corpo e em sua alma. A alma humana, sendo reconhecida pela pessoa, torna-se livre de enganos e adentra na verdade profunda das coisas.

Também, o documento *Redemptoris Hominis* diz que *"cada homem, pois, em toda a sua singular realidade do ser e do agir, da inteligência e da vontade, da consciência e do coração. O homem nessa sua singular realidade (porque é 'pessoa') tem uma própria história da sua vida e, sobretudo, uma própria história da sua alma. O homem que, segundo a interior abertura do seu espírito, e conjuntamente a tantas e tão diversas necessidades do seu corpo e da sua existência temporal, escreve esta sua história pessoal"*⁸. Esse referido documento sublinha o fato de que o homem, ser pessoal, segundo a interior abertura do seu espírito, constrói a história da sua vida, mas principalmente *uma própria história da sua alma*.

⁷ *Lumen gentium*, 14.

⁸ *Redemptoris hominis*, 94.

A reflexão sobre o fim último do ser humano, a possibilidade e a liberdade de perseguir e alcançar esse fim irão remeter esse ser humano para Aquele que é o seu parâmetro fundamental: Jesus Cristo, o filho primogênito de Deus, que, sendo Ele mesmo a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, assumiu a natureza humana, e, como Deus e Homem, fez a experiência de se sentir amado e acolhido sem limitações pelo Deus Pai. *"A experiência de Jesus foi ser homem para o Pai e ser homem para os homens"*.

Jesus fez a experiência em toda dimensão de homem capaz de Deus e do irmão, de modo que cada ser humano encontra sua verdadeira imagem em Cristo (cf. Ef 4,13). Assim, na união indissolúvel da humanidade com a divindade que se realiza em Cristo, o homem encontra toda a grandeza de sua humanidade, bem como sua dimensão espiritual e a meta a ser atingida para que chegue ao seu fim último: a união com Deus pela sua própria configuração a Cristo. Todos os cristãos são chamados a experimentar essa realidade, que se evidencia, sobretudo por meio do testemunho de vida daqueles homens e mulheres que escolhem livremente consagrar sua vida a Deus em uma vocação específica dentro da Igreja. Diz Amedeo Cencini: *"Jesus é o único que realmente pode transmitir e 'plantar' nos corações deles (dos que desejam fazer uma consagração de vida) os seus sentimentos, fazer com que vibrem com o seu amor e se contagiem com sua paixão para o Reino"*¹⁰.

O seguimento de Cristo, em cada uma das formas de vida consagrada que foram surgindo e se desenvolvendo ao longo da história, tem sido sempre um mistério que vai se desvendando na vida pessoal e na vida comunitária na medida em que, livre e responsavelmente, cada

9 A Direção Espiritual, pág. 30

10 Os Sentimentos do Filho, Amedeo Cencini, pág. 64.

um acolhe o projeto de Deus com seus pensamentos, seus afetos e suas decisões, deixando-se formar como os discípulos de Cristo o fizeram no seu tempo. Nesse sentido, *“desde os primeiros tempos, a Igreja manteve a consciência da própria missão: ajudar cada um de seus membros a entender a comunicação de Deus na história e crescer na adesão a Cristo e à Igreja”*¹¹.

A Igreja direciona seus filhos de modo geral, mas também de modo especial, por meio de uma direção espiritual, do aconselhamento ou do acompanhamento espiritual, pelo qual um discípulo de Cristo recebe a ajuda de um irmão, *“com o objetivo de crescer na comunhão com a Trindade e discernir melhor a resposta ao chamado de Deus Pai, em Cristo, pelo Espírito, dentro da caminhada eclesial. Sua finalidade não consiste somente na descoberta da vontade de Deus, do projeto, da missão, e sim em conseguir a contemplação e a ‘santidade’, o amadurecimento até a maturidade de Cristo”*¹².

As formas de ajuda espiritual e vocacional que foram construídas na experiência da Igreja e da vida religiosa têm como “pano de fundo” o alcance da união com Deus, a santidade. Quanto mais o homem se aproxima de Deus, coloca-se em contato com Ele, mais vai assimilando em si o projeto divino para ele e o carisma específico que dele recebeu, em uma tensão contínua para Deus e para o outro, em vista da sua santificação e da glória de Deus: *“ele, sempre que se abre a Deus, participa (com participação que identifica) dele: o homem é a vida da Vida, bondade da Bondade..., santidade da Santidade; participação criada da Santidade não criada”*¹³.

As formas de direção ou acompanhamento espiritual constituem uma forma de apoio para que cada membro de uma família religiosa possa tomar, dia após dia, decisões que façam a diferença na qualidade

11 Tomasi, Flávio lorenzo Marchesini de, pág. 65

12 Tomasine, pág. 77.

13 A Direção Espiritual, pág 35 - Tomás Rodríguez Miranda - Paulus - 2009).

de sua resposta a Deus, saindo de si e de seus projetos unicamente pessoais para dar-se a Deus e aos Seus projetos. Para compreender, de forma “visceral”, isto é, de forma profunda, que a sua resposta positiva a Deus será *“a realização de sua finalidade última e, portanto, de sua santidade, ou seja, a maior e melhor resposta, a maior e melhor realização de sua existência e a maior e melhor santidade. Deus se dá na medida em que o ser humano se abre e responde.”*¹⁴

Aqueles que são chamados a ofertar sua vida a Deus por meio da Vocação e do Carisma Shalom fazem sua experiência de conhecer e acolher o chamado de Deus para si ao encontrarem no Ressuscitado que passou pela cruz o caminho certo para a vivência plena da sua identidade e do seu fim último. Dizem os nossos Estatutos: *“A Comunidade Católica Shalom é fundamentada nesta experiência do Ressuscitado que passou pela cruz. Ele, para a maior glória do Pai, derrama sobre nós o Seu Espírito, e nos envia como discípulos e ministros da Sua Paz. Somos chamados a acolher, viver e testemunhar o Carisma da Paz”*¹⁵.

A formação pessoal é o instrumento na vida cristã para ajudar a pessoa a tomar a forma de Deus, para fazer desabrochar a identidade batismal, a vocação e o carisma para os quais a pessoa foi criada. Nossos Estatutos discorrem sobre a experiência do vocacionado com o Ressuscitado que passou pela cruz: *“A Comunidade Católica Shalom é fundamentada nesta experiência do Ressuscitado que passou pela cruz, que, para maior glória do Pai, derrama sobre nós o Seu Espírito, e nos envia como discípulos e ministros da Sua Paz”*¹⁶. [...] *“Esta experiência com o Ressuscitado que passou pela cruz é o fundamento de toda a nossa vocação. Quando*

¹⁴ Idem, pág 35

¹⁵ Eccsh, Preâmbulo I.

¹⁶ ECCSh art.3.

*Jesus Ressuscitado apareceu aos discípulos no cenáculo, Sua primeira palavra foi 'Shalom'. Ele, o Vitorioso sobre o pecado e a morte, tinha destruído de forma definitiva o abismo entre o homem pecador e o Pai das Misericórdias, selando a Paz.*¹⁷

Essa experiência com o Ressuscitado que passou pela cruz possui muitas graças especiais:

- É iniciada com a comunicação em plenitude dos bens messiânicos por Jesus misericordioso, a Paz;
- Em seguida ao derramamento da Paz em nossos corações, Jesus nos apresenta e nos dar acesso à fonte da Paz. E qual é a fonte da Paz? Suas chagas gloriosas, em especial Seu coração traspassado. Abrimos aqui um parêntese, pois o Moysés escreve: *"É interessante notar como o Ressuscitado fez questão de manter as marcas da sua cruz no seu corpo e glorificá-las. Parece dizer-nos: 'Este é o caminho. Esta é a fonte'. A cruz e a Ressurreição tornam-se assim um mistério único. Em Cristo não há Ressurreição sem Cruz. Em Cristo não há cruz que não leve à Ressurreição"*¹⁸.
- Esse é um dia particular em nossas vidas, é o início de todos os novos dias.
- Nessa experiência, Jesus nos convida a contemplar e receber a Paz e a alegria do Seu coração traspassado e ressuscitado. Todos os novos dias da vida do homem brotam desse dia, e a verdadeira alegria e a verdadeira paz brotam do coração de Jesus que, por amor, deixou-se traspassar na cruz;

17 Carta à Comunidade, 48.

18 Carta à Comunidade, Parte III, pág. 27.

- Esse traspasar de Jesus abriu espaço, isto é, deu lugar para, uma vez ressuscitado, *acolher a mão de todo aquele que pela fé aceita receber o divino choque da Sua Ressurreição: o Seu Espírito.*
- O Seu Espírito, então, derrama a paz e a alegria. *Espírito que muda a nossa vida. Naquele dia, que é o dia que o Senhor nos fez, Jesus deu aos seus discípulos acesso ao caminho da Paz.*

Cada membro da Comunidade Shalom necessita do auxílio de irmãos que o apoiem e o acompanhem nesse caminho *de e para* a felicidade, tendo em vista a consumação da obra interior iniciada por Deus por meio do chamado vocacional. Assim sendo, a Formação Pessoal é uma das formas de ajuda que Deus inspirou para que cada um conheça o itinerário espiritual que Deus traçou especificamente para ele como forma de viver, transbordar e testemunhar o carisma: *“Na Comunidade, cada membro deverá ser acompanhado por outro membro do mesmo sexo, mais maduro na fé e na vida comunitária, denominado Formador Pessoal. O Formador Pessoal acompanhará o membro na dimensão espiritual e vocacional de sua vida”.*¹⁹

A Formação Pessoal, no Carisma e na Vocação Shalom, tem como finalidade ajudar cada um de seus membros a abraçar o carisma com profundidade, isto é, através do caminho da contemplação, da unidade e da evangelização, abraçar o seu chamado de, acima de tudo, SER Shalom, a viver e percorrer sua primeira missão, que é a sua fidelidade à nossa forma de vida comunitária e à missão comum, enfim, a se configurar a Jesus Cristo. Portanto, a Formação Pessoal constitui uma

¹⁹ Eccsh, 29

ajuda para que ele faça uma entrega generosa de si a Deus, à Igreja e ao mundo, na pessoa de todos aqueles aos quais Deus o envia.

Em todo o percurso da vida vocacional, a Formação Pessoal será sempre um valioso auxílio para a renovação de cada formando com essa experiência fundamental com o Ressuscitado que passou pela cruz, experiência fundamental para que seja um autêntico discípulo e ministro da paz. Experiência ímpar, caminho certo para levá-lo à santidade e à vida eterna, lembrando que cada formando tem uma alma espiritual e imortal, lugar das decisões que irão construir a história de sua vida.

Essa experiência real e viva traz em si o poder do Espírito Santo, que inflamará o coração do formando, se este o pedir, para responder ao chamado de Deus, porque *“um coração inflamado por este amor tudo realiza, a tudo se dispõe... [...] O Amor Esponsal é meio e fim para a santidade”*²⁰. Para que isso aconteça, existem os encontros formativos mensais, cujo foco é a vida e a pessoa do formando, à luz do Carisma Shalom e do projeto de Deus para ele, nos seus diferentes contextos: vida espiritual, vida familiar, vida afetiva, vida fraterna, vida apostólica, etc.

Quantos são capazes de abraçar a ruptura com áreas escravizantes, mas não são capazes de ofertar a própria vida... Por outro lado, existem aqueles que doam a sua vida, mas não conseguem romper com realidades que o afastam de Deus. Diante disso, a Formação Pessoal vem a ser um auxílio de um irmão que, com a presença e a primazia da graça, ajude o formando a perceber onde se encontram suas amarras. E, ao mesmo tempo, a enxergar suas capacidades e possibilidades de colaborar com a ação de Deus em prol de sua própria libertação, de unir-se a Deus e transbordar sua vocação no mundo, pelo uso dos dons e a ação

20 Escrito Amor Esponsal, 11

do Espírito Santo. Essa verdade é fundamental no processo formativo porque esse é o desejo profundo do homem: fazer a vontade de Deus, ir para Deus, apesar de isso ser um processo contínuo, de precisar acontecer um *ir amadurecendo, ir continuando*.

Tendo em vista uma melhor compreensão acerca do que seja a Formação Pessoal, segundo a Vocação e o Carisma Shalom, faz-se necessário delimitar alguns pontos que a separam de outros tipos de ajuda:

a) Inicialmente, é necessário esclarecer que a Formação Pessoal não é um tipo de ensino dogmático ou moralizador ministrado pelo formador sobre o formando. O eixo central da Formação Pessoal não se encontra em teoria, em conselhos formulados previamente para serem incutidos pelo Formador Pessoal no entendimento do formando, mas parte da própria experiência de Deus na vida da Comunidade e na vida do formando, o que fica claro quando se lê as seguintes palavras do nosso fundador, contidas nas Regras de Vida Shalom: *“Como poderei transmitir tudo isto que o Senhor colocou em meu coração? Não pode ser na lei, pois a lei mata [...] Tem que ser de dentro para fora, tem que ser no amor, tem que transbordar”*.²¹

b) A Formação Pessoal não tem como objetivo imediato aconselhar ou solucionar problemas circunstanciais do formando, como se fosse um espaço para aconselhamento, terapia ou mesmo para discernimentos que cabem ser realizados pelos Conselhos Geral e Local da Obra, ou em conjunto com Formador Comunitário. A postura descrita constituiria um desvio do foco da Formação Pessoal, que é ajudar o formando no processo de crescer na sua relação com Deus, penetrando na verdade divina, na sua própria verdade e no chamado que a cada dia

21 Escritos da Comunidade Católica Shalom, Itens 4 e 5

Deus lhe faz, de acordo com o Carisma que abraçou. É, portanto, o aperfeiçoamento de sua resposta pessoal a Deus como membro de uma Comunidade identificado com um Carisma próprio que o Formando se coloca em escuta a Deus junto com o seu Formador Pessoal.

c) Pela mesma razão acima exposta é que a Formação Pessoal também não é uma conversa de amigos, mas um diálogo realizado na presença de Deus, que é o autêntico formador do ser humano, sendo, portanto, o centro da formação. Portanto, entre Formador Pessoal e formando não cabe uma relação de cumplicidade em relação a opiniões pessoais, desvios, críticas ou omissões relacionadas com o carisma ou a comunidade, como também não existe relação de transferência de responsabilidades do formando ao Formador Pessoal sobre sua pessoa, sua vida, suas decisões, mas o desenvolvimento da responsabilidade e da decisão autônoma do formando diante de Deus, de si mesmo, da Comunidade e da Igreja.

d) A Formação Pessoal é um “processo”. Isso acontece devido o fato de que no desenvolvimento do formando podem acontecer contrastes e mudanças, ou seja, a pessoa está em desenvolvimento contínuo de suas potencialidades, sendo capaz de incessantes mudanças e movimentos, que devem ser sempre para frente se ela colocar o olhar em Deus e na Sua vontade. Portanto, é importante que aconteça certa continuidade, com o mínimo de quebras, sob prejuízo do processo que deve se dar na vida do formando que é chamado não a se “sentir melhor”, mas realizar a essência do seu ser e assim alcançar o “ser melhor”.

e) A Formação Pessoal constitui uma contribuição com a ação do Espírito Santo para que o formando cultive as motivações que o conduzem a Deus e mantém a chama viva em seu coração, como também seja atraído a dar respostas significativas e adequadas a Deus em sua vida

prática. O desejo é o responsável pelas motivações, porque *“somente o desejo tem o poder de ativar todo o aparato psíquico do homem. Não é a vontade, mas o desejo que sugere a ação. Uma pessoa pode querer fortemente uma coisa ou um ideal, mas se não tem o desejo por esses, sua capacidade de perseverar vacila, porque aquilo que não é desejado não pode tornar-se meta de uma vida”*.²²

f) A Formação Pessoal tem uma importância única porque o seu fruto deve ser de uma conversão de vida. O que é conversão? Libertação do homem velho e o abraçar do homem novo, como diz São Paulo *“escravo da justiça”*²³. Nesse sentido, ela é um caminho de libertação do formando de tudo o que lhe escraviza, que o impede de realizar o projeto divino em sua vida, tendo em vista encontrar condições de dar respostas que favorecem concretamente sua união com o Senhor. O teor dessa resposta deve, portanto, ser coerente com o fato de que Deus ama cada pessoa totalmente, gratuitamente e primeiramente, e fica à espera amorosa de uma resposta dessa pessoa de forma inteira, gratuita e rápida. A Formação Pessoal é, portanto, um auxílio para a descoberta da resposta mais adequada a Deus, a qual se transformará em atitudes concretas. *“Sempre foi claro para todos nós que o verdadeiro objetivo do ingresso na vocação é responder ‘sim’ à vontade de Deus para a Sua maior glória e nossa santificação e que isso implica, necessariamente, deixar tudo e abraçar a radicalidade evangélica de vida e, no nosso caso, o Carisma”*²⁴.

²² Cencini, Amedeo. *Il mondo dei desideri*, p. 13

²³ Rm 6,

²⁴ Obra Nova, Maria Emmir Oquendo Nogueira, Edições Shalom, Parte III, Cap. VIII.

A FORMAÇÃO PESSOAL NO CARISMA SHALOM²⁵

Esse capítulo é dedicado aos pontos essenciais da Vocação Shalom, com a finalidade de ser um suporte aos formadores pessoais para que estes levem seus formandos a estarem sempre vigilantes quanto a eles para tudo fazerem, a fim de vivenciarem a fidelidade aos mesmos. Isso não deve ser feito através de uma lei, mas pela graça, pela oração e pela misericórdia, como nos fala o Moisés: “Às vezes, fico perguntando ao Senhor como irei passar este novo que Ele me deu para aqueles que o Senhor ajuntar. Como poderei transmitir tudo isto que o Senhor colocou em meu coração? Não pode ser na lei, pois a lei mata. [...] Tem que ser de dentro para fora, tem que ser no amor, tem que transbordar. Sei também que aqueles que Deus ajuntar ao meu redor terão em si o germe, a semente de tudo isto. Para desenvolver, porém, é preciso trabalhar, regar, deixar crescer. Isto não acontece sem trabalho, sem disposição, sem desejo. É necessário, antes de mais nada, que cada pessoa que o Senhor coloque diante deste chamado tenha desejo, queira, se disponha, se coloque como um formando, como alguém

25 Esse capítulo tem como base as colocações contidas no livro *Obra Nova*, a respeito desse tema. No livro é ressaltada a importância do discipulado no espírito do fundador, que utiliza uma “metodologia mistagógica” semelhante à de Jesus “para descobrir e firmar vocações, para ajudar a quem necessita, para formar os que o buscam”. Essa expressão “metodologia mistagógica” significa que nela o mistério é transmitido não através da teoria, mas da vivência pessoal e comunitária.

que quer crescer, que deixa-se formar, que deixa fazer brotar a semente e a árvore que existem dentro de nós para compor o novo jardim do Senhor”²⁶.

“Em nossa vocação, a prática do discipulado gerou a formação”. Somos chamados a seguir a Cristo, a sermos seus discípulos. Ele é o nosso Mestre. Queremos ser como Ele. E esse caminho apesar de ser o único que nos leva a vida verdadeira, não é um caminho fácil, ao contrário é um caminho difícil, árduo, exigente, custoso, embaraçoso, penoso, muitas vezes, íngreme, escarpado, pedregoso, cheio de surpresas, formado por etapas... Gerando, assim, a necessidade de que o discípulo não tire os olhos do seu alvo. Suas peculiaridades incitam um irmão que acompanhe o discípulo para ajudá-lo a não se desviar, a não escutar outros mestres, que não são verdadeiros, a seduzi-lo. Esse caminho vai do deserto ao jardim, é um caminho novo e a formação possui uma importância impar, que não tem igual nesse processo.

Sobre a importância da formação pessoal como aspecto essencial da vivência do Carisma Shalom, as palavras do livro ressaltam que “a formação, para nós, é considerada uma graça inerente ao Carisma, o que significa que ele não poderá expressar-se adequada e plenamente como vivência vocacional sem a ajuda deste instrumento”. Esta inerência é tão forte que, o Capítulo Geral da Obra de 2003 registra: (...) *embutida em nossa vocação encontra-se, já, uma “metodologia” divina muito própria nossa que jamais poderá ser superada por nenhuma metodologia científica.* ²⁷.

Estes três dados históricos: metodologia mistagógica do discipulado, discipulado como origem da formação e importância da formação na vivência vocacional fornecem-nos dados importantes para entendermos o

²⁶ Escrito Obra Nova, 4 e 5.

²⁷ Cf. Documento do Capítulo de 2003, Comissão de Formação, 7

que é a formação no Carisma e vocação Shalom, à qual o fundador se refere tantas vezes no Escrito *Obra Nova*.

O formador pessoal deve exercer seu ministério inspirado na metodologia de Jesus que se aproximava dos seus discípulos sem perder a autoridade, exercia o serviço sem perder de vista sua missão, dava o livre abraço à morte por amor aos seus discípulos. Sua inspiração era a figura do pastor que dá a vida por suas ovelhas; que não se aproveita delas, mas delas cuida e a cada uma serve e conhece pelo nome. É esta a inspiração do discipulado na vida do fundador. É isto que o temos visto fazer ao longo de trinta anos, ainda que encontre dificuldades de toda sorte. Como o de Jesus, seu “método” é o mistagógico, isto é, o mistério é transmitido não através da teoria, mas da vivência pessoal e comunitária, como já foi explicado acima.

A formação na vocação Shalom tem sua origem neste dado importante do discipulado de Jesus, Ele não exigia dos seus discípulos a perfeição, mas o caminho. Tal visão autenticamente espiritual é expressa na famosa frase de João Paulo II: “Ser santo não é não pecar, mas, ao pecar, buscar a mão de Deus e continuar o caminho”.

Em nossa vocação, a formação deve ter uma vivência pastoral da misericórdia, o recomeço, a esperança, a correção na caridade, a confiança na ação do Espírito, o estar ao lado, o dar a vida que levaram Jesus a dizer: “Pedro, tu me amas mais que todos os outros?” O mesmo discipulado levou Pedro a ter a confiança de replicar: “Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que te amo”.

Outro aspecto forte da Formação dentro da vocação Shalom é que ela faz parte do processo de evangelização através do discipulado. Não fora assim, o discípulo não se tornaria mestre.

Emmir ainda nos recorda que o nosso primeiro histórico já afirmava que somos chamados a anunciar, evangelizar e formar como uma

*mais nada, que cada pessoa que o Senhor coloque diante deste chamado tenha desejo, queira, se disponha, se coloque como um formando, como alguém que quer crescer, que se deixa formar, que deixa fazer brotar a semente e a árvore que existem dentro de nós para compor o novo jardim do Senhor.*³⁰

Ela continua: “cabe ao formando a coragem, renúncia e disposição de matar e fazer morrer o velho. Dele se espera que, a partir da coragem e disposição advindos do Amor Esponsal, aja para matar o velho e que, através da coragem originada por este mesmo Amor, colabore com o formador para que ambos o façam morrer”.

O Escrito *Obra Nova* atribui ao formador uma responsabilidade imensa. Além de zelar pela vivência fiel do Carisma, necessita de sobrenatural discernimento para detectar os enganos próprios que são o disfarce do “velho” e do pecado – não somente de forma genérica, mas o pecado do *seu* formando específico – para ajudá-lo a extirpá-lo de uma vez por todas de sua vida, a fim de que o Espírito Santo, protagonista da formação, faça o novo brotar, transbordar, brilhar em sua vida.

Além de não ser tarefa fácil, reconhece Emmir, pois o engano próprio não é somente fruto da cegueira de quem por ele é acometido, mas tem o poder de gerar cegueira em quem dele se aproxima. Uma sabedoria que o próprio texto sugere é fazer com que o formando mergulhe nos diversos instrumentos de formação que a vocação oferece: vida espiritual, vida comunitária, estudo bíblico, reuniões e encontros para formação. Sobre isso fala-nos o parágrafo 9: “Se se contrapõe ao novo, seria Deus incoerente nos chamando a vivê-lo? Precisamos na verdade, com coragem e disposição, matar o velho que há em nós e deixar o novo florescer; deixar Jesus (na oração e através da vida, do contato com os irmãos, na formação)

30 Escrito *Obra Nova*, 5.

nos libertar.³¹

Fazendo uma reflexão sobre o parágrafo 12 do Escrito *Obra Nova*, Emmir explica que o referido documento, finalmente, dá ao formador o termômetro para medir a eficácia de sua formação: a vida do formando. Esta é, a um tempo, “material” para a formação, tanto pessoal como comunitariamente e medidor eficaz de sua vivência vocacional: “Seu [de Deus] poder brota na oração, mas concretiza-se, transborda e manifesta-se na vida, no dia a dia, nos relacionamentos, deixando aqueles que têm a missão de serem Seus instrumentos para nos formar executarem sua missão.”³²

O *Obra Nova* deixa, assim, claro, conforme no explica Emmir que, uma vez que nossa santificação é a plena vivência vocacional do Carisma recebido de Deus, expressa em todas as áreas do ser e do fazer e uma vez que o auxílio na santificação do irmão é a missão da formação, o objetivo primordial desta deve ser a vivência de seu formando do Carisma recebido como vocação, lugar de vivência e doação.

Completando sabiamente, nossa Cofundadora afirma que “a formação em todas as suas manifestações³³ é instrumento de ascese, uma vez que a ela se devem o autoconhecimento, o discernimento da verdade, o discernimento e cumprimento da vontade de Deus, a obediência a Deus e às autoridades, a cura interior e a reeducação com vistas à vivência do Carisma”.³⁴

Ao finalizar esse capítulo do seu livro *Obra Nova*, Emmir diz que

31 Escrito *Obra Nova*, 9.

32 Idem, 12

33 Não só pessoal e comunitária, mas também “formação de Deus” que, segundo o fundador, se utiliza do apostolado, do trabalho, “da vida” e age pelo Espírito em nossas almas. Deste assunto o Moysés trata em outros Escritos e a abrangência da “formação” é vista da mesma forma pelos diversos santos místicos da Igreja.

34 Cf. parágrafos 5 a 12

“a colaboração do formador e do formando com seu Primeiro Agente, que segundo nossos Estatutos é o Espírito Santo, educador das almas, é essencial no processo formativo. Através desta colaboração, a formação se torna eficaz instrumento de ascese para que o formando, ao caminhar do Deserto ao Jardim, o faça com e pelo Amado, o Ressuscitado que passou pela cruz”.

Sabemos que todas as dimensões da vida dos formandos são importantes e, por isso, devem fazer parte do processo formativo. Somados a essas, os pontos essenciais da Vocação Shalom não devem ser deixados de serem abordados pelo formador pessoal mesmo que seus formandos não os apresentem.

Precisamos compreender que a santidade não é uma realidade independente a “ser fabricada”, mas a consequência de um crescimento e amadurecimento, de uma transformação lenta, gradual em Alguém que é santo em si. Essa transformação do homem em um santo provoca uma tensão contínua, devido a distância infinita que existe entre a santidade e o homem, mas “ele, sempre que se abre a Deus, participa (com participação que identifica) dele: o homem é a vida da Vida, bondade da Bondade..., santidade da Santidade; participação criada da Santidade não criada”³⁵.

Essas palavras escritas no primeiro capítulo nos ajudam bastante a refletir sobre os pontos essenciais do nosso carisma e a formação pessoal. Precisamos estar conscientes que existe uma ligação muito forte, de natureza humana e espiritual, entre a santidade, em fazer a vontade de Deus e o abraçar os pontos essenciais da vocação Shalom.

O formador e o formando precisam ter sempre diante de si que, como as palavras acima nos fazem ver, a santidade é consequência de um crescimento e amadurecimento, uma transformação lenta e gradual da

35 A Direção Espiritual, pág. 35 – (Tomás Rodríguez Miranda – Paulus – 2009).

pessoa. Quanto a este assunto, os pontos essenciais do nosso carisma não podem ser deixados de lado, eles fazem parte desse processo santificador, e vale a pena salientar, que esses são imprescindíveis, indispensáveis para que a pessoa alcance o projeto de Deus para ela, que ela esteja dentro da vontade santíssima de Deus, que não há como acontecer o processo de santidade em sua vida. Só haverá crescimento e amadurecimento em sua vida em relação à santidade se houver concomitantemente, se não se manifestar ao mesmo tempo crescimento e amadurecimento, uma transformação lenta, gradual no abraçar do carisma e suas especificidades, naquilo que é “típico” do carisma, no abraçar sem reservas o *ser* Shalom.

É importante perceber, também, que a transformação da pessoa em ser Shalom pode ser lenta, mas ela é gradual. Não podemos deixar que não aconteça a transformação, mesmo que ela seja lenta, mas precisa crescer acontecer paulatinamente. A estagnação na evolução do processo vocacional, primeiro seria um engano de estar tudo bem, depois um grave risco, como também um grande prejuízo na vida de um formando. Sua qualidade de vida humana, espiritual e vocacional começaria a *atrofiar*, a sofrer um definhamento, uma decadência.

A formação pessoal e a experiência com o Ressuscitado que passou pela cruz

A Comunidade Católica Shalom nasceu da experiência com o Ressuscitado que passou pela cruz que doa a sua paz aos seus discípulos e os envia a implantar essa paz no coração dos homens. O formador pessoal deve estimar, ter respeito pela experiência dos seus formandos com o Ressuscitado que passou pela cruz. Essa experiência é a fonte para levá-los a ofertar a sua vida para que outras pessoas tenham essa mesma experiência. Através dessa experiência todos nós que somos chamados a ser Shalom nos

tornamos discípulos e ministros da sua paz. Desta forma, esse é um ponto que não pode ser esquecido pelos formadores pessoais em relação aos seus formandos, pois eles devem ser pessoas que testemunham o Carisma da Paz e para isso precisam ser abertos aos dons do Espírito Santo. O formador precisa abordar essa dimensão continuamente e levar seus formandos a uma renovação da experiência com o Ressuscitado que passou pela cruz, porque ela é fundamental. Tudo nasceu desse acontecimento.

A formação pessoal e o ser Família

Outro aspecto importante é reconhecer que a Comunidade Shalom é uma Família. Como os formandos vivenciam essa realidade? Eles se sentem inseridos e parte de uma família? Não se pode negligenciar esse aspecto importantíssimo da vocação e carisma Shalom. É necessário que sejam vencidos todos os obstáculos que se colocam para que essa realidade não aconteça. Essa família é inspirada na diversidade e unidade da Santíssima Trindade. Isso significa que somos diferentes, mas chamados a sermos um. E essa diferença e unidade devem ser vivenciadas através da comunhão de amor na vida comunitária. É inevitável que os formandos vivam a explosão de amor da Trindade que tudo cria, redime e santifica, e assim encontrem o impulso para sua missão.

Quantas pessoas não conseguem abraçar a Obra, se sentir responsável por ela, abraçar seu ministério com ardor e com afinho porque existem “na engrenagem corpos estranhos que se dividem, o funcionamento fica imperfeito, a máquina não funciona, o motor não anda e se desgasta”³⁶. Mas quem são esses corpos estranhos? São aqueles que estão dentro da Comunidade, da Vocação, do Carisma, mas se deixam levar pela mágoa, pelo ciúme, pela competição, pelo desejo de ser reconhecidos, pelo desejo

³⁶ Escrito No coração da Obra em unidade com o Carisma, 13

do carreirismo, pelo egoísmo, pela intriga, pela indiferença aos irmãos mais simples que nada tem e nada são e esses “corpos estranhos, diz nosso Fundador, são as sementes de divisão. Quando não somos um com a Vocação, com a forma de ser Shalom, com o espírito do fundador, quando não estamos encarnando esta forma de ser em nossa vida, estamos atravancando o funcionamento, o crescimento da Comunidade e de toda a Obra”³⁷.

Concluimos com mais uma palavra do Moisés: “A identidade com o Carisma é ponto fundamental para a verdadeira caminhada que os vocacionados precisam tomar. A comunhão com o Carisma, a unidade em torno da Vocação é peça fundamental para a caminhada. Na unidade, encontramos o amor e o amor nos leva a ela. A unidade é a ponte que nos levará ao coração da Obra. Amaremos e nos doaremos à Obra na medida em que formos um com a Vocação”³⁸.

O formador pessoal, incansavelmente, deve realizar um trabalho, com sabedoria e caridade, mas com firmeza para que seus formandos abracem o ser família com determinação e coragem lembrando-se das palavras de São Paulo que nos ensina: “Tal é a certeza que nós temos, graças ao Cristo, diante de Deus. Não por causa de uma capacidade pessoal, que poderíamos atribuir a nós mesmos, é de Deus que vem a nossa capacidade. [...] Foi ele que nos tornou capazes de ser ministros de uma Aliança Nova, não da letra, mas do Espírito; pois a letra mata, mas o Espírito vivifica”³⁹.

A formação pessoal e a vida de intimidade com Deus

- Oração Pessoal e primazia da graça

Em nossos Estatutos, nós nos deparamos com as palavras do Moy-

37 Escrito No coração da Obra em unidade com o Carisma, 14.

38 Idem, 21.

39 2Cor 2,4-6.

sés acerca da espiritualidade Shalom através das quais ele nos faz conhecer que “a intimidade com Deus é o âmago da vida comunitária. Somos uma comunidade de contemplação, nidade e evangelização. Equilibraremos concretamente a vida de intimidade profunda com Deus, a convivência fraterna e o serviço na Vinha do Senhor. A intimidade com Deus é fonte e sustento de toda a vida comunitária. Todo o restante da nossa vida depende de nossa fidelidade a este estar e viver com Deus. Deverá haver especial empenho da parte da formação e na vida comunitária no sentido de desenvolver e sustentar a vida de intimidade com Deus. Que ela seja cultivada e desenvolvida em cada um dos membros da comunidade, uma vez que ela é característica essencial de nossa vocação. O estar com Deus é traduzido pelos profundos momentos de oração pessoal, oração comunitária, estudo da Palavra, Eucaristia, ensino, terço, intercalados na vida de convivência fraterna e de apostolado. Poderemos, assim, fazer da vida oração, já que isto só é possível quando temos oração na vida”⁴⁰.

As próprias palavras acima citadas aconselham os formadores a *terem um empenho especial... [...]. No sentido de desenvolver e sustentar a vida de intimidade com Deus. Que ela seja cultivada e desenvolvida em cada um dos membros da comunidade, uma vez que ela é característica essencial de nossa vocação*. Esses devem sempre abordar seus formandos em relação à dimensão da vida de intimidade com Deus. E sempre que detectarem qualquer dificuldade procurem orientá-los para voltarem ao convívio íntimo com Deus Pai. O formador pessoal deve primar para que seus formandos sejam pessoas de oração. O formando que não faz da vida oração infelizmente não vai muito longe, não conseguirá viver as exigências do Carisma, facilmente fraquejará diante das solicitações da Vocação que não são fáceis, nem

40 ECSh, Cap. III, 3.1,32.

escassas, mas solicitações muitas vezes difíceis devido a nossa pequenez e em número bastante elevados.

O formador pessoal possui a obrigação de alimentar com o fogo do Espírito a vida interior dos seus formandos, porque “sem dúvida, esta é a verdade incontestável e que não pode ser esquecida: o verdadeiro progresso é interior. O exterior é consequência. [...] Isto não significa que devemos negligenciar a obra exterior. Daí reconhecermos que é vontade do Senhor caminhar firmemente neste sentido, sem, contudo esquecermos que tudo depende do nosso interior”⁴¹.

Mais adiante, no Escrito Shalom, o Moysés escreve: “É preciso que Ele pacifique todo o nosso ser dando a vitória ao ‘Homem Espiritual sobre o homem natural’ (I Cor 2, 12-16). Assim, Ele estabelecerá a paz nos nossos corações e pelo seu poder, poderemos transbordar esta paz a todos os que dela tem fome e sede. [...] Nossa vocação tem a união das duas célebres vocações: a da contemplação e a da ação. A contemplação de Jesus Ressuscitado, a vida de oração profunda com Jesus é a fonte da paz, da ação do Espírito Santo, e a ação é a manifestação desta paz que Jesus nos dá, fazendo-nos missionários da paz, missionários do Espírito Santo”⁴².

Como podemos constatar não podemos ter paz sem a vida de oração profunda, sem a contemplação de Jesus Ressuscitado para podermos transbordá-la àqueles que dela necessitam. Como ser Shalom para o mundo se estivermos vazios da paz que vem do encontro pessoal com Jesus? Essa é uma dimensão imprescindível em nossas vidas. Estaremos colocando em risco a nossa vida pessoal e a nossa vida de missionários da paz. “É necessário ensinar os homens a orar, a se voltar para o Senhor”⁴³.

41 Escrito A Profissionalização, 4 e 5.

42 Escrito Shalom, 11 e 12.

43 Idem, 14.

Moisés nos ensina que a oração pessoal diária leva-nos à amizade com Deus e que “a amizade com Deus é o âmago da nossa vocação”⁴⁴. Desta maneira, o formador pessoal precisa conduzir seus formandos para a decisão “pela amizade divina porque crescer nesta amizade é o segredo da vida”⁴⁵. Assim como o nosso Fundador, o formador deve sempre pedir ao Senhor que não permita que seus formandos se contentem em ser somente seus servos, já que Ele os constituiu seus amigos. Ele oferece a cada um a Sua amizade e o cultivo desta amizade trará tudo o mais de que necessitam.

Continua nos ensinando o Moisés que aqueles que se tornam amigos de Deus fazem a experiência de uma fonte que jorra em seus corações o amor divino. E é exatamente esse amor que as leva a eleger para a sua vida todos os instrumentos que lhes ajudem a estar unidas ao Amado. Além do que esse amor conduz a descartar de suas vidas tudo aquilo que atrapalha a união perfeita com Deus. Esse é o Amor Esposal⁴⁶.

Com todo zelo, Moisés testemunha que “em minha caminhada de amizade com Deus, quanto mais me rendia a Ele, mais crescia o amor que reordenava minha vida. O conhecimento de Deus foi-me fazendo trilhar a via do autoconhecimento e esta me foi fazendo compreender que amar a Deus é deixar-me configurar à Sua Santa Vontade”⁴⁷.

Mais uma vez, sublinhamos a importância da vida espiritual que tem como consequência primeira a amizade com Deus e que, quanto mais a pessoa se abandona nas mãos de Deus, mais cresce no amor o qual possui o poder de reordenar sua vida. Moisés faz um apelo quanto à fidelidade à oração e essas são suas palavras: “A nossa vocação é uma experiência de

44 Carta à Comunidade, 55.

45 Idem.

46 Cf. Carta à Comunidade, 58.

47 Carta à Comunidade, 59.

Deus. A fonte primeira da experiência de Deus é a intimidade com Ele. Como fonte, é indispensável deixá-la jorrando, pois é ela que traz vida para nossa vocação. Dizem os nossos Estatutos: *A intimidade com Deus é a fonte da nossa vida comunitária*. Por isso, quero, com carinho e firmeza, lembrar a todos o nosso chamado à oração, nosso chamado à *primazia da graça*. Pela oração, vivemos nossa convicção de que o primeiro lugar deve ser dado à graça. É a graça de Deus que opera em nós as transformações necessárias ao seguimento de Jesus Cristo como Shalom. É a graça que nos santifica, conduz, esclarece, fortifica, firma na vocação e no caminho da paz. [...] Sabemos que, muitas vezes, as exigências da nossa vida podem nos roubar da oração. Entretanto é fundamental mantermos protegido o segredo da nossa vida. Esta é uma das razões para a Comunidade de Vida reservar as manhãs para a oração. A primazia de Deus na nossa vida, de certa forma, se mede pela primazia da oração. É preciso acreditar firmemente que todo o resto da nossa vida nasce aos pés do Senhor e que nada justifica levarmos uma vida apartados desta primazia. [...] *É a oração que nos faz viver nessa verdade, recordando-nos constantemente o primado de Cristo e, consequentemente, o primado da vida interior e da santidade*⁴⁸.

Neste sentido, faz-se necessário ressaltar alguns pontos afirmados pelo nosso fundador:

- A Vocação Shalom é uma experiência de Deus.
- A oração é a *fonte* dessa experiência. Então, sem oração fechamos a fonte da experiência de Deus e a *vocação perde a vida*.
- Sem a oração, perdemos a fonte da nossa *vida* comunitária.
- Temos um *chamado* à oração e à primazia da graça. Importante ser ressaltado com todas as letras que é um *c h a m a d o*

48 Idem 62 e 63.

Deus. A fonte primeira da experiência de Deus é a intimidade com Ele. Como fonte, é indispensável deixá-la jorrando, pois é ela que traz vida para nossa vocação. Dizem os nossos Estatutos: *A intimidade com Deus é a fonte da nossa vida comunitária*. Por isso, quero, com carinho e firmeza, lembrar a todos o nosso chamado à oração, nosso chamado à *primazia da graça*. Pela oração, vivemos nossa convicção de que o primeiro lugar deve ser dado à graça. É a graça de Deus que opera em nós as transformações necessárias ao seguimento de Jesus Cristo como Shalom. É a graça que nos santifica, conduz, esclarece, fortifica, firma na vocação e no caminho da paz. [...] Sabemos que, muitas vezes, as exigências da nossa vida podem nos roubar da oração. Entretanto é fundamental mantermos protegido o segredo da nossa vida. Esta é uma das razões para a Comunidade de Vida reservar as manhãs para a oração. A primazia de Deus na nossa vida, de certa forma, se mede pela primazia da oração. É preciso acreditar firmemente que todo o resto da nossa vida nasce aos pés do Senhor e que nada justifica levarmos uma vida apartados desta primazia. [...] *É a oração que nos faz viver nessa verdade, recordando-nos constantemente o primado de Cristo e, consequentemente, o primado da vida interior e da santidade*⁴⁸.

Neste sentido, faz-se necessário ressaltar alguns pontos afirmados pelo nosso fundador:

- A Vocação Shalom é uma experiência de Deus.
- A oração é a *fonte* dessa experiência. Então, sem oração fechamos a fonte da experiência de Deus e a *vocação perde a vida*.
- Sem a oração, perdemos a fonte da nossa *vida* comunitária.
- Temos um *chamado* à oração e à primazia da graça. Importante ser ressaltado com todas as letras que é um *c h a m a d o*

48 Idem 62 e 63.

de Deus. Se não orarmos, não respondemos positivamente ao chamado divino da oração e da primazia da graça. Quais as consequências disso? A graça não pode nos santificar, conduzir, esclarecer, fortificar, firmar na Vocação e no Caminho da paz.

- A realidade das exigências da nossa vida pode nos roubar da oração. E nosso fundador acrescenta: Entretanto é fundamental mantermos protegido o segredo da nossa vida. Destaca-se aqui o risco que corremos em deixar que outras coisas nos roubem da oração, mas além desse o fato de que a oração é o segredo da nossa vida.
- Ainda, devemos considerar que a medida da nossa primazia à oração é a medida da nossa primazia de Deus na nossa vida.
- Nossa vida vocacional nasce aos pés do Senhor.
- Nenhuma coisa, pessoa, circunstância, fatos podem justificar a nossa infidelidade à oração.

- Palavra de Deus

Dentro da vida de intimidade com Deus existem vários aspectos como sabemos, mas aqui queremos destacar a importância do estudo oracional da Palavra de Deus, porque “ruminar a Palavra de Deus mergulha-nos na verdade e na caridade. Verdade que, como uma espada penetra nas profundezas do nosso ser, julgando as intenções e os pensamentos do coração. Verdade a cujo olhar nada escapa, desnudando tudo. Caridade que, diante da verdade revelada, não produz condenação, mas transforma-se em remédio para a alma. Caridade que consola com a doçura da revelação do amor de Deus, pleno de ternura e misericórdia”⁴⁹.

⁴⁹ Carta à Comunidade, 69.

Diz Santa Teresa de Jesus: Grande coisa é a ciência! Os que a têm nos instruem a nós que pouco sabemos e nos dão luz, de modo que apoiados nas verdades da Sagrada Escritura, fazemos o que é de nosso dever. De devoções tolas, livre-nos Deus”⁵⁰. Todos os cristãos necessitam possuir uma fé iluminada, que conheça a razão da verdade que crê. Desta forma, deve por isso conhecer, estudar, meditar a Palavra de Deus a qual comunica a palavra do próprio Deus. Por ela Deus revela de si aos homens, revela tudo o que diz respeito às suas relações com eles e à salvação eterna da humanidade. Por ela Deus derrama uma graça toda particular capaz de alimentar a fé. A Palavra de Deus possui características próprias, como ser luz, fonte, guia e sustentáculo para os homens.

Isso nos ensina que especialmente nós, que fizemos uma consagração de vida e temos a missão de evangelizar não podemos nos omitir de fazermos o nosso estudo oracional da Palavra de Deus. Devemos ler a Bíblia acompanhada de oração a fim de que se estabeleça um diálogo entre nós e Deus, pois a ele falamos quando rezamos e a Ele ouvimos quando lemos a sua Palavra.

“Não há dúvida de que esse primado da santidade e da oração só é concebível com base de uma renovada escuta da Palavra”⁵¹. E o Moisés nos ensina que: “A todos, CV e CAI, recordo a importância da Palavra de Deus em nossa vida. A leitura orante da Palavra de Deus é um complemento indispensável para uma vida de oração em espírito e em verdade. Se formos negligentes no nosso relacionamento com a Palavra corremos o risco de uma relação com Deus não fundamentada na verdade de Cristo e por isto totalmente estranha ao espírito de nossa vocação. Ao mesmo tempo,

⁵⁰ Livro da Vida (13, 16).

⁵¹ NMI, 39

certa tibieza no nosso relacionamento com a Palavra pode comprometer todo o nosso caminho de transfiguração em Cristo, indispensável para a via de santidade à qual somos chamados⁵². [...] Ruminar a Palavra de Deus mergulha-nos na verdade e na caridade. Verdade que, como uma espada penetra nas profundezas do nosso ser, julgando as intenções e os pensamentos do coração. Verdade a cujo olhar nada escapa, desnudando tudo. Caridade que, diante da verdade revelada, não produz condenação, mas transforma-se em remédio para a alma. Caridade que consola com a doçura da revelação do amor de Deus, pleno de ternura e misericórdia”⁵³.

E ele ainda completa: “Com simplicidade e reverência, irmãos, empenhemo-nos em cultivar o nosso encontro com Cristo em sua Palavra. Ele adestrará nosso ouvido para saber sempre distinguir Sua voz. Ele nos possuirá de tal forma que se tornará quase impossível não comunicá-LO aos outros, tornando-nos cada vez mais servos da Palavra pela vivência e anúncio do Evangelho”⁵⁴.

- Vida de louvor

Segundo o nosso Fundador: “o louvor sempre foi uma das características que mais definiram nossa forma de orar, pois o Espírito e a Igreja nos ensinaram que é nosso dever dar graças, é a nossa salvação darmos glória, em todo tempo e lugar. Com o exercício do louvor fomos descobrindo como é bom e agradável louvar o Senhor”⁵⁵.

A dimensão do louvor em nossas vidas é algo que faz parte do nosso ser mais profundo. Ao contemplarmos a bondade e misericórdia de Deus

52 Carta à Comunidade, 68.

53 Idem, 69.

54 Idem 70.

55 Carta à Comunidade, 22.

diante daquilo que fomos e que, muitas vezes, ainda caímos devido às nossas fraquezas, o nosso coração se enche de gratidão e de louvor. Tudo o que se passou e se passa em nossa vida é motivo de louvarmos a Deus. Nada tem a força de roubar o louvor dos nossos lábios. Deus é grande demais e sua bondade é infinita, portanto, só nos resta louvar.

O louvor possui um estupendo poder, o louvor é uma poderosa arma, por ele lutamos contra o pecado, por ele lutamos contra as situações adversas em nossas vidas e no Reino, por ele reconquistamos os espaços da sociedade para a Trindade, por ele temos tranquilidade e segurança.

O formador pessoal precisa fomentar a graça do louvor na vida dos seus formandos centralizado nas palavras do Moysés: “O *nosso louvor* é, sem sombra de dúvida, testemunho de fé absoluta, de tranquilidade absoluta na ação de Deus. É certeza de que somos cuidados por ele como Pai e que somos servos inúteis que, exatamente por isso, podem ficar tranquilos nas mãos do Senhor”⁵⁶.

- Oração em Comum

Outro aspecto importante para nos formar e fortalecer a vida espiritual é a oração comunitária e nosso Fundador nos adverte: “Em nossa via, a oração comunitária tem um lugar todo particular. A nossa oração comum é um momento de arrependimento, louvor, adoração, escuta e intercessão. Como uma Comunidade carismática de louvor, este marcará de maneira especial o tom da nossa oração, assim como a abertura à ação e unção do Espírito por meio do livre uso dos Seus carismas”. [...] As nossas Comunidades, amados irmãos e irmãs, devem tornar-se autênticas escolas de oração, onde o encontro com Cristo não se exprima apenas em pedidos

56 Louvor-Brasa-Vida, pág. 33.

de ajuda, mas também em ação de graças, louvor, adoração, contemplação, escuta, afetos de alma, até se chegar a um coração verdadeiramente apaixonado⁵⁷.

O formador pessoal necessita trabalhar nessa área da oração comunitária, porque ela não existe para ser apenas um acessório, algo que não é essencial. Ao contrário, ele nos fala de que em nossa via, em nosso seguimento a Cristo, em nosso caminho particular de santificação, a oração comunitária tem um lugar todo particular.

Isso se deve ao fato de ela ser um momento de arrependimento, louvor, adoração, escuta e intercessão, o que caracteriza um momento de muitas graças. O Moisés sempre afirma que “existem coisas que Deus só fala quando estamos juntos”. A cada oração comunitária que participamos de forma verdadeira e profunda somos introduzidos no coração de Deus que derrama sobre nós o seu Espírito Santo o qual nos capacita com seus dons e nos conduz a ação de graças, louvor, adoração, contemplação, escuta, afetos da alma e aquilo que tanto ansiamos ter, um coração apaixonado por Deus. Diante de graças tão verdadeiras capazes de realizar em nós santidade e libertação de coisas que nos afastam de Deus, graças que inflamam nossos corações de um amor que nos leva a fazer tudo por Deus e, assim, sermos felizes.

- Maria

Eva foi aquela que cooperou para que todos nós perdêssemos a graça de Deus, no entanto, Maria colaborou de forma contrária com o seu sim a Deus para que essa mesma graça nos fosse restituída. Jesus é a fonte da graça, mas Maria, como gosta de dizer S. Bernardo, é o canal, o aqueduto pelo qual nos conduz.

⁵⁷ Carta à Comunidade, 82 e 83.

Portanto, todos nós precisamos da intercessão dela, da sua mediação poderosa. Por ela, recebemos graças sobre graças, porque da mesma forma que Jesus veio ao mundo por meio dela, assim, também, toda a graça, toda a vida sobrenatural vem por meio de Maria.

O formador pessoal deve ter uma profunda devoção filial à Maria para desta forma gerar em seus formandos essa mesma devoção. Somos profundamente marianos.

Assim, adverte nosso Fundador: “A dimensão Mariana da nossa espiritualidade nos conduz a uma relação com Nossa Senhora sempre centralizada no mistério de Cristo. Para contemplarmos em plenitude o rosto de Cristo, é indispensável fazê-lo por meio do olhar e do coração de Maria. Na nossa vocação temos Maria como Mãe e Mestre espiritual no caminho da Paz”⁵⁸.

Como queremos ser fiéis ao nosso Deus sem o auxílio de Maria? Como queremos corresponder ao nosso chamado sem a intercessão de Maria? Como queremos vencer a batalha espiritual sem a força de Nossa Senhora?

“Deus amou tanto o mundo que lhe deu seu Filho unigênito... para que seja salvo por meio dele”⁵⁹, diz o evangelista. Assim, ensina S. Boaventura: “Do mesmo modo, Nossa Senhora tanto amou os homens que deu e sacrificou por eles seu único Filho que amava acima de si mesma”⁶⁰.

Esse foi o preço que Maria colaborou com a salvação dos homens. Maria jamais dificultaria a amizade do seu Filho com os homens, já que está tão profundamente consagrada à causa do Filho e incorporada nele no mesmo desígnio.

⁵⁸ Carta à Comunidade, 85.

⁵⁹ Jo 3,16-17.

⁶⁰ S. Boaventura, *Sr I de B.V.M. Op.*, Roma 1588 – 96, III 364.

É ela que, na qualidade de Mãe, torna aberto o caminho para chegar a Jesus e os penetra no conhecimento e no amor dele. É ela que leva os homens ao sacrifício do Filho e ao amor do Pai.

Apesar de sua dependência com Jesus, de sua associação profunda ao Salvador, Maria exerce sua função mediadora em favor da humanidade.

O Concílio Vaticano II afirma que “todo salutar influxo da Bem-aventurada Virgem a favor dos homens flui dos superabundantes méritos de Cristo, repousa na sua mediação, dela depende absolutamente e dela aufere toda a força”⁶¹.

- Eucaristia

A eucaristia é o alimento e a força do cristão. Todas as vezes que recebemos o Corpo e o Sangue de Cristo a nossa vida é envolvida de forma concreta pela vida de Cristo. Essas são as palavras do Moisés a respeito da Eucaristia: ‘Lembro-me de quando, na minha caminhada espiritual, descobri o valor inestimável da Eucaristia. Atraído pela presença de Cristo e animado pelos irmãos, encontrava motivação de acordar-me bem mais cedo que o de costume para participar da celebração eucarística e nutrir a minha alma e o meu corpo com o corpo, o sangue, a alma e a divindade de Cristo. Um dia, não conseguindo acordar, perdi a hora da missa. Durante o dia recebi um cartão, com a imagem de Cristo crucificado e os seguintes dizeres: ‘o amor não se expressa só com palavras’. Aquele cartão ajudou-me a entender mais ainda que qualquer sacrifício que eu fizesse para participar da Eucaristia diária era pequeno diante da grande prova de amor que Ele me tinha dado e que diariamente se renovava no altar’⁶².

61 LG 60.

62 Carta à Comunidade, 73

Todos nós temos necessidade do Corpo e Sangue de Cristo, como sacrifício expiatório de nossos pecados e como sacramento, para alimentar nossa vida sobrenatural. Sem a Eucaristia não podemos viver. Quando o sacerdote consagra dizendo: “Tomai e comei todos, isto é o meu Corpo... Tomai e bebei todos, este é o Cálice do meu Sangue... o Sangue derramado por vós e por todos, para a remissão dos pecados”. É o próprio Cristo que declara a intenção redentora de seu sacrifício e convida os fiéis a participarem dele, pela comunhão eucarística.

Aqueles que não vivenciam a eucaristia diária estão perdendo um grande tesouro, uma imensidão de graças, portanto o formador pessoal deve incentivar de forma incisiva a participação no banquete eucarístico.

Como é fonte de muitas graças, a eucaristia invade o coração de cada pessoa que dela se aproxima com uma graça ímpar, o amor divino que se apodera do homem e gera nele um dinamismo cada vez mais forte que continuamente o solicita a procurar novos meios de agradecer a Deus, de lhe testemunhar fidelidade, de trabalhar pela sua glória.

- Adoração ao Santíssimo

Em relação à adoração ao Santíssimo, é valioso lermos o que o Moisés escreve: “Como expressão do nosso amor pela presença real de Cristo na Eucaristia, como fonte de Paz para o orante e como lugar privilegiado de intercessão pela pacificação dos corações dos homens, o Senhor nos deu a Adoração ao Santíssimo Sacramento. [...] É grande fonte de alegria e de robustez espiritual o fato de termos adoração perpétua a Jesus na Eucaristia. Aqui manifesto todo o meu contentamento com todas as Comunidades que conseguem manter esta adoração permanente. Manifesto a minha gratidão a todos os irmãos que gozam do privilégio de sustentarem esta adoração, constituindo-se adoradores e força de intercessão para a vida e missão da Comunidade. Consola-me diante dos desafios e das provações do exer-

cício da minha missão, lembrar que naquele momento existem irmãos que se unem e me sustentam com suas orações. Obrigado!”⁶³.

Essas palavras ressaltam como é de grande importância à adoração ao Santíssimo Sacramento, porque é através deste sentimento que expressamos nosso amor pela presença real de Cristo na eucaristia. Se fraquejarmos em nossa fidelidade a esse momento, ficamos sem mais uma oportunidade de manifestar o nosso amor a Deus e isso é lastimável. Esse é um momento que requer sacrifício, renúncia e doação de vida que são instrumentos poderosos de santificação. A adoração ao Santíssimo Sacramento é um sustentáculo para a nossa vida pessoal e comunitária, mas também pela Obra e as autoridades.

Também, é fonte de paz para os corações daqueles que oram. E nós sabemos que nesse mundo tão conturbado, o quanto precisamos de paz do nosso interior: “Para sermos portadores da paz, para vivermos a Bem-Aventura dos pacíficos, temos que deixar que Deus nos pacifique interiormente, que pacifique a nossa confusão interior, a luta das nossas paixões, a nossa busca de auto-satisfação, os apelos da carne, os nossos pecados, o nosso egoísmo, a nossa sede de orgulho e vaidade”⁶⁴.

Assim, inundados de paz, inundados pela presença viva de Jesus que age em nós em primeiro lugar, somos ungidos para sermos anunciadores da sua paz: “É aí que se manifesta o desígnio de Deus para a nossa vocação. Em um mundo marcado pelo pecado, ‘que errou bastante acerca do conhecimento de Deus, onde reinam tantos males, o ocultismo, a não conservação da pureza nem na vida, nem no matrimônio, a impureza, o adultério, sangue, crime, roubo, fraude, corrupção, deslealdade, revolta,

63 Carta à Comunidade, 79 e 80.

64 Escrito Shalom, 10.

perjúrio, perseguição dos bons, esquecimento da gratidão, impureza das almas, inversão sexual, desordens no casamento, despudor e etc., e ainda se diz em paz⁶⁵; o Senhor nos chama a sermos anunciadores da Sua paz⁶⁶, a vivermos e proclamarmos a Sua Paz. Ao levarmos com a nossa vida, com a nossa palavra, e com o nosso testemunho, o *Shalom* de Deus aos corações; ao sermos instrumentos de reconciliação do mundo com Deus; a anunciarmos com todo o nosso coração, com todas as nossas forças, a salvação de Jesus Cristo e o Seu Evangelho⁶⁷.

Portanto, o formador pessoal deve primar pela fidelidade de seus formandos quanto à adoração ao Santíssimo Sacramento. Muitas vezes a razão da infidelidade é o não conhecimento do valor, o reconhecimento das graças contidas e dispensadas por essa prática.

- Retiros pessoais e comunitários

Periodicamente, cada membro da Comunidade retire-se durante um dia para, na solidão, encontrar-se com o Senhor. Que se façam retiros pessoais mais prolongados antes dos momentos fundamentais da caminhada vocacional (Promessa Temporária, Promessa Definitiva, Votos no Celibato, Ordenação, Matrimônio...). Uma vez por ano, no mínimo, ou conforme a necessidade, cada Casa da Comunidade de Vida e cada Célula da Comunidade de Aliança encontre-se para um retiro comunitário. Em cada Diocese, além deste retiro, a Comunidade de Vida participe de um retiro anual em comum com a Comunidade de Aliança⁶⁸.

65 Sb 14, 22-26

66 Is 52

67 Escrito Shalom, 6.

68 FCCSh 47.

A formação pessoal e a evangelização

“Evangelizar, para nós, é, no poder do Espírito e com o auxílio dos Seus carismas, anunciar Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tantos judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus (I Cor. 1, 23-24). Mas, a este Jesus Cristo, Deus ressuscitou dentre os mortos, e disto nós somos testemunhas”⁶⁹.

Dentre todos os sofrimentos humano, o maior deles e a origem de inúmeros males é a falta do conhecimento de Cristo, é a ausência do encontro pessoal com Ele, o encontro que preenche o interior do homem e extermina com todo sofrimento e dor. O homem busca a felicidade sem saber onde encontrá-la, porém ao experimentar o encontro pessoal com o Senhor, encontra o sentido da sua existência e a resposta para a sede de felicidade que existe em si. Essa experiência transformadora não nos deixa ficar indiferentes a todos os homens de todas as partes do mundo, pois ela nos leva a anunciar Jesus.

O Moysés nos envia a evangelizar e escreve: “Ofertar a vida a Jesus Cristo. Ofertar a vida à Igreja. Ofertar a vida à Humanidade. Evangelizar! Evangelizar como Jesus evangelizou, ofertando a vida! Evangelizar com ousadia e criatividade!”⁷⁰.

E ele continua com palavras bastante incisivas: “Aos irmãos da Comunidade faço um apelo para que, sem temor e com ousadia possamos evangelizar em nosso ambiente de trabalho, de estudo e familiar. Que também nos ambientes mais variados, onde ocasionalmente possamos nos encontrar, não tenhamos constrangimento algum de anunciar Jesus Cristo. Lembremo-nos que toda oportunidade é única para que a pessoa que está

69 Carta à Comunidade, 128.

70 Idem, 135.

diante de nós possa conhecer a misericórdia de Cristo”⁷¹.

Afirma o Vaticano II: “a caridade para com Deus e os homens... é a alma de todo o apostolado”⁷².

A formação pessoal e a comunhão de bens ressaltando o relacionamento com o uso dos mesmos.

O formador pessoal da Vida deve ressaltar para os seus formandos que os mesmos são chamados a viver a experiência de total abandono de suas vidas nas mãos de Deus. Além do que a Providência é a garantia do seu sustento, por isso devem viver todos os aspectos de suas vidas na dependência do Senhor. O que deve ser ressaltado são os seguintes pontos:

- Nada possuir como propriedade pessoal;
- Abertos à doação;
- A pobreza e a sobriedade devem refletir-se em toda as áreas das suas vidas;
- Em situações materiais difíceis e prolongadas busquem a conversão do coração e a reconciliação com o Senhor e com os irmãos para que os canais da Providência jorrem mais livremente.

Já o formador pessoal da Aliança necessita animar com generosa firmeza a importância da comunhão de bens na vida dos seus formandos avivando a consciência deles no sentido de que:

- são chamados por Deus a viverem o espírito evangélico da pobreza;
- de que a riqueza a ser perseguida é o próprio Deus;
- da renúncia a toda idolatria do possuir;
- de que os bens devem ser colocados como instrumentos de co-

⁷¹ Idem, 165.

⁷² LG 33.

munhão e serviço

- que a economia do Reino é a Providência de Deus;
- tudo de que dispõem é dom de Deus;
- somos apenas administradores dos dons que Deus nos dá;
- a generosidade deve ser uma marca das nossas atitudes levando em conta as urgências da missão.

O que vai ajudar os membros da Comunidade de Aliança a viverem o espírito evangélico da pobreza é a comunhão de bens. O espírito da comunhão de bens é de partilha. Dentro desse espírito de partilha a nossa atitude e entendimento é de colocarmos aos pés do Senhor, da Comunidade, e dos mais pobres aquilo que o próprio Deus nos deu. Essa forma de agir promove o crescimento da consciência de que os bens materiais são dons de Deus, devem estar ordenados em vista do nosso verdadeiro bem e finalmente de produzir o bem em favor dos outros.

Gabriel de Sta. Ma. Madalena nos diz que “o rico da parábola evangélica que banquetearia suntuosamente, enquanto o pobre Lázaro geme à sua porta, não é condenado por Jesus pelo simples motivo de possuir muitas riquezas, mas porque a elas apegou o coração e coloca todo o seu bem em delas gozar, completamente esquecido de Deus e do próximo”⁷³

A formação pessoal e a vivência do estado de vida

O mundo nos ensina a mentira no lmesma coisa daquelecomo aquele ditado que diz: “vende lebre por lobo”. Tantas coisas são transformadas em nossas vidas a partir do nosso encontro com a Vocação e Carisma Shalom. E um dos pontos que isso acontece, graças a Deus, é a vivência do estado de vida. O Moisés diz: “Outro ponto que precisamos assimilar neste

73 Intimidade Divina, 64,2

novo, é que Deus tem um plano acima de tudo isto, que Ele não é incoerente, por mais estranho que às vezes os acontecimentos possam parecer. Faz parte do plano do Senhor para nós dar-nos relacionamentos novos, maduros, adultos, verdadeiramente fundamentados no Senhor, que os ventos e tempestades não podem derrubar, pois se fundamentam na vontade de Deus e já terão sido provados pelo fogo⁷⁴.

- Deus tem um plano acima de tudo isto que tem a mentalidade do mundo, mentalidade hedonista, relativista, individualista. Significa dizer que o que se vive no mundo em relação ao estado de vida está longe da vontade de Deus. Essa vontade de Deus pode até parecer estranha, mas é a verdade para o homem que nasceu para amar no sentido verdadeiro, criado por Deus. O homem foi criado para amar com um amor de oblatividade, com um amor que quer o bem do outro, não um amor que quer tirar proveito do outro.
- O que faz parte do plano do Senhor para cada um de nós em relação ao estado de vida? Deus quer dar ao homem a graça de viver relacionamentos novos, maduros, adultos, verdadeiramente fundamentados nele. Quer dizer, “ao homem e à mulher de hoje... são oferecidas visões e propostas mesmo sedutoras, mas que comprometem em medida diversa a verdade e a dignidade da pessoa humana. É uma oferta frequentemente sustentada pela potente e capilar organização dos meios de comunicação social, que põem sutilmente em perigo a liberdade e a capacidade de julgar com objetividade⁷⁵... O Espírito, que o Senhor

74 *Íscrito Estado de Vida*,

75 *Familiaris consortio*, 4.

infunde, doa um coração novo e torna o homem e a mulher capazes de se amarem, como Cristo nos amou”⁷⁶... O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se não o experimenta e se não o torna algo próprio, se nele não participa vivamente”⁷⁷.

Vejamos o que nos diz mais nosso fundador: “O estado de vida é um dom [de Deus]. Não só uma escolha humana, mas primeiramente uma escolha divina e um dom, uma graça, uma dádiva que Deus dá para que a pessoa possa amar e servir melhor a Deus e aos irmãos. Deus dá essa graça porque, dessa forma, e nesse caso específico, nós, [que fomos pensados por Deus e criados para uma determinada forma de vida] podemos nos doar em abertura e serviço. Por isso, nenhum dos três estados de vida poderá jamais ser vivido numa perspectiva egoísta, individualista”⁷⁸.

Então, o formador pessoal possui uma matéria primamateria-prima belíssima e profunda para realizar um trabalho na vida dos seus formandos em relação ao matrimónio, ao celibato e ao sacerdócio. Ressaltamos as frases ou palavras que fornecem significado para a vivência do estado de vida, como: Deus tem um plano que está acima de tudo, amor de oblatividade, Deus criou o homem e a mulher capazes de se amarem, como Cristo nos amou, o estado de vida é um dom de Deus, Deus dá essa graça porque, dessa forma, podemos nos doar em abertura e serviço, o estado de vida não pode ser vivido numa perspectiva egoísta e individualista.

⁷⁶ Familiaris consortio, 13.

⁷⁷ Idem, 18.

⁷⁸ Belo é o Amor Humano, pág. 22.

A formação pessoal e os compromissos comunitários (formação da célula, oração comunitária e lazer)

Os compromissos comunitários fazem parte do processo formativo. Desta forma, se alguém se exclui desses compromissos perdem muito na sua formação e ficam vulneráveis correndo o risco de não viver a contento a sua vocação. Os nossos Estatutos nos dizem: “Somos chamados, acima de tudo, a SER Shalom. Este SER Shalom corresponde à obra nova⁷⁹ que somos chamados a viver e percorrer. Nossa primeira missão é a nossa fidelidade à nossa forma de vida comunitária e à nossa missão comum”⁸⁰.

O formador pessoal deve ter todo apreço com a fidelidade de seus formandos em relação aos compromissos comunitários porque essa fidelidade é a nossa primeira missão. A fidelidade à nossa forma de vida coária é a base onde sobre a qual vamos construindo o nosso edifício vocacional.

Não se pode querer ser senhor absoluto da própria vida, nem muito menos resistir ferrenhamente à vontade de Deus para que não passemos de discípulo para inimigos dos sacrifícios, das exigências vocacionais, das necessárias renúncias. Quantas coisas boas fazem parte da Vocação e Carisma Shalom, quantas verdades conhecidas através delas e, todavia, não se pratica, mas ficam releao campo das idéiasideias.

A formação pessoal e os valores da disposição, renúncia e ragem

Disposição

O Moysés também nos ensina: “Para vivermos este novo, é necessário estarmos dispostos a fazer morrer o velho que existe em nós, e que com facilidade disfarçamos de novo, e até de nossa identidade - dizemos que nós

79 cf. Ia 43,19-21

80 RCCSh, preâmbulo, III.

somos assim mesmo e etc. Porém, se é velho, Deus não quer que continue em nós. Se se contrapõe ao novo, seria Deus incoerente nos chamando a vivê-lo? Precisamos na verdade, com coragem e disposição, matar o velho que há em nós e deixar o novo florescer; deixar Jesus (na oração e na vida, do contacto com os irmãos, na formação) nos libertar”⁸¹.

A disposição significa a mesma coisa que pronto para o que der e vier, determinado, animado, vivo para fazer a vontade de Deus e da mesma forma fazer morrer o velho em sua vida, fazer morrer a vida velha que o leva a destruição. A disposição, o estar pronto para o que der e vier o torna capaz de mudar de vida, de deixar Deus limpar o seu interior para abraçar a vida nova. Esse estado da alma faz com que a pessoa seja atingida pela graça que age transformando interiormente o homem, infundindo nele a fé, o exercício das virtudes, crescimento no amor, ascensão para a santidade. A disposição promove no homem a abertura de coração para superar as paixões e hábitos maus, e abraçar a mudança de mentalidade e conduta.

A Vocaçao e o Carisma Shalom é a vida nova que Deus chama todos que fazem parte desse caminho a viver. Para viver essa vida nova se faz necessário que matemos o velho que há em nós. Mas esse não é um trabalho fácil, pelo contrário é um trabalho árduo, um trabalho que requer determinação, um trabalho que requer decisão diferenciada, um trabalho que requer fazer morrer os apelos da nossa carne que resiste sem trégua para sobreviver e nos fazer para sempre velhos, sem vida, mortos. Somente assim pode florescer o novo, somente assim daremos espaço para a ação de Jesus em nossas vidas.

Dentre os instrumentos poderosos para nos ajudar a fazer morrer o velho em nós, o nosso Fundador, elenca a formação. Ela tem papel

81 Escrito Obra Nova,9.

fundamental nesse caminho de morte para renascer para uma vida nova. Portanto, o formador pessoal deve usar de toda sabedoria para ajudar seus formandos a abandonarem o que caducou para assumir a vida nova oferecida por Jesus. Gradativamente os formandos precisam ir encarnando na sua vida a forma de SER Shalom.

Renúncia

Saber esquecer-se de si e de seus projetos constrói uma base sólida para quem deseja seguir os valores do evangelho, da Vocação e do Carisma Shalom. A renúncia vai esvaziando o ser humano para que ele se coloque em total dependência de Deus. Capacita-o para aceitar a própria condição de criatura, que, de próprio, nada têm, mas tudo o que possui recebeu de Deus. O negar-se a si próprio é um caminho de humildade, de verdade, de assumir o lugar de pobre diante de Deus, consciente de nada ter e nada poder sem o auxílio divino.

Aquele que sabe renunciar a si mesmo e aos seus projetos assume o lugar de pobre, mas pobre confiante, consciente de ser amado por Deus como filho e, de poder sempre confiar em seu socorro. Assume, assim, o lugar da pecadora perdoada, o lugar de irmão, capaz de enxergar o outro, é sensível às suas necessidades, solícito em compartilhar com os outros seus bens, mais desejoso em servir do que ser servido.

O formador pessoal não deve temer que seu formando se exercite na renúncia das suas próprias opiniões, desejos e sonhos, recebendo assim a força profunda do Espírito Santo, livre das glórias e honras, fixado o olhar em Deus. É habilitado para testemunhar a Cristo e a sua verdade, sem colocar nenhum obstáculo, ao contrário é livre nas mãos de Deus. Não coloca resistência à ação divina em si e em favor da humanidade. Vive a graça do escondimento, de se baixar para que Cristo cresça e os

irmãos recebam o deviatenção.

Ensina-nos São João da Cruz: “Pouco importa ser fino ou grosso o fio que amarra o passarinho, porque, em ambos os casos, está igualmente preso, enquanto não o romper. Verdade é ser mais fácil romper o fino, todavia, se não o romper, não poderá o pássaro voar”⁸².

A renúncia ajuda cada pessoa a se desamarra de tantos apegos e hábitos imperfeitos. Só a renúncia generosa pode romper esses laços e dar-lhes a plena liberdade de espírito.

Coragem

“Ouve, Israel. Ides hoje combater: que vossa coragem não desfaleça! Não temais, nem vos perturbeis, nem vos deixeis amedrontar por eles. Porque o Senhor, vosso Deus, marcha convosco para combater contra os vossos inimigos e para vos dar a Vitória. Os oficiais dirão ao povo: “Há alguém medroso e de coração tímido? Que esse volte para casa, não suceda que o coração de seus irmãos desfaleça como o seu”⁸³. Essa passagem está descrita no Escrito Obra Nova para nos advertir quanto ao perigo de desfalecermos diante daquilo que o Senhor deseja para nós. Precisamos vencer todo medo que se levanta no caminho da paz que somos chamados a trilhar. Medo dos desafios que não são poucos, medo do sofrimento, medo de realizar algo maior do que nós mesmos, medo de amar, medo de se arriscar, etc. No entanto, não podemos dizer a Deus que cumprimos a sua vontade e não cumprimos. Seremos como aqueles que Jesus denuncia: “Dizem e não fazem”⁸⁴.

O medo nos paralisa e nos impede de sermos coerentes com aquilo

82 Sl, 11.4.

83 Dt 20,3-4 e 8.

84 Mt 23,3.

que prometemos a Deus fazer. Todos os homens podem até pecar pela incoerência de vida, mas aqueles que trilham ou ofertam suas vidas a Deus em uma consagração de vida tem o dever de testemunhar com atitudes a essência da sua Vocação e Carisma, no nosso caso, Shalom.

Os que são medrosos possuem dificuldades para viver toda a riqueza que recebe de um carisma, porque se tornam medíocres e a mediocridade impede a santidade pessoal que redunde em prejuízo de toda a Igreja.

Ao contrário, a coragem dar forças a pessoa para viver as mais altas exigências, infunde amor nos corações para capacit -los a fazer o que Deus quer, porque esse amor   autêntico e d  sem calcular, sem se poupar, d  às pr postas.

Todos esses os aspectos abordados nesse capítulo precisam ser interpelados pelo formador pessoal aos seus formandos pidas passo a passo se condicionem passo a passo ao que Deus quer.

A formação pessoal e o espírito de pobreza, obediência e castidade

O espírito de pobreza

O espírito de obediência

Diz São Paulo na sua carta aos Hebreus: "Jesus, embora fosse Filho de Deus aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu; e, consumado em perfeição, tornou-se a causa da salvação eterna para todos os que lhe obedecem"⁸⁵.

O espírito de castidade

⁸⁵ 11b 5,8-9.

A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NA FORMAÇÃO PESSOAL

A formação pessoal supõe necessariamente a ação do Espírito Santo. Ele é o inspirador, estimulador e formador pessoal em pleno sentido da palavra. A liderança da formação pessoal é do Espírito Santo. Se o formador não levar em conta o auxílio do Espírito Santo a formação se converterá em mero acompanhamento, troca de idéias ou poderá ainda enveredar para o descaminho tanto do formando quanto do próprio formador.

A formação sem o Espírito Santo é estéril, porque o itinerário espiritual humano é traçado por Deus e concretizado por Ele. Somente o Espírito Santo atinge o ser da pessoa profunda, realizando o que nenhum formador, por mais capacitado que seja consegue fazer. O Espírito Santo inspira quando e como quer, a atitude do formador deve ser de abertura e docilidade a Ele, que reflete “sua voz na consciência em forma de orientação, como agulhas sensíveis por meio das ‘moções espirituais’”. As moções espirituais são certas atrações ou recusas induzidas por ele no espírito humano, com repercussão em toda a pessoa, sobretudo em seu nível sensível e emocional. Ainda que, por não estar preso a nada, o Espírito possa guiar por uma infinidade de modos: acontecimentos, co

Assim, deve ficar claro para o formador pessoal que ele não pode controlar o Espírito Santo por suas próprias necessidades e preferências, porque o Espírito age de acordo com a condução do Pai, de acordo com o Pai. Desta forma, Deus conduz o formador a caminhar por direções desconhecidas para ele e exige do formador uma abertura ao inusitado, sempre dentro das nuances da vocação estabelecidas por Deus, porque ninguém conhece mais profundamente a vocação e a pessoa do formando do que o próprio Deus.

É o Espírito Santo que capacitará o formador para ajudar o seu formando a viver a vontade de Deus. Por isso, é preciso que o formador se disponha ouvi-lo a respeito do formando, antes, durante e depois do encontro formativo, embora deva ter consciência de que, na formação pessoal não estão envolvidas apenas duas pessoas, mas três, o Espírito Santo, o formador e o formando, como nos adverte Tomás Miranda: o formador pessoal “está ali, perto de seu *formando*, para ajudá-lo a perceber a ação de Deus em si mesmo. Os dois estão juntos, submetidos ao Espírito do Senhor, que fala mais ao *formando* do que ao *formador*”⁸⁷.

Neste sentido, impõe-se ao formador a necessidade de escutar o formando e discernir, de acordo com as moções do Espírito, aquilo que vem dEle nas suas palavras, jamais desprezando-as ou distorcendo-as, mas procurando interpretar, à luz de do Espírito, os apelos de Deus em seu coração.

Faz-se necessário fazer um parêntese aqui, porque é certo que quem deve conduzir a formação é o Espírito Santo, mas Ele age na razão humana, Ele ilumina e concede a força a razão humana. Assim, “a *formação pessoal* é aquela que tem como formador pessoal o Espírito Santo

87 Idem pág. 157.

e se apoia na retidão do coração que esse mesmo Espírito constrói. A conduta humana equilibrada é regida pela lei interior que surge do autor da *retidão de coração*; e essa retidão de coração significa que o eu profundo se tornou bom (o coração se tornou bom), e na medida em que se tornou bom, é dócil ao Espírito. O *formador pessoal* será precisamente a mediação hana do Espírito. A O *formador pessoal* só poderá ajudar o coração a se manter reto e dócil, mas nunca será capaz de tornar reto o coração porque isto é obra e dom de Deus para aquele que se abre a ele”⁸⁸.

Para nós da vocação Shalom é muito claro que, se “Deus não edificar, em vão trabalhar os que edificam”⁸⁹. Por isso, é necessário que cada um disponha-se a colocar-se nas mãos de Deus. Neste sentido é que o formador pessoal jamais pode estar focado em si, no reconhecimento de suas qualidades, em ser visto, em chegar ao topo, em receber a glória de todos, em confiar mais em si mesmo do que em Deus. Ao contrário, o formador pessoal deve sempre cantar um hino ao primado da graça e realizar a contento a missão que lhe foi confiada, dando cada vitória a Deus e à graça que ambos receberam na formação.

O formador pessoal precisa se converter ao primado da graça, a ação do Espírito Santo. Contando com a graça divina será capaz de realizar maravilhas na vida de seus formandos. Segundo nosso fundador, Moysés Azevedo, “aquele que insiste em fazer algo para Deus, mas sem Deus”, trabalha em vão. E podemos parafrasear suas palavras afirmando: aquele que insiste em formar para Deus, mas sem Deus, forma em vão. Será uma formação estéril, ineficaz ou pior, obstrução do que Deus quer fazer.

88 Idem, pág. 157

89 Sl 127,1

O Espírito Santo traz ao coração do homem a vitalidade, a unção, a clareza da sua vontade, o caminho a seguir, porque o coração do formando é bastante complexo, a vida dele é algo que o formador não pode sozinho conduzir. Muitas vezes, o formador se depara com situações da vida do seu formando que está além de suas possibilidades e entendimentos. Situações que lhe ultrapassam, situações diante das quais se sente pequeno e impotente. Então, surge a necessidade de se colocar debaixo da graça de Deus, da força do “Alto” para receber a capacidade de fazer coisas sobrenaturais que sua natureza jamais poderá fazer. O Espírito Santo capacita o formador pessoal a dizer e a fazer coisas que sem Ele seriam impossíveis, mas que apontam ao formando a única direção possível e necessária: Deus.

O evangelista São João descreve uma frase de Jesus: “Se permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós, pedi o que quiserdes e vos será concedido. O que glorifica meu Pai é que produzais frutos em abundância e sereis meus discípulos” ⁹⁰. Essas palavras de Jesus asseguram que a graça divina opera a vitalidade necessária para se abraçar a vontade de Deus, a abundância dos frutos de conversão e santidade, configuração a Cristo, discipulado do amor. Na formação pessoal essa vitalidade opera nas duas direções, na vida do formador e na vida do formando.

O Catecismo da Igreja Católica nos ensina que: “A graça é antes de tudo e principalmente o dom do Espírito que nos justifica e nos santifica. Mas a graça compreende igualmente os dons que o Espírito nos concede, para nos a associar à sua obra, para nos tornar capazes de colaborar com a salvação dos outros e com o crescimento do corpo de

⁹⁰ Jo 15,7.

Cristo, a Igreja. São as graças sacramentais dons próprios dos diferentes Sacramentos. São, além disso, as graças especiais, chamadas também “carismas”, segundo a palavra grega empregada por S. Paulo e que significa favor, dom gratuito, benefício. Seja qual for seu caráter, às vezes extraordinário, como o dom dos milagres ou das línguas, os carismas se ordenam à graça santificante e têm como meta o bem comum da Igreja. Aham-se a serviço da caridade, que edifica a Igreja”⁹¹.

Vejamos que ensinamento interessante, a graça associa o ser humano à obra do Espírito Santo, quer dizer, a graça torna o homem sócio do Espírito Santo e assim faz com que ele tenha a capacidade de colaborar com a salvação dos outros. Trazendo para a realidade da formação pessoal, a graça capacita o formador para colaborar na salvação do seu formando, mas a graça vai além porque ela se manifesta ao mesmo tempo na vida do formando. A vontade de Deus manifestada na formação é derramada como graça sobre o formador para que ele seja capaz de ministrá-la sobre seu formando e é inserida no coração do formando retirando dele possíveis resistências. Por isso há uma diferença extraordinária entre uma formação realizada conduzida pela graça do Espírito Santo e a que é realizada de forma simplesmente humana.

Como saber se formando e formador estão enveredando pelos caminhos da graça? Diz o Catecismo da Igreja Católica que quando Sta. Joana d’Arc foi interrogada de forma ardilosa pelos seus juízes eclesásticos sobre a ciência se ela estava ou não na graça de Deus, ela respondeu: “Se não estou, que Deus me queira pôr nela; se estou, que Deus nela me conserve”⁹². Assim deve ser a atitude do formador pessoal a mesma de

91 Catecismo da Igreja Católica, 2003.

92 Idem, 2005.

Sta. Joana d'Arc. Um caminho de fé, pois aqueles que buscam sinceramente fazer a vontade de Deus com retidão de coração podem descansar nEle, que sempre o levará pelos melhores caminhos.

A formação pessoal deve paulatinamente fazer avançar o progresso espiritual que nada mais nada menos é do que a união sempre mais íntima com Cristo, até chegar mesmo a união "mística". Essa é a vontade de Deus que ao mesmo tempo é colocada como aspiração no coração do homem que recebeu o Espírito Santo. O que acontece? Porque isso é possível? Quem torna isso acessível a seres tão pequenos, vasos de argila, fracos, pecadores? O Espírito Santo com a sua graça. O que cada homem batizado possui em seu coração é a lei interior que o impulsiona a fazer a vontade de Deus sem ser por coação, por obrigação, mas por amor. O Espírito Santo ele realiza um movimento interior que impulsiona o homem ao caminho de santidade. Para nós que somos Shalom, o Espírito Santo nos impulsiona a abraçar com alegria, com entusiasmo a nossa Vocação e o nosso Carisma, com tudo o que eles nos solicitam. Passamos do estado de sermos "carreiristas" para a fase do amor sem interesse e sem vanglória.

O Espírito Santo deseja ardentemente derramar sobre os nossos corações graças especiais, sinais extraordinários desta vida divina. O Espírito Santo nos introduz no mistério de Cristo e, nele, no mistério da Santíssima Trindade.

A via de santidade, que é a Vocação Shalom, o Carisma Shalom, considerado pela Igreja também como um caminho de perfeição, passa pela cruz. Como afirma nosso Fundador: "É um caminho de e para a felicidade. Este caminho, no entanto, é como o caminho de Jesus: exige coragem, sacrifício, renúncia, pois é caminho de cruz para que a cada dia possamos colher a Ressurreição. É um caminho de felicidade, mas nem por isto deixará de ter as barreiras, dificuldades, sofrimento. Diria

até que, exatamente por ser um caminho de felicidade, tudo isto irá existir. Para trilhá-lo, deveremos ter três grandes graças: CORAGEM, RENÚNCIA E DISPOSIÇÃO para abraçá-lo”⁹³.

O Catecismo da Igreja Católica vem atestar as palavras de Moisés: “Não existe santidade sem renúncia e sem combate espiritual. O progresso espiritual envolve ascese e mortificação, que levam gradualmente a viver na paz e na alegria das bem-aventuranças: Aquele que vai subindo jamais cessa de progredir de começo em começo, por começos que não têm fim. Aquele que jamais cessa de desejar aquilo que já conhece”⁹⁴.

Como vivermos toda essa graça de santidade que nos eleva, que nos enche de alegria, júbilo e paz sem a força do Espírito Santo. Muitas vezes estamos abraçando outras coisas, nos desviando do essencial e consequentemente caminhando para a perdição e infelicidade porque não somos mais aqueles *amigos íntimos* do Espírito Santo, porque nos apegamos muito mais a nossa própria visão turva, as nossas forças puramente humanas, os nossos próprios projetos confusos sem sabermos qual o início, meio e fim porque não deixamos que seja liberada a lei divina que foi colocada em nossa alma, escrita em nosso coração⁹⁵. Precisamos dar poderes ao Espírito Santo sobre a nossa vida, precisamos clamar o *sopro do Ressuscitado, o doador da vida*.

O Espírito Santo se coloca à nossa disposição e coloca à nossa disposição os meios, os dons infusos e carismáticos, as virtudes que necessitamos para vivermos a vontade de Deus. Ele deseja transformar a nossa situação interior. E essa é uma ação que deve sempre acontecer por conta da formação pessoal feita no Espírito derramado sobre o formador e o formando. Precisa ser para os dois senão nada acontece de valor. O Espírito

93 Escrito Obra Nova, 1.

94 Catecismo da Igreja Católica, 2015.

95 Cf. Jr 31,33.

retira do formador e do formando a vida *vivida para si mesmo*, o homem velho com todas as suas mazelas e pecados. O Espírito Santo é um aliado para que possamos viver a vocação Shalom como Deus deseja que ela seja vivida. Ele deseja tomar posse dos corações, o do formador e o do formando. Ele quer realizar a mudança do coração no momento da formação, ele faz com que o coração do formando tenha a alegria, a fazer com gosto aquilo que Deus lhe pede e chama a viver segundo a Vocação Shalom.

O Espírito Santo está vivo e ativo para nos ajudar a viver a nossa Vocação e nosso Carisma. Sem a graça interior dele tudo é sem graça, sem vida, sem alegria, sem entusiasmo. Tudo se torna uma lei velha, um peso, um jugo, algo desfavorável, impertinente. Mas com a sua graça tudo o que era velho torna-se novo, nobre. Os homens tornam-se novos com o coração ardendo da chama do amor a Cristo. É assim que acontece com o formando conduzido pelo Espírito, o formando o qual o seu formador o lança nas mãos do Espírito, nada o força, ele é atraído pelo desejo, pelo amor, pelo dinamismo que o conduz a fazer tudo o que Deus quer.

“Ó graça verdadeiramente celestial, sem a qual nada valem os próprios merecimentos, nem apreço merecem os dons naturais! Nada valem diante de vós, Senhor, as artes e a riqueza, a formosura e a fortaleza, o engenho e a eloquência - sem a graça. Porque os dons da natureza são comuns aos bons e aos maus; mas a graça ou caridade é peculiar dos escolhidos, porque os tornam dignos da vida eterna. Tão excelente é esta graça, que nem o dom da profecia, nem o poder de fazer milagres, nem a mais alta contemplação tem valor algum sem ela. Nem mesmo a fé, nem a esperança, nem as outras virtudes vos agradam, sem a graça e sem a caridade”⁹⁶.

⁹⁶ Imitação de Cristo, 55.

O PAPEL E A MISSÃO DO FORMADOR PESSOAL⁹⁷

Neste capítulo, vamos abordar um tema que tem trazido muitos desafios que é a questão da “Competência dos Formadores Comunitários e Pessoais”. É importante sabermos que existe um momento em que essas duas competências se entrelaçam, interagem, e um momento em que elas são nitidamente separadas. Esse tema tem sido um assunto que o Senhor vem amadurecendo conosco ao longo dos anos, algo que foi abordado no Conselho Consultivo de 2003 e que, até hoje, suscita algumas perplexidades que tentaremos esclarecer aqui.

O item 29 dos nossos Estatutos diz que *“cada membro deverá ser acompanhado por um outro membro do mesmo sexo, mais maduro na fé e na vida comunitária, denominado Formador Pessoal”*. Esta afirmação dos Estatutos nos revela quatro elementos importantes. O primeiro é que o Formador Pessoal deverá fazer um acompanhamento e não uma direção espiritual, embora vejamos depois que o Formador Pessoal tem um pouco de várias coisas.

⁹⁷ Palestra proferida pela cofundadora Emmir Nogueira acerca dos papéis do Formador Pessoal e do Formador Comunitário (mantido o tom coloquial).

O segundo elemento é que o “outro membro” deverá ser do mesmo sexo. Porque essa exigência de ser do mesmo sexo? Porque esse acompanhamento é o momento em que cada pessoa, de livre e espontânea vontade, revela sua consciência mais íntima, seus sentimentos mais íntimos, os seus pensamentos, seus desejos, seus planos, sua caminhada. Ao expor todos esses aspectos (e essa abertura de coração, de confiança), quando se dá entre pessoas de sexo diferente, corre-se o risco de acontecer “um falso apaixonamento”, em que os sentimentos pessoais vão se mesclar, vão interferir e, conseqüentemente, a vontade de Deus corre o risco de ficar num segundo plano. Então, é preciso que sejam pessoas do mesmo sexo.

O outro aspecto que o documento estatutário aborda é que esse membro deve ser uma pessoa mais madura na fé. Essa afirmação esclarece que essa pessoa não precisa possuir necessariamente uma maturidade cronológica, não fala de uma pessoa mais velha, mais de uma pessoa mais madura na fé, uma pessoa de mais caminhada na fé. Aquele que alcança essa maturidade na fé com certeza já experimentou ou vivenciou o que formando está vivenciando e, desta forma, tem a capacidade de poder ajudá-lo.

E o terceiro aspecto que os Estatutos descrevem é o fato de que este membro deve ser mais maduro na vida comunitária, para que oriente seu formando segundo a vontade de Deus e do Carisma Shalom. Essa dimensão é portadora de uma responsabilidade muito grande, especialmente naquilo que se refere a vida espiritual da pessoa. Nos Estatutos, Moysés Azevedo coloca evidentemente a situação ideal para o acompanhamento pessoal: mesmo sexo, mais maduro na fé, mais maduro na vida comunitária.

Nesse mesmo parágrafo, o fundador continua explicitando: “O Formador Pessoal acompanhará o membro na dimensão espiritual e vo-

cacional de sua vida... Devido às particularidades da etapa de formação Inicial, durante este período os Formadores Pessoais serão indicados pela própria Comunidade. Depois do período de formação Inicial, o membro, em diálogo com a Comunidade, terá liberdade de escolher seu Formador Pessoal dentre os membros que estejam disponíveis para este ministério”.

Nesse pequeno parágrafo, encontramos a competência do Formador Pessoal: acompanhar o membro na dimensão espiritual e vocacional da sua vida. Essa expressão “da sua vida” nos remete ao ponto central da formação pessoal que é o “foro íntimo”, cujo significado é o lugar o lugar da intimidade, o lugar da consciência, aquele lugar aonde Deus habita, aonde a pessoa é mais próxima de Deus.

E exatamente nesse aspecto do foro íntimo – assunto bastante polêmico – em que acontece mais intercessão. É o lugar onde se encontram, onde se entrelaçam de uma maneira mais incisiva as competências do Formador Pessoal e do Formador Comunitário. Este foro, como já vimos, é a consciência mais íntima da pessoa; diferente da consciência moral, que é responsável pelo entendimento do que é certo e do que é errado. Por exemplo, os valores naturais da humanidade estão, podemos dizer, inscritos nessa consciência mais íntima, na qual o próprio Deus escreve o que é certo e o que é errado. É sobre essa consciência moral que incidem os mandamentos da lei de Deus, os mandamentos da Igreja, as virtudes, o pecado, etc.

Porém, a consciência mais íntima, em que a consciência moral é um aspecto, é aquele lugar aonde Deus partilha com o homem a ciência e, por isso, é uma co-ciência entre Deus e o homem. É importante ressaltar que Deus dá a cada homem, cristão ou não cristão, a ciência. Ele reparte com o homem o conhecimento, a ciência, no sentido de conhecimento. Deus reparte aquele conhecimento do divino que Ele tem com o próprio

homem no momento de sua criação. O homem é criado à imagem e semelhança de Deus e, por isso, é capaz de amar e conhecer ao seu Criador e aos homens. Podemos afirmar que essa consciência é a ciência da verdade, que é partilhada com Deus, e que se denomina de foro íntimo.

Parte dessa consciência é a parte moral, cuja preciosidade leva a Igreja a encarar essa dimensão humana com extrema seriedade, com um cuidado ímpar, com uma rigidez especial, um zelo sem igual. Tudo isso com a finalidade de salvaguardar a consciência de cada pessoa.

Por exemplo, o sacerdote tem o poder de perdoar os pecados, que é o maior poder que Deus concedeu ao homem depois da consagração das Espécies na Eucaristia. Mas esse mesmo sacerdote que tem o poder de perdoar os pecados, não tem poder de colocar um criminoso na prisão, mesmo que ele saiba que a pessoa é criminosa, mesmo que tenha confessado que matou sessenta pessoas. Ainda assim, esse homem que tem o poder divino de perdoar o assassino não tem o poder, o direito, nem o dever de fazer um boletim de ocorrência ou abrir um processo contra aquela pessoa que lhe confessou ter assassinado alguém.

Isso possui o objetivo de esclarecer a preocupação da Igreja em relação a proteção do foro íntimo, a proteção da consciência do homem, especialmente quando este partilha algo de sua consciência com outro. Esse gesto é sagrado, porque a consciência é um lugar de veneração, um lugar santo. A consciência de um homem, de uma mulher, o foro íntimo, é aquele lugar onde Deus e eles vão dividindo e discernindo juntos o plano de santificação que o Senhor tem para cada um.

É importante ressaltar que, por causa da fraqueza humana, muitas vezes vamos acertar em nossas decisões, outras não; tender para um lado ou para outro, até que o Senhor mesmo, junto conosco, através do foro íntimo, conduza-nos para dentro do caminho de santidade que Ele deseja para nós.

É por causa dessa dimensão, em virtude da sacralidade da consciência do ser humano, que aparece a questão do sigilo na Formação Pessoal. Quando alguém revela algo do seu foro íntimo, ou seja, quando alguém abre sua consciência – que é o lugar onde Deus e ele, impulsionado pela graça divina, dividem o conhecimento da verdade – para seu formador pessoal, e, se houver alguma possibilidade deste fazer algum comentário do que lhe foi dito, isso é uma violação de consciência, considerado um dos pecados mais graves.

Ao violar a consciência se expõe a pessoa e o seu segredo. E, com certeza, ela vai ficar marcada para sempre, abre-se uma ferida que provoca o que é mais sério ainda, a perda da confiança no Formador Pessoal, na Comunidade e na Igreja.

Sobre o sofrimento tão profundo de zelar pelo foro íntimo do seu irmão, de não violar a consciência do seu irmão, temos o documento sobre o Conselho Consultivo de 2003, *Experiência de Deus e Parresia*. Neste documento, existe uma citação de João Paulo II que diz: “Os jovens e as jovens têm necessidade, sobretudo, de mestres que sejam para eles pessoas totalmente de Deus, conhecedoras respeitadas do coração humano e dos caminhos do Espírito, capazes de responder às suas exigências de sempre crescente interioridade”.

Precisa-se de pessoas capazes de responder as exigências dos formandos. Exigências de quê? De uma interioridade cada vez maior da experiência de Deus e da fraternidade. Como é sofrido você ser conhecedora do foro íntimo de uma pessoa e não poder dizer nada sobre aquilo. O nosso sigilo é diferente do sigilo de confissão. Mas imaginem o sofrimento que um padre pode ter de, por exemplo, chegar alguém para ele dizendo: “Foi eu que assassinei o seu pai, estou arrependido e venho me confessar”. Olhar para esse homem e não poder fazer nada, huma-

namente, é cruel. Como padre ele pode perdoar, dá absolvição, mas, humanamente, ele não vai poder fazer nada, não vai poder dar nenhuma indireta, não vai poder chegar para a mãe dele e dizer que descobriu quem matou o seu pai.

Eu sei que vocês, Formadores Pessoais e Comunitários, sofrem por duas coisas controversas. Primeiro, você sofre como Formador Pessoal de ter tido acesso ao foro íntimo daquela pessoa, de saber que a pessoa está fazendo algo muito sério e não vai poder conversar sequer com o Formador Comunitário, sequer com o médico da pessoa, a não ser que ela dê sua permissão e, em contrapartida você vê que aquela pessoa externamente, nós que somos da mesma Comunidade, você aquela pessoa caindo em erros que você diz, mas aquela pessoa nunca falou comigo e não poder corrigi-la exceto relação ao foro íntimo e a mesma coisa no Formador Comunitário que nós vamos abordar daqui a pouco.

Então, é um grande sofrimento, mas é um sofrimento de humilhação fecunda, e é isso que eu queria falar com você meu irmão não se sinta diminuído porque Formador Pessoal não pode dar parecer, não é uma humilhação, não quer dizer que você não seja capaz de dar um parecer nem quer dizer que você não tem nenhum papel a cumprir na formação da comunidade, na caminhada da Comunidade, não quer dizer isso, quer dizer apenas que você foi uma pessoa chamada, escolhida por Deus para ser para aquele seu irmão um ouvido divino e uma voz divina e ao ser um ouvido divino e uma voz divina ficar sofrido calado, humilhado, no sentido de sentir às vezes traído pelo próprio formando e às vezes pela dor de ver aquele formando cair num erro cada vez maior sem que você “humanamente”, entre aspas não possa fazer nada, é o caso em que um formando seu lhe diz: ”olha eu estou roubando, estou roubando constantemente da, sei lá, da minha mãe, da minha sogra, estou roubando constantemen-

te” e você vai vendo aquela pessoa comprando um carro cada vez melhor, uma roupa cada vez mais bonita, um apartamento, sítio, iate, é, viajando pra Dubai e você vê que ele está roubando cada vez mais, cada vez mais e você vê que ele está fugindo da Formação Pessoal e você vê que o formador Comunitário não está enxergando que aquilo é roubo, que ele não sabe e você e você não poder dizer pro seu Formador Comunitário, você não poder dizer pras autoridades e quando você interroga o seu formando, olha eu vi que você foi pra Dubai e ficou lá naquele hotel cuja diária é cinco mil dólares e aí meu irmão? Houve alguma coisa? Você roubou novamente? E a pessoa dizer não... Eu estou completamente tranquilo é porque eu fui sorteado, sorteado na loteria que me mandou pra Dubai, olha que meu emprego, imagine que meu emprego me deu um bônus extra, imagina que eu ganhei um prêmio no meu emprego e você sabe que a pessoa está mentindo e você vê a pessoa caminhando para uma derrocada maior, isso é um grande sofrimento.

Sofrimento número um porque você vê o seu irmão se afundando, aquela alma que foi confiada a você, aquele coração que se abriu a você, aquele coração que você ama porque você reza por ele, você intercede por ele, você se coloca diante de Jesus por ele, aquele coração, caindo, caindo, sem você ter como segurar, esse é o sofrimento.

E o segundo sofrimento é um sofrimento que você só pode partilhar com Jesus porque também Jesus conhece nosso foro íntimo, também Jesus sofre quando Ele nos vê nos afastar da vontade do Pai, cada dia mais, cada dia mais, quando ele nos vê cair cada dia mais, cada dia mais e nós mentimos pra Ele e nem confessamos aquilo como pecado porque nós mesmos nos iludimos e arranjamos uma boa justificativa, um bom engano próprio, mas pra não cair, vamos dizer assim, pra não confessar nem como pecado o erro que nós fazemos. Então esse sofri-

mento do Formador Pessoal é um sofrimento fecundo, é a dor de ver o irmão cair, é o mistério da iniquidade, mas ao mesmo tempo é a dor da humilhação de não poder fazer nada humano e o segredo é reverter essas duas dores para Jesus. E, novamente eu cito o livro Luz do Mundo de Bento XVI, aonde ele em outras palavras, palavras bem mais sábias do que as minhas com toda certeza, ele diz a mesma coisa, é o sofrimento, a perplexidade diante do mistério da iniquidade, o mistério do mal no coração do homem, o mistério desse homem que se inclina quase que irresistivelmente para o mal e não deixa lugar para que ninguém faça nada, nem Deus.

Então, uma ótima intercessão que eu vejo que eu sinto às vezes, graças a Deus minhas formandas são ótimas, mas eu já tive formandas que passaram por situações muito parecidas com essa e como era grande o meu sofrimento e como Deus me deu o estalo, esse é o sofrimento de Jesus, uma ao sofrimento de Jesus, passe com Jesus, sofra com o seu formando esse mistério de iniquidade ok?

E, o que é permitido, o que não é permitido? Vamos lá discutir um pouquinho que a gente fala mais já já sobre o sigilo na formação. Então, novamente nós vamos recorrer a esse documento para falar sobre o sigilo na Formação Pessoal.

O Formador Pessoal deve ser pessoa respeitosa do coração humano segundo o romano pontífice, assim conforme instrui nosso Manual de Autoridades, o Formador obriga-se a guardar o mais absoluto sigilo sobre tudo que lhe foi confiado pelo formando, devido à natureza da sua missão, não deverá sob nenhuma hipótese, fornecer parecer sobre a pessoa do formando mesmo quando da passagem das etapas de formação, ou mudança de formador, embora deva incentivar o formando a ser o mais transparente possível perante as suas autoridades, em vista

do seu próprio crescimento, entretanto, em momentos decisivos de sua caminhada o formando deverá solicitar ao seu formador pessoal parecer verbal, de caráter privado, como auxílio em seu processo de discernimento particular. Vamos lá um pouco ver o que é isso.

O que é que eu faço quando eu vejo que o meu formando pessoal está em grave risco de colocar a Comunidade numa situação difícil? Ou de colocar a sua família numa situação difícil? Ou colocar sua própria vida numa situação difícil ou o que eu faço quando eu vejo que o meu formando está correndo risco de grande engano pessoal na vida comunitária? De um grande engano no seu matrimônio? Eu preciso chegar pra ele e dizer com toda franqueza meu irmão você confiou em mim e eu lhe agradeço toda sua confiança, mas eu vejo que você está colocando essa coisa, você mesmo, a Comunidade, a família, o seu emprego, a sua integridade, a sua fé a sua vida comunitária, seja lá o que for.

Eu vejo que você está colocando isso em risco, eu não vou, diga logo, eu não vou falar disso a ninguém, eu peço a você que você procure a autoridade tal, você procure o seu Formador Comunitário ou o seu Responsável Local, ou o responsável pelo Colegiado, sei lá, a responsável pelo Setor, procure esta autoridade e fale com ela sobre isso. Pronto! É isso que deve ser feito. Você sequer deve triangular porque se você disser assim, se você me permitir eu vou falar com seu Formador Comunitário sobre esse assunto que você me falou, isso só deve ser feito quando você vir que o seu formando, ele não tem condições emocionais ou de entendimento pra falar porque na verdade o que você deve fazer é que ele fale e meu irmão com a autoridade local porque veja bem, muitas vezes você diz meu irmão eu preciso que você que é o dono desse segredo, esse segredo não é meu, é preciso que você fale ao Moisés ainda hoje, a Em-mir ainda hoje sobre esse problema, não faça isso, sabe por que, porque

ele não vai conseguir falar, vai ficar numa angústia horrorosa, e muitas vezes, ainda vai ficar magoado conosco.

E eu digo pra você, com muita sinceridade, porque eu creio que é isso o meu dever de consciência quando me chega uma pergunta pessoal que eu vejo que deveria ter sido resolvido pela autoridade local, eu remeto imediatamente para autoridade local, problemas, desafios que houve na missão X, na missão Y, é pessoas que estavam passando problemas, assim ou assado eu remeto a autoridade local, ainda que seja um problema pessoal, eu ainda posso dar uma opinião.

Por exemplo, eu estou com problemas no meu casamento, quero que você me ajude, e moro lá no Oiapoque, então eu posso dizer o que eu penso é isso, o que a Igreja pensa é isso, mas eu não lhe conheço, procure a sua autoridade local. Em suma, não adianta você mandar as pessoas procurarem a mim, ao Moysés, ao João Edson, as pessoas da Diaconia, a Gorette porque a pessoa vai cair em outro engano, em outro engano, eu fico assim com medo de a que nós identifiquemos caso. Mas, não sei se você percebeu, mas o segredo é sempre fazer com que a própria pessoa fale, que ela veja a gravidade do ato que ela está fazendo ou pensa em fazer, ou da atitude, do pensamento que ela está tendo ou as contingências as quais ela está cedendo, fazer com que essa pessoa fale com a autoridade que tem que falar.

Às vezes também a gente remete tudo pra o formador comunitário, e, numa missão pequena isso talvez até funcione, mas numa missão como Natal, Fortaleza, Salvador, São Luis, São Paulo, Santo Amaro, Rio de Janeiro, isso é infactível, isso não funciona. É tentar mandar para a autoridade competente e em casos de moral e de fé mandar para um sacerdote competente, se for o caso mandar até pro senhor Bispo. Mas é entender que cabe ao formando falar, não a você, cabe a ele, é um segre-

do dele, é o coração dele. Às vezes acontece que você vê seu formando ofendendo a Comunidade ainda assim você deve tratar com ele. Emmir um caso de suicídio, um caso de suicídio graças a Deus é raro, mas pode acontecer, a pessoa entra numa depressão profunda e ameaça um suicídio vamos dizer assim, aí você, você, que é Formador Pessoal dele precisa, primeiro, tentar convencê-lo a falar com o Formador Comunitário, segundo, estar grudado, presente na vida dele, você entende? Ele falou pra você, ele entregou a vida dele a você, ele confiou a você e é preciso que você faça tudo como o Formador Pessoal, ou juntos ou fazer com que o seu próprio formando fale com o Formador Comunitário.

Ou a família, a família às vezes vai lhe procurar não é verdade? Olha o meu irmão, minha irmã, o meu pai tá com problema de suicídio, você tem que fazer alguma coisa e você tem que dizer, você está me dizendo que ele está com problema de suicídio, você está me dizendo que ele está ameaçando se matar, você que está me dizendo isso, você deve falar não como eu estou falando, claro. Você deve dizer que ele está dizendo e não dar a saber que você sabe, dizer ah rapaz graças a Deus que você veio me falar, tava tão preocupado e pá, pá, pá, daí já tão conversando até sobre o remédio que a pessoa toma. Calma, é você que está vindo me trazendo o problema, o que você acha que você pode fazer, entendeu? Você é a irmão do meu formando que está ameaçando de se matar, ele me disse isso, mas eu não posso falar. Então eu digo você está me trazendo essa realidade, que acha que você pode fazer para ajudá-lo? Aí a pessoa vai dizer 'bom, eu já vim te procurar para que você fizesse alguma coisa, aí você vai dizer olhe eu cuido do foro íntimo, da consciência do seu irmão eu não posso lhe dizer nada e nem posso lhe ajudar em nada, por favor, procure a pessoa X e procure hoje mesmo, para que essa pessoa X possa lhe ajudar, procure um médico X, procure a autoridade Y'. E você vai trabalhando como for-

mador com o seu formando sem dizer olhe sua irmã veio me procurar viu? Oh o negócio tá feio né? E já soube que... nammm a irmã dele nunca veio lhe procurar. É ele é a consciência dele não faça seu formando se sentir manipulado, então, há casos e casos e há pessoas que são as responsáveis pelos Formadores Pessoais e essas pessoas tem discernimento e elas estudam esses documentos da nossa Comunidade e elas vão poder lhe orientar sem que você diga o que é.

Vez por outra uma pessoa me liga perguntando algumas coisas dessas sem dizer quem é, sem dizer o que é, e eu oriento dentro daquilo que eu posso, sem ferir, porque nós também, nós autoridades, nós podemos começar fazer perguntas que firmam o foro, firmam a consciência do formando que leve o formador a ferir a consciência do formando, então cuidado também com as perguntas que você faz que elas sejam absolutamente restritas ao necessário para você orientar aquela pessoa.

Então antes, na nossa Comunidade não era assim, mas aos poucos, ao conhecermos o que a Igreja nos diz, com a experiência, ao conhecermos a experiência que nos manda colocar o cobertor de São Francisco sobre cada irmão nosso que venha com toda segurança e com toda confiança nos colocar o íntimo do seu coração, aos poucos nós fomos entendendo a preciosidade desse sigilo. E, para terminar essa parte, aqui tem, em momentos decisivos de sua caminhada o formando deverá solicitar ao formador pessoal parecer verbal de caráter privado como auxílio em seu processo de discernimento particular. Ou seja, o formador e o formando podem e devem, o formador pessoal e o formando e também o formador comunitário e o formando podem e devem conversar, por exemplo, agora sobre as Promessas Definitivas, sobre a primeira Consagração, sobre a entrada no Discipulado e cada etapa formativa. Mas o seu formando se você for ver as orientações que estão no Manual das

Promessas Definitivas o seu formando é orientado a conversar contigo como formador pessoal, sobre seus retiros pessoais, sobre a sua caminhada, você como Formador pessoal, como formador comunitário, você é chamado a orientá-lo também na sua caminhada então é um assunto que você vai discutir bastante e você vai poder junto com o seu formando chegar a um discernimento e seu formando vai poder consultar você qual é o seu parecer? Você pode dizer isso verbalmente para o seu formando. E você pode dizer, meu filho será que você deve realmente fazer suas promessas definitivas? E quando você chega lá na Igreja ele é o primeiro da fila a fazer as Promessas... Ai que raiva! Como é que ele vai me desobedecer... Estou ofendidíssima, pois é nessa hora você se une a Jesus que tantas vezes nos dá o parecer da vontade do Pai sobre as nossas vidas e nós fazemos exatamente o contrário. Então é, em outras assim, é mais sábio, é mais prudente chegarem vocês dois juntos a uma conclusão que ele levará ao formador comunitário como a parte do foro íntimo da consciência, da visão da vontade de Deus pra ele naquele momento, mas você não vai poder influenciar, mas vai junto com Maria, junto com Jesus guardar isso no seu coração como intercessão pelo seu formando pra que seja feito a vontade de Deus tá certo?

Agora o Formador Comunitário. Conversa um pouquinho sobre isso antes da gente entrar no assunto tá?

Então vamos para o Artigo 30 que fala dos Formadores Comunitários. Finalmente alguém se lembra de falar dos Formadores Comunitários...

Vamos lá. Cada Casa Comunitária da Comunidade de Vida ou Célula Comunitária da Comunidade de Aliança terá um Formador Comunitário. Este tem a incumbência de acompanhar os membros da sua Casa ou Célula Comunitária. Assume, assim, a responsabilidade por sua

formação, além de constituir-se zelador da vida espiritual e vocacional de seus membros.

Vamos comparar duas frasezinhas do 29 e do 30. O 29 diz assim o Formador Pessoal acompanhará o membro na dimensão espiritual e vocacional de sua vida, no 30, o Formador Comunitário tem a incumbência de acompanhar os membros de sua Casa ou Célula Comunitária. Assume, assim, a responsabilidade por sua formação, além de constituir-se zelador da vida espiritual e vocacional de seus membros. Ué! Então não é a mesma coisa? Aí, nós já sabemos a resposta vem à questão do foro íntimo e do foro externo. Meus irmãos enquanto o foro íntimo é aquela consciência da qual nós falamos no começo dessa formação, o foro externo é a vivência, vamos dizer assim aquilo que transborda desse coração, o foro externo é aquilo que transborda do foro íntimo, ele lhe traz relances do foro íntimo, mas não é a abertura do foro íntimo feita pela pessoa.

Então vamos supor que você esteja numa Célula Comunitária, numa Casa Comunitária e de repente começou uma confusão, uma discussão, tava lá passando o filme bem bonitinho, DVD, a Emmir toda de florzinha no cabelo, morta de feliz e de repente pá! Começa a discussão e aquela discussão toma um cunho de pessoal e começa um a xingar o outro é aquela loucura, isso é super foro externo, aí você vai ter sinais claros de como anda o foro íntimo daquelas pessoas, ou seja, é a boca que fala daquilo que o coração está cheio, o foro íntimo seria esse coração e a boca seria o foro externo, não no sentido somente da boca, mas das ações, daquilo que se vive daquilo que se faz. Então o Formador comunitário ele é responsável pela pessoa como um todo, assim como o Formador Pessoal é responsável pela pessoa como um todo, a diferença é que o Formador Pessoal tem mais poder no sentido de junto com Jesus mergulhar na consciência mais íntima da pessoa, assim como o Forma-

dor Comunitário tem o poder e a obrigação de lidar com aquilo que está acontecendo, que ele vê acontecer ou que ele sabe que aconteceu. De forma que ele leve essa pessoa a entrar no seu foro íntimo a penetrar em si mesma no lugar onde Deus habita e procurar a causa, a causa daquele comportamento inadequado e procurar a graça para vencer aquele comportamento inadequado.

Então o Formador Comunitário, ele lida com fatos, ele lida com aquilo que a Comunidade espera do seu formando e que seu formando corresponde ou não, enquanto o Formador Pessoal, além de lidar com isso, mas ele lida com a lente do foro íntimo. É como se você tivesse um par de lentes, eu estou vendo aqui na minha frente uma luzinha piscando com os dois olhos, se eu fecho o esquerdo ela vai piscar mais pra lá, se eu fecho o direito ela vai piscar mais pra cá, mas se eu abro os dois ela vai ficar aqui bem no meu meio que é onde fica o seu rosto, por isso, é que eu fico olhando pra ela, pra que olhe pra você. Então, nós também como Formadores Pessoais e Comunitários nós somos esses dois olhos, que não podemos olhar por uma lente, mas com as duas para que nós possamos ajudar nosso formando a alcançar a santidade. Então o Formador Comunitário e Pessoal, em absoluto se contrapõe em absoluto se contrapõe do contrário nós iríamos criar monstros divididos em si mesmos, mas os dois se complementam para ajudar na santificação do seu irmão. Converse um pouco agora sobre o grande perigo de não haver complementaridade entre o Formador Pessoal e Comunitário.

Então, vou recorrer de novo a esse documento para vermos juntos essa complementaridade entre os dois formadores. Veja bem, o nosso alvo é a santidade, como pessoas, mas como formadores, o nosso alvo é a santidade do nosso irmão, sejamos nós formadores pessoais ou comunitários, o irmão, entretanto, é um mundo é um caleidoscópio, é uma vida móvel

e por isso, a gente pede tanto que os formadores pessoais e comunitários acompanhe a pessoa durante o maior tempo possível de sua vida, porque nós mesmos estamos mudando a cada dia, e esses dois formadores são como nós dissemos na parte anterior dois olhares externos, um olhar que vamos dizer que tenha, como meus óculos, por exemplo, o olho esquerdo tem muito mais grau do que o direito, então esse meu olho esquerdo digamos que seja o Formador Pessoal ele olha e dependendo da abertura do formando ele é capaz de enxergar lá no profundo porque esse material de trabalho dele é esse foro íntimo ele passa a ser então como diz esse documento aqui o recurso do formando para a sua santificação. O Formador Comunitário também como meu olho direito ele tem menos grau, mas ele tem uma abrangência muito maior, não enxerga muito, mas amplamente e nessa amplitude ele pode junto com o Formador Pessoal, ter uma visão mais exata do formando que lhe foi confiado e ele é um recurso do formando, mas é especialmente um recurso da Comunidade, aqui como Formador Comunitário ele é obrigado a um sigilo, a uma discricção, mas como ele pode dar parecer ele não é obrigado ao mesmo um sigilo rígido de um Formador Pessoal, evidentemente se ele sai por aí contando a pessoas indevidas aspectos da vida do formando dele como Formador Comunitário ele vai ferir a consciência do seu irmão, ele vai expor o seu irmão, ele vai também violar, correr o risco de violar consciência, porém, quando meu formando comunitário está sentado perto de mim ele sabe e eu sei também que aquilo que ele está me dizendo vai pesar no parecer que eu darei sobre ele, não é novidade nenhuma pra ele e nem pra eu saber que se ele chega pra mim e diz assim eu ontem matei uma pessoa, eu como Formador Comunitário vou poder me sentar com ele e dizer, pois eu vou precisar que você me deixe dizer isso a autoridade porque isso que você fez foi muito sério e você leve isso ao seu Formador Pessoal pra que juntos

vocês vejam o que vocês podem fazer para que esse pecado não continue a acontecer na sua vida. Você entende? O Formador Pessoal pode e deve remeter o seu formando ao Formador Comunitário e o Formador Comunitário pode e deve remeter o seu formando ao Formador Pessoal, mas os dois formadores não podem conversar sobre isso, em nenhuma hipótese, em nenhuma hipótese... Olha cuida do seu formando viu que ele não tá indo não, não tá indo não, não tá indo as formações não, olha aquele seu formando como é que aquela criatura está aqui, isso é bodega, isso é botequim de subúrbio de novela das nove, não é assim a Palavra de Deus, não é assim a Igreja e eu, desculpa vou fazer uma brincadeira com vocês, mas foca aqui meu rosto Amâncio foca aqui, (põe a mão sobre o olho direito), veja bem o Formador Pessoal é mais forte porque precisa ver detalhes mais focados do foro íntimo que lhe é aberto, ele não pode forçar o foro íntimo, ele lhe é aberto certo? (põe a mão sobre o olho esquerdo) O Formador Comunitário é aquela lente mais abrangente e que detecta pelos sinais os problemas ou as causas que precisam ser buscadas e remete ao Formador Pessoal e dá seu parecer que se com aquelas características de vida a pessoa pode ou não, por exemplo, fazer as Promessas Definitivas, certo? (retira as mãos dos olhos) Se os dois focam no formando, para o bem do formando, para o amor do formando, eles estão no rumo certo. Mas olha aqui o que acontece se os dois começam a conversar, (mostra os olhos trocados), olha aí, tá dando pra ver? Ficam vesgos, olham um para o outro e o formando fica fora, ficam olhando para si, entre si, a fofocar, a falar, a dar pareceres humanos, a perder tempo e deixam o olhar objetivo de Deus.

Ok! Pode abrir o foco porque senão vão aparecer minhas rugas, minha feiura e o pessoal tá iludido.

Então você entendeu? Há sigilo na Formação Comunitária? Sem dúvida nenhuma, mas o Formador Comunitário, tanto ele quanto o

formando sabem que essa informação que lhe é dado que é fornecida pelo próprio formando e às vezes pelo Formador Comunitário também, em questão também como a Comunhão de Bens, a oração pessoal, a oração comunitária, a presença nas Assembleias, a presença nas orações isso é discutido entre eles e isso é um for externo e vai contar para a sua Consagração, por exemplo, ou para suas Promessas Definitivas, por exemplo, até hoje eu não encontrei nada melhor do que essa parte na página 173, da Comissão para a Formação, desse documento do Capítulo Geral de 2005, é fantástico, eu lembro que foi ideia da Silvia que estava na Comissão e que pode ser muito estendido e nós vamos tentar estendê-lo bastante no livro sobre Formação Pessoal. Porque veja bem, tanto o Formador Pessoal quanto o Formador Comunitário eles lidam com a pessoa, eles vão lidar com o todo da pessoa, uns colocando mais ênfase em umas coisas e outros em outra. O Formador Comunitário, ele é, assim como o Formador Pessoal, mas de maneira diferente um senhor educador.

O Formador Comunitário não é um “passador de conteúdos”, e a nossa formação comunitária não é um curso onde você faz o 1, o 2, o 3, 4, o 5, o permanente u não sei, não é isso, não é isso, o formador comunitário ele não é um professor, ele é um pai, o formador comunitário ele não é um instrutor, ele é uma mãe, o formador comunitário é um educador de almas, assim como o formador pessoal é um educador de consciência, um educador para a santidade. O formador comunitário é um educador de almas, um educador para santidade a partir da vivência das virtudes, a partir da vivência da caridade. Conversa com a pessoa do seu lado sobre tudo o que nós conversamos nesse último bloco.

Nossos Estatutos dizem que nossa vida comunitária ela é um espelho da Trindade, então nossa Célula Comunitária, nossa vida Co-

munitária, dentro das Casas Comunitárias da Comunidade de vida, eles são reflexos da Trindade, ou seja, um lugar onde a Trindade se revela e interessante que essa é a mesma definição de família, nossa vida comunitária nossas Células comunitárias são uma família e meus irmãos num mundo que está perdendo a cada dia a noção de família, nós somos chamados a restabelecer essa noção de família, no seio familiar constituído pelo casal e seus filhos, e também o casal que eu digo pai e mãe, homem e mulher e seus filhos e também como um anúncio, como um testemunho, como uma comprovação de fé na nossa vida Comunitária, por isso, nós precisamos ser educados, o formador é um educador essa e uma das coisas que mais me faz ser feliz como formadora e como Formadora Geral que tem a dor de não estar com a mão na massa e a alegria de ver os seus filhos educados, veja bem, a formação ela é antes de tudo educação. Formação Comunitária e a Pessoal também, mas a formação Comunitária ela flagra vamos dizer, como aquela brincadeirinha que eu faço quando eu prego sobre o amor de deus que não exige que a gente seja perfeita, mas aceita a gente como a gente é, a mãe que sai pra o trabalho e volta e manda o menino escovar os dentes, mandou o menino lavar as orelhas, mandou o menino fazer o dever, mandou o menino sei lá mais o que né? Tomar banho e quando ela chega, ela cheira a boca do menino e diz não escovou os dentes, embaixo os dentes tudo cheio de placa, tudo amarelo, cheio de placa bacteriana. Ela diz meu filho vai escovar os dentes, claro que na palestra não é assim, na palestra ela bate nele, você não escovou os dentes, seu cabra sem vergonha não amo mais você aí mete o dedo na orelha e diz eca tá cheio de cera, você me desobedeceu, papai do céu tá triste com você. Você se lembra dessa palestra? Pois bem, essa palestra a gente repete todos os anos mil vezes por anos, mas isso mostra o caráter da educação do amor de Deus e da deseducação que nós às vezes faze-

mos. Nós Formadores Comunitários, nós somos aqueles que educam pra isso eu preciso corrigir, eu preciso perguntar o que é que está acontecendo, não ser aquela mãe que diz seu cabra sem vergonha, Deus está triste com você, seu anjo da guarda está chorando, mamãe do céu virou as costas. Não, mas dizer meu filho o que está acontecendo que você não consegue escovar os dentes, vambora diz pra mamãe, ah mamãe porque é chato, porque a escova é dura, ah mãe porque a escova é mole, ah mãe, ah mãe porque a pasta faz muita espuma, ah mãe porque tenho vontade de vomitar, ah mãe porque eu tenho preguiça, seja lá o que for você vai ter na resposta dele a dica para educá-lo para a disciplina, nesse caso dos dentes e para a santidade, porque não existe santidade sem disciplina não é verdade? Então pode ser que você chegue a conclusão de que ele está querendo chamar sua atenção vamos dizer, então corrija isso, não corrija o dente escovado, corrija isso, pode ser que seu filho não está tomando banho porque está com depressão, então vamos trabalhar a depressão e não o banho. Pode ser que você chegue a conclusão que seu filho não fez o dever de casa porque ele é um tremendo preguiçoso, então vamos formá-lo para a virtude da Fortaleza, a virtude do autodomínio, vamos falar a ele sobre os santos. Então o Formador Comunitário é um educador de almas, é preciso saber corrigir, é preciso saber cobrar, é preciso corrigir e cobrar, mesmo sem saber, é preferível que você corrija mal a não corrigir, é preferível que você cobre mal do que não cobrar. Então, às vezes, nós Formadores Comunitários, nós temos certo escrúpulo, ah meu Deus eu tenho que perguntar sobre a Comunhão de Bens, ah meu Deus eu vou ter que perguntar como é que anda o casamento deles, porque eu vi os dois brigando aqui na Célula, ah minha Nossa Senhora será?... Não, é seu dever, você é pai, você é um educador para a santidade, para a santidade, não é um educador para que ele faça tudo na hora certa, mas é

um educador para que ele transborde tudo certo na hora certa a partir de um amor cada vez mais intenso a Deus e aos seus irmãos, o Formador Comunitário é um grande educador. Como eu digo há 30 anos, há 30 anos, mesmo antes da Comunidade começar, como eu digo há 30 anos a formação é uma desculpa, o conteúdo é o veículo, como nas bula dos remédios, vem o cloridrato não sei das quantas e vem o qsp 10% por cento, ao você tem 10% do cloridrato, tantos por cento de outra coisa á, tem 50% do não sei que... E tem 10% de qsp que é quantidade suficiente para, que às vezes é água, um solventizinho, é água destilada, pois bem o conteúdo é esse qsp, quantidade suficiente para as pessoas terem a formação no sentido de informação do que Deus quer deles, o que a Igreja quer deles, do que a Igreja pensa, do que a Comunidade pensa, ou o que o carisma é, e esse qspzinho você vai usá-lo para que o cloridrato aja, para que o antibiótico aja, para que a não sei que lá sina aja e você o educador é aquele que vai usando esse qsp para que a pessoa se eduque para a santidade, vivendo as virtudes, a caridade, o perdão, a humildade, a justiça, a fortaleza, a prudência, a fé, a esperança. A Comunidade nos educa pelo mero fato de ser uma família, ela nos leva ao autoconhecimento pelo mero fato de termos nós uma vida de oração e uma vida comunitária, nada como uma vida comunitária para o autoconhecimento, nada como uma vida comunitária mais oração para o autoconhecimento completo. Pois bem você Formador Comunitário é chamado a educar, é chamado a formar para a santidade, educar para a santidade isso é muito nobre e muito belo. Ah Emmir mais tem um monte de coisa pra fazer, pois é, qual é o pai e a mãe que não tem um monte de coisas pra fazer? Levanta o braço aí que quero ver, qual é o pai e a mãe que mesmo com os filhos crescidos não tem um monte de coisas pra fazer. Você vê olha hoje toda pronta, só porque hoje é a formatura do meu filho de 22 anos,

mas eu sei que na hora que ele se formar vêm outras coisas, vem os netos, tanta coisa pra fazer porque a tarefa de educar para a santidade é a tarefa de Nossa Senhora, uma das tarefas das mais nobres, ela nunca acaba e Jesus sabia tanto disso que no pé da Cruz, no alto da Cruz Ele disse a Nossa Senhora do alto da Cruz... Vai continuar a educar pra santidade minha santa, vai continuar agora com esse teu filho aí João, vai ser mãe dele, vai educar para a santidade.

Meus irmãos eu não sei se foi bastante claro, eu rezei muito, eu e o Amâncio rezamos muito antes de começar para que o Senhor nos desse a clareza, de ajudar a de uma vez por todas dirimir essa sensação de pouca integração entre a Formação Comunitária e Pessoal na verdade elas são muitíssimo belas e muitíssimos complementares e eu digo a vocês olhando as Comunidades do mundo inteiro como a gente olha eu nunca encontrei em nenhuma Comunidade algo tão belo, tão centrado no Magistério da Igreja, às vezes eu ouço alguns Formadores dizendo Emmir é muito aviso, Emmir é pedir dinheiro toda hora pro povo, eu não tenho mais nervos, eu não aguento mais, mas novamente vem a figura de Jesus. Não era fácil para Jesus dizer, mas quem tem que pagar imposto os filhos ou os estrangeiros? Falta de resposta... Vai Pedro, vai lá no peixe e pega a moeda. Jesus também passou por situações que poderiam ser constrangedoras, mas Ele não as considerou constrangedoras, porque aquilo fazia parte da educação, os nossos avisos, o dinheiro que às vezes temos que pedir e nos constrange fazem parte da educação, a educação para concordando ou não, entendendo ou não obedecer, concordando ou não entendendo ou não humilhar-se diante daquilo que é pedido. Meu irmão tudo se converte em educação, tudo se converte em santidade quando aquilo é vivido por amor e para a glória de Deus. Como eu estava dizendo eu espero que nós tenhamos entendido que

trabalhar juntos é trabalhar olhando para o formando, ser servos do formando juntos, é trabalhar olhando juntos para a alma dele, para vida dele, para a educação dele, para o crescimento dele, para a santificação dele, não é em nenhuma hipótese olhar para nós... Ah, porque agora isso, ah porque agora aquilo, não, não, não. Agora o Formador Comunitário é chamado a identificar-se com Jesus e viver com Jesus essa tarefa de educador das almas em situações concretas do dia a dia, entre o trigo e o joio a pesca, a moeda perdida, a ovelha perdida, o tesouro perdido, o tesouro encontrado, o campo comprado, o pé de mostarda, as sementes, as aves, os pardais, o dia a dia. Você se identifica cm Jesus para a santidade no dia a dia, para o conhecimento do Ressuscitado que passou pela Cruz no dia a dia.

O Formador Pessoal se identifica com Jesus naquele sofrimento de ver a iniquidade, o mistério da iniquidade tantas vezes vencer em uma alma, mas também se identifica com Jesus quando Ele diz “Obrigado Pai, porque escondestes essas coisas dos sábios e as revelastes aos pequeninos” Esse Formador Pessoa que se torna cada vez mais pequenino, que é cada vez mais um intercessor, cada vez mais um zelador pela alma do seu irmão, esse Formador Comunitário que se esvazia cada vez mais da sua vontade, da sua opinião para com Jesus Cristo nos enriquecer, por causa da sua pobreza nos enriquecer com a sua riqueza e esses dois juntos são um dom para a Comunidade que não pode ser desprezado. Eu aproveito como Formadora Geral para agradecer muito o sacrifício de vocês, às vezes as pessoas vão me agradecer e dizem... Tantas noites acordadas, tantos sacrifícios e eu fico achando graça, porque, assim, aceito, acolho claro, porque as pessoas são cheias de amor para comigo eu sou mimada pela Comunidade, mas ao mesmo tempo eu olho pra vocês e penso, são muito mais que eu, passam noite acordada muito mais

que eu, correm atrás de formando muito mais que eu, educam muito mais que eu, são vocês os nossos educadores, são vocês formadores Comunitários e Pessoais são aqueles que zelam juntos, olhando para Jesus em primeiro lugar e em Jesus, no coração de Jesus, na misericórdia do coração de Jesus, olhando pro seu formando e levando seu formando para a santidade eu não conheço tarefa mais bela, os outros Ministérios que me perdoem, eu também sou suspeita, mas eu não conheço tarefa mais bela do que formar almas, do que formar para a santidade, do que educar pra santidade. Deus abençoe a vocês e dê a vocês muito discernimento e muita doação de vida pra que essas nossas primeiras Promessas Definitivas agrade o coração de Deus e cheio de misericórdia, de amor, compaixão, mas também de firmeza, de paternidade, de maternidade, cheios desses sentimentos para com os nossos formandos nós possamos ter essa primeira fornada de homens e mulheres de vidas totalmente entregues a Deus e de homens e mulheres santos. Deus os abençoe! Perdão pela pregação muito longa, mas muito obrigado por ter aguentado até aqui. Amém!

Capítulo 2

A ATITUDE E PERFIL DO FORMADOR PESSOAL NA FORMAÇÃO

O Formador Pessoal tem uma missão especial e fundamental no processo de formação dos seus formandos. Ninguém pode realizar esse papel por ele. Caso não venha desempenhá-lo a contento, com certeza, o bom crescimento do seu formando está em sério risco e sua vida pode vir a se desvirtuar da vontade de Deus. Deve ser alguém que escuta seu formando, mas não se contenta com isso, vai além, aborda áreas que ele omite ou não consegue reconhecer como dimensões que necessitam da ação transformadora e santificadora de Deus, áreas doloridas, difíceis de serem encaradas por ele. O formador nesses casos deve tomar a formação *pela mão* sem se satisfazer somente com as abordagens do formando. A formação não pode ficar nos aspectos ou níveis superficiais da personalidade, mas tem a missão de alcançar os níveis mais interiores da pessoa, para que ela seja construída e cresça a partir de dentro, a partir de si mesma. Assim ele será mais capaz de fazer opções pelo plano de Deus em sua vida por motivos claros e em liberdade.

Existem ainda outros pontos determinantes que o formador não pode deixar de experienciar. O primeiro ponto é que, antes de tudo, deve conhecer a si mesmo, especialmente as áreas fracas e que ainda se encontram escravas de sua personalidade. Essa postura tem o objetivo,

de um lado impedir que essas realidades sejam projetadas na pessoa do formando e de outro lado favorecer a libertação de tudo isso.

O segundo ponto definitivo é que o formador pessoal deve saber identificar o quanto antes no formando a chamada *inconsistência* ou imaturidade central, a qual sintetiza conflitos, imaturidades, maneiras incorretas de agir, a pretensão de dirigir a si mesmo, medos de vários tipos, falta de solidez no caráter...

Um bom formador sabe discernir no formando seus conflitos e imaturidades. A identificação desses problemas não pode ser acontecer apenas com a observação do comportamento externo do formando, mas sim das suas atitudes, isto é, das suas predisposições a agir ou os seus estilos de vida preparados para serem utilizados como um esboço fixo para finalmente passar aos sentimentos nem com a espera da exposição do problema por parte do formando, nem se contentar com o que o seu formando fala de si mesmo. Por quê? Porque a maioria dos formandos ignora sua inconsistência, o seu conflito central.

O terceiro ponto é o fato de que o formador precisa saber identificar a inconsistência do seu formando de uma forma rápida, breve e intervir no tempo devido, oportuno, sem deixar que aconteça perda de tempo e de energias, forças preciosas para que impeça que o problema se torne crônico, persistente e sem solução. A formação que funciona bem é a preventiva, que antecede para evitar dano ou mal. O formador pessoal deve chegar, dizer ou fazer antes com o objetivo de cuidar da vida de seu formando para que ele não venha a sucumbir longe da vontade de Deus.

Outro ponto importantíssimo é que o formador pessoal deve usar de todos os mecanismos para ajudar o seu formando a descobrir por si mesmo a sua própria imaturidade, a sua inconsistência, com suas raízes e consequências. Diz Amadeo Cencini que a missão do formador "é exatamente a

de dar sempre mais condições para que o outro *se vire sozinho*, apresentando-lhe um método, graças ao qual, aprenda a se conhecer e a decifrar seus estados de espírito, a não mentir para si mesmo e a compreender de onde vêm os seus problemas. Aqui começa a liberdade da pessoa”⁹⁸.

Um outro aspecto que também não pode passar despercebido e nem muito menos como algo que pode ficar para depois é o fato de que o formador deve saber *ajudar* o formando a resolver suas dificuldades, assumindo uma postura nova em relação as suas próprias imaturidades, lutando para se tornar mais consciente e responsável, tornando-se assim menos dependente e repetitivo.

Um formador amadurecido realiza esses deveres sem impor metas impossíveis, da mesma forma que não faz promessas no plano espiritual ambíguas, equivocadas, confusas para o seu formando. Ao invés disso, deve formá-lo a se conscientizar de suas fraquezas diante de Deus, tendo a compreensão de que elas são instrumento impenetrável à razão humana, misterioso usado por Deus para derramar a Sua misericórdia, mas ao mesmo tempo assumindo a atitude de não ter a pretensão de merecer o amor divino. Sendo completamente consciente da gratuidade e generosidade do amor de Deus. O formando que reconhece e aceita a própria fragilidade passa a aceitar também as fraquezas dos outros.

Uma verdadeira atividade formadora tem efeitos explosivos, arrebatadores, capaz de produzir uma transformação de vida. Diz Amadeo Cencini que “formar é jogar no terreno a vitalidade da semente como força explosiva e portadora de vida nova. Aquela semente que cai na terra morre e dá fruto”⁹⁹.

⁹⁸ Os Sentimentos do Filho, Amadeo Cencini, Edições Paulinas, Cap. IV, pág.61.

⁹⁹ Idem, pág.64.

Deve existir muitas passagens bíblicas que revelem o perfil do formador pessoal, mas aqui queremos mergulhar no ensinamentos de duas leituras dos evangelhos que revelam de perto qual as características que compõem o perfil do formador pessoal: a do Bom Pastor e a dos discípulos de Emaús. Vamo-nos introduzir nelas, a fim de podermos retirar dos referidos textos os ensinamentos importantes para nós.

Iniciemos com a passagem do Bom Pastor (Jo 10). A postura do Bom Pastor tem muito a nos ensinar sobre alguns aspectos do perfil do formador pessoal. O primeiro deles diz respeito ao fato de que o mesmo deve conduzir cada formando seu ao caminho da vida. Essa era a intenção de Cristo, o verdadeiro Pastor, que os homens “tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Para que isso aconteça o genuíno pastor leva suas ovelhas a pastar à sombra, indicando-lhes as melhores e mais fortificantes ervas, além de ensiná-las quais as flores exuberantes que nunca devem tocar, sob pena de esmagá-las a seu passo. O bom pastor conduzirá seu rebanho até as verdes pastagens e encontrará para ele alimentos cada vez mais adaptados e tonificantes. Essa é a arte de dispor os meios para obter o desenvolvimento progressivo das pessoas até o lugar onde elas devem chegar, alcançar.

O seguinte ensinamento de Jesus encontra-se na sua afirmação: “Eu sou a porta: quem entra por mim se salvará; poderá entrar e sair, e encontrará pastagens” (v.9). Essa figura do porteiro significa que ele é o responsável pela segurança das ovelhas, ele não permite que os ladrões entrem, mas abre somente ao pastor. O formador pessoal deve ser essa pessoa que conhece os ladrões que desejam entrar na vida do formando para “roubar, matar e destruir” (v.10), que abandonam e não se importam com as ovelhas. Portanto, precisa conhecer esses ladrões e tudo fazer para assegurar a vida deles contra todo o mal.

O terceiro ensinamento de Jesus é que ele “leva as ovelhas para fora e caminha à frente delas e elas atrás dele” (v.4). *Levar as ovelhas para fora* sugere a libertação na qual Jesus realiza sem reconduzir ao velho redil. O formador pessoal deve, com a ajuda do Espírito Santo, saber quais as áreas da vida do formando que estão numa situação de escravidão e conduzi-lo à libertação em busca da vida nova em Cristo. Em nossos Escritos o Moisés ensina que “para vivermos o novo, é necessário estarmos dispostos a fazer morrer o velho que existe em nós, e que com facilidade disfarçamos de novo, e até de nossa identidade – dizemos que somos assim mesmo e etc. Porém, se é velho, Deus não quer que continue em nós. Se se contrapõe ao novo, seria Deus incoerente nos chamando a vivê-lo? Precisamos na verdade, com coragem e disposição, matar o velho que há em nós e deixar o novo florescer; deixar Jesus (na oração e através da vida, do contato com os irmãos, na formação) nos libertar”¹⁰⁰.

Outro detalhe também importante é a relação entre o formador pessoal e o seu formando. Esta relação deve ser pessoal, deve existir um conhecimento recíproco entre formador e formando, quer dizer, o formador deve conhecer seu formando pelo nome, que indica um conhecimento mais íntimo, em sua essência mais íntima e este deve reconhecer a sua voz. O formador deve conhecer o caráter de cada um e *até chamá-lo com algum afetuosos apelido*. Isso é sinal de intimidade, de confiança, de amizade, de amor recíproco, não só amor de sentimentos, mas de querer o bem do outro de um relacionamento que favorece verdadeiramente a formação da vida do formando e não uma barreira, um empecilho. É uma relação que caracteriza uma facilidade de o formador entrar de forma determinante na vida do formando. Uma relação onde é banido

100 Escrito Obra Nova,9

o autoritarismo, a superioridade, a subserviência, o legalismo, o medo de se mostrar. Esse é um ponto nevrálgico, um ponto essencial para que a formação pessoal aconteça de forma favorável. Deve ser promovido o tratamento confiante.

O formador deve amar seus formandos com um amor pessoal ao ponto de chegar a cada um como se fosse o único que existe diante dele. Como Cristo, não sabe contar mais do que até um: e esse um é cada um dos seus formandos.

Jesus ainda afirma que “o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas... Por isso, o Pai me ama, porque dou a vida, para recuperá-la depois. Ninguém a tira de mim; eu a dou voluntariamente”¹⁰¹. Ele dá a vida às ovelhas e pelas ovelhas, e ninguém poderá arrebatá-las dele. O formador pessoal deve sacrificar sua vida para lutar com feras, lobos e hienas, que constituem uma ameaça constante, em defesa das ovelhas. Essas feras como nos alerta o nosso Fundador, são o sensualismo, ambição desenfreada do possuir, individualismo, mentalidade de morte, medo de confiar a vida a Jesus, medo da pobreza, da obediência e da castidade, medo de ser diferente do mundo, idolatria do prazer (hedonismo), idolatria do possuir (consumismo), idolatria do poder (egoísmo), desprezo da fé, da pureza do amor, da vida, da família, do homem que sofre...

Os discípulos reconhecem a voz e a presença de Jesus porque Ele age com eles com zelo, com cuidado, com respeito e age assim por amor. Sendo assim os discípulos sabem, reconhecem que todas as ações de Jesus são sempre por amor, se Jesus silencia é por amor, se Jesus age é por amor. Desta forma, eles não têm medo de Jesus, eles não se escondem de Jesus, eles são autênticos diante de Jesus, eles são verdadeiros diante de Jesus.

¹⁰¹ Jo 10,11,17

A segunda passagem das Escrituras escolhidas para completar o nosso conhecimento a respeito do perfil dos formadores pessoais é a dos discípulos de Emaús¹⁰².

Essa passagem nos ensina que o formador pessoal deve ser um irmão mais velho, não na idade, nem na vocação simplesmente, mas aquele que é mais velho na experiência pessoal com Cristo com todo o seu coração e alma, aquele mais velho no discipulado a Cristo com sinceridade e verdade, com autenticidade e amor. O seu seguimento a Cristo não é algo imposto, obrigatório, legalista, mas uma resposta de amor. E assim, como Jesus caminha com os discípulos de Emaús, não se descuida de caminhar lado a lado com seu formando: um caminhar na fé para compartilhar com seu formando a vida, tendo um relacionamento mais profundo com ele, ajudando-o a se conhecer melhor, a enxergar o dom de Deus em sua vida e a decisão de dar uma resposta livre e responsável a Ele. O formador deve se fazer presente na vida de seu formando como Jesus se faz presente na vida dos discípulos de Emaús.

O trajeto Jerusalém – Emaús, para além de um caminho físico, representa um itinerário espiritual, um via interior por onde passam todos aqueles que desejam consagrar a sua vida a Jesus. Jesus sabe que esse caminho é desafiante e cheio de tentações, como os ama dá todo o seu sangue por eles e não quer que simplesmente eles desistam diante das dificuldades, provações, tentações, desilusões e vão embora. Então, Ele se põe a caminhar com eles. Jesus sempre está ao lado dos seus amados mesmo nos momentos de dor, de sofrimento, de alegria e de felicidade. Ele deseja fazer-se notar.

Aquele que recebe a missão de formar outros deve ser uma pessoa que ama cada formando como Jesus amou os discípulos de Emaús. Deve

102 Lc 24,13-35

dar o seu sangue, o seu suor por eles. Deve caminhar lado a lado com seu formando para que eles não abandonem a vontade de Deus, a sua vocação. Como Jesus, devem fazer-se notar com sua assistência, com sua presença, com seu acompanhamento em todos os momentos, mas numa atitude de simplicidade, de amor, sem arrogância, sem intransigência. Desta forma, sentindo-se amado pelo seu formador, o formando sente-se seguro para ser ele mesmo.

A voz e a forma de Jesus caminhar com os discípulos são apaixonantes, faz arder os corações deles e esse *arder* do coração é mais, muito mais que sentimentalismo, é visita de Deus, presença de Deus transformadora. O formador deve fazer-se companheiro de viagem do formando, especialmente nos momentos de tristeza e de profunda desilusão como estavam os discípulos de Emaús, para reavivar em seu coração o calor da fé e da esperança e partir o pão da vida eterna.

A narração sobre os discípulos de Emaús diz Bento de XVI “mostra as consequências que Jesus ressuscitado realiza nos dois discípulos: conversão do desespero em esperança; conversão da tristeza em alegria; e também conversão à vida comunitária. Por vezes, quando se fala de conversão, pensa-se unicamente no seu aspecto cansativo, de desapego e renúncia. Ao contrário, a conversão cristã é também e, sobretudo fonte de alegria, de esperança e de amor. Ela é sempre obra de Cristo ressuscitado, Senhor da vida, que nos obteve esta graça por meio da sua paixão e no-la comunica em virtude da sua ressurreição”¹⁰³.

Essas palavras nos enche da certeza que o formador deve ajudar seus formandos a modificar o seu modo de pensar puramente humano e sair de toda situação de cegueira como se encontravam os discípulos de

103 Homília do Papa Bento XVI em sua visita pastoral a Aquileia e Veneza em 8 de maio de 2011.

Emaús, a ponto de receberem um coração abrasado cheio de possibilidades de ofertar a vida, de testemunhar Jesus. Diz João Paulo II: “*Qual é a glória do Messias crucificado?* É a glória da ressurreição dos mortos, ao terceiro dia; é a glória do triunfo sobre a morte e sobre o pecado. Cristo vive já na glória, mesmo que os olhos dos discípulos se mostrem incapazes de O reconhecerem”¹⁰⁴.

Também nos adverte Bento XVI que “é então necessário, para cada um de nós, como aconteceu com os dois discípulos de Emaús, deixar-se instruir por Jesus: antes de tudo, ouvindo-o e amando a Palavra de Deus, lida à luz do Mistério Pascal, para que aqueça o nosso coração e ilumine a nossa mente, e nos ajude a interpretar os acontecimentos da vida e dar-lhes um sentido. Depois, é preciso sentar-se à mesa com o Senhor, tornar-se seus comensais, para que a sua presença humilde no Sacramento do seu Corpo e do seu Sangue nos restitua o olhar da fé, para vermos tudo e todos com os olhos de Deus, na luz do seu amor. Estar com Jesus que permaneceu conosco, assimilar o seu estilo de vida doada, escolher com ele a lógica da comunhão entre nós, da solidariedade e da partilha. A Eucaristia é a máxima expressão da doação que Jesus faz de si mesmo e é um convite constante a viver a nossa existência na lógica eucarística, como um dom a Deus e ao próximo”¹⁰⁵. É esse caminho que devem trilhar todos aqueles que são discípulos de Jesus. E o formador precisa ser o instrumento de Jesus para que essas palavras se encarnem na vida dos seus formandos, os ministros e discípulos da paz.

Para isso se faz necessário que o formador pessoal seja verdadeiramente apaixonado pela beleza de Cristo e tê-lo como valor supremo da sua vida.

104 Homília do Papa João Paulo II Durante a Celebração Eucarística na Ilha da Terceira em Açores.

105 Idem.

Somente assim poderá propor aos seus formandos o que ele mesmo deseja, que ele experimenta como fonte de plenitude, como algo que lhe satisfaz.

O formador deve ter ainda dentro deste contexto, a capacidade de partilhar a felicidade, a alegria, o gozo de pertencer a Deus. Uma pessoa que não é alegre não pode ser formador, uma pessoa que não fez a experiência de felicidade, alegria e serenidade diante da sua escolha de vida não pode ser formador. O formador deve ser alguém seduzido por Deus, somente assim será capaz de difundir e contagiar o outro com a Sua beleza e bondade.

A busca decidida em assumir a face de Cristo em si até alcançá-la proporcionará ao formador pessoal a capacidade de conduzir seu formando a introduzir-se profundamente na mesma identidade de Jesus, até que reconheça em si mesmo a face Dele como sua própria face, a considerar os sentimentos Dele como seus próprios sentimentos. O formador, diz Amadeo, deve ter a “capacidade bem artesanal de intervir na habilidade e sabedoria sobre a *totalidade* das forças psíquicas: sobre o coração para que se apaixone por Deus, sobre a mente para que o contemple, sobre a vontade para que aprenda a ter os seus mesmos desejos [...] o formador é quem ativa essas operações, desperta tudo isso”¹⁰⁶. Isso é o caminho para a liberdade verdadeira, mística que se deixa alcançar para se deixar trabalhar pelo Espírito Santo levando a pessoa a uma vida ascética.

Também misericórdia e firmeza devem ser as virtudes que o acompanhem no exercício de sua missão. É uma linha tênue que existe entre essas duas virtudes, portanto requer muita sabedoria do formador para que não venha a ser misericordioso quando deveria ser firme, nem firme quando deveria ser misericordioso. Além do que este não pode ter a mesma atitude com todos, cada formando é único, possui uma história de

106. Idem, pág. 66

vida única, passa por momentos particulares pessoais, por isso não pode ser formado através de uma visão geral, mas de uma visão personalizada.

Isso acontece porque existem diversos tipos de pessoas que apesar de estarem diante desse processo formativo igual para todos respondem a ele de forma diferente. Ressaltando que a formação pessoal se desenvolve com mais eficácia nos formandos que possuem um estímulo interior de *dar tudo* por Deus e por seu Reino, naqueles que conseguem ultrapassar a si mesmo.

Outra dimensão muito favorável no aspecto da formação que a passagem dos discípulos de Emaús é o assumir a evangelização. Os discípulos de Emaús logo após reconhecerem Jesus no partir do pão, «imediatamente voltaram para Jerusalém» (Lc 24, 33). Isso demonstra a necessidade que eles sentem de regressar a Jerusalém com a finalidade de testemunharem a extraordinária experiência do encontro com o Senhor ressuscitado. Todos os cristãos, e de maneira especial, os discípulos e ministros da paz que possuem a evangelização como parte do tripé de suas vocações devem fazer um grande esforço para se transformarem em testemunha, pronta a anunciar com vigor e com alegria o acontecimento da morte e da ressurreição de Cristo.

Além desses aspectos essenciais, mencionados acima, em relação ao formador pessoal existem ainda características que não podemos deixar de elencar como:

- o formador deve ser alguém que tenha a capacidade de transmitir um sentimento, uma ideia, com eficácia, com a finalidade de enriquecer o outro favorecendo o seu crescimento;
- também deve ser alguém que espontaneamente consiga com que seus formandos percebam certa facilidade de confiar nele porque se sentem acolhidos, aceitos e compreendidos, enfim, o formador pessoal deve despertar confiabilidade, quer dizer,

criar confiança em sua própria pessoa, como também ajudar a pessoa a confiar em si mesma.

- continuando, o formador deve ser ainda uma pessoa *de* Deus *para* o outro, quer dizer, deve ser um mediador de amor que Deus tem para com o formando; assim sendo, deve assumir e exercer a paternidade de Deus, a paternidade espiritual que atrai. O formador ao exercer a paternidade divina, sente-se pai e ao mesmo tempo sente que o formando é um filho. Porém, no momento necessário, onde o próprio Deus deseja se manifestar sem nenhuma mediação, sabe desaparecer, retirar-se do meio, renunciar a uma amizade profunda para dar espaço ao encontro da criatura com o seu Criador. Esse amor gera uma construção na vida do formando. Um amor ágape, que não se fundamenta nas emoções e nos sentimentos, mas no sincero interesse e preocupação, na disponibilidade e prontidão, na incondicionalidade gratuita e universal, e no respeito à liberdade do formando.
- o formador pessoal deve ser como um *Pai Bom*. Mas o que significa isso? Um pai bom é aquele que acompanha o formando, fortalece-o, dá sentido à sua vida, anima, dar vida a todas as suas potencialidades e possibilidades. O formando deseja encontrar em seu formador a graça de poder sondar o espiritual, o divino, o Pai de verdade que é Deus.
- Outra dimensão de grande valor é o equilíbrio das faculdades do ser do formador. Isso não significa que ele seja perfeito em todos os seus níveis, mas que mesmo com seus defeitos concretos, suas diversas faculdades estejam integradas umas com as outras, de tal maneira que seja produzido um equilíbrio estável em todo conjunto de sua personalidade. Um bom

formador pessoal é aquele que resolve de forma satisfatória seus próprios problemas pessoais. Consequentemente, terá condições de enfrentar os problemas dos outros a partir de uma conquista de um nível satisfatório de liberdade interior. É inevitável para aquele que deseja ajudar seus formandos viver intensamente sua própria experiência e viver em unidade interior até o fim.

Dia 16 – pregação Emmir Lc12,42

Acompanhamento pessoal

Acompanhamento - eu sigo a caminhada do irmão atrás dele ou do lado dele, nunca na frente dele, acompanha-lo ir atrás dele, discernir sempre com ele aonde ele deve andar.

Mt 18,15 – correção fraterna

Acolhida, perdão, misericórdia.

1. Corrigir mas saber corrigir. A caridade me obriga a corrigir o meu irmão, mas com caridade. Não cometer o erro de faltar com a caridade, com a misericórdia, mesmo em casos graves não se pode faltar com a caridade. Os nossos sentimentos não podem aflorar na hora da correção. Quando a caridade não opera junto com a caridade, a verdade e a justiça, estamos degradando o homem, humilhando-o.

2. Discrição – vai corrigir-lo tu e ele a sós, discretamente. Cobre o teu irmão, guarda teu irmão.

3. Intercessão – eu tenho q deixar passar algum tempo depois que corrigi o irmão, precisamos esperar o tempo do irmão, que o irmão dê provas que ele se emendou. Enquanto o irmão vai caminhando eu devo sustentá-lo através da intercessão. Ninguém muda de um dia para o outro, as vezes de um ano a outro exceto em caso de escândalo ou pecado moral.

4. Irmã Brigid – Rainha Ester que se ajoelha diante do rei e ele estende o cetro para ela e diz q vai fazer o que ela pedir a ele (formador pessoal).

5. Onde está o teu irmão? Deus nos pergunta querendo saber em que ponto da caminhada está o teu? Ele está crescendo, correndo, embananado, retrocedendo, parado. Eu preciso ter o zelo por todas as áreas do seu ser, como elas estão funcionando, a base do personalismo de Joao Paulo II. Eu preciso formar o meu irmão de forma total.

6. Eu sei qual a via de santificação do meu irmão? Eu sei fazer uma leitura da vida do meu irmão. Fazer com que a pessoa procura fazer aquilo que Deus quer dela e ajudá-la a seguir o itinerário que Deus tem p ela, não é o nosso itinerário, mas o de Deus. A formação pessoal deve ser o momento onde eu vou ler a vida do meu, o fio de condução de Deus para a vida do meu irmão. Eu sei qual o seu itinerário espiritual do meu irmão.

7. Eu preciso formar o meu irmão de acordo com as características pessoais, que eu conheço cada detalhe de sua vida, sua idade, sua história, que etapa ela está vivendo, quais os sentimentos, suas ansiedades, suas angústias para reconduzi-la para o centro que é Deus. Você a cada formação precisaria preparar o seu formando para a boa morte. Se o meu formando morresse hoje ele estaria preparado? Que naquela etapa ele fez tudo o que ele deveria fazer que Deus queria que ele fizesse?

8. Na última ceia, Pedro faz sinal a João quando Jesus diz: Um de vós há de me trair porque ele sabia que Joao é aquele que tem o ouvido no coração de Jesus e o outro no coração do formando. Precisamos utilizar os carismas do Espírito Santo. Não devemos ter um João na nossa vida, mas nós mesmos devemos ter o ouvido no coração de Deus. O formador deve ouvir a Deus durante a formação dentro do seu coração. Usar o carisma com naturalidade. O Espírito Santo nos fala ao coração. Precisamos pedir a ele os carismas.

9. Sigilo

Fórum externo – é aquilo que todo mundo ver. Contar uma mentira na frente de todo mundo.

Fórum interno – o que o formando fala para nós na formação. Eu contei uma mentira. Isso é fórum íntimo. No entanto, muitos formandos devassam o fórum íntimo deles perante a comunidade.

Quais os perigos o violar o fórum íntimo – não é sigilo de confissão. Para nós Shalom é total sigilo.

Usar as informações dadas pelo meu irmão para falar com outra instância da comunidade. O que você acha de colocar essa pessoa que mente no economato? Eu acho q o formando adoraria trabalhar no jornalismo. Assim eu não exponho a vida do meu irmão, mas protejo a ele e ao setor do economato.

E se algum formando nos contar que vai se matar, o que devemos fazer? Ele corre risco e o formador tb. Nesse caso precisamos falar com a autoridade dela pedindo-a para dormir com ela e impedir que ela cometa o pecado.

E se algum formando nos contar que vai matar outro irmão? Nesse caso está em risco o formando, o formador e a pessoa que ela deseja matar. Mesmo assim não se pode quebrar o sigilo, deve-se arranjar uma forma de evitar sem expor a pessoa.

E se o formando nos contar que vai tocar fogo numa sala. Ela corre risco, o formador corre risco e a comunidade corre risco de escândalo.

Colocar as informações a favor do irmão ou manipular essas informações ou então expô-lo em alguma situação.

Conviver com o irmão a partir das informações recebidas. Não podemos usar as informações fora da formação. nem usar as informações a favor do formador pessoal

Falsas ideias da formação: 1. Deus está contra mim, Deus está sempre cobrando, Deus é uma ameaça. O formador não pode reforçar isso, não pode partir p o moralismo, cultivar a culpa, exigir atitudes moralistas. Será que o formador teria a luz de ver o itinerário desse formando. Eu não consigo ver que aquele momento é de noite espiritual. Não focar no erro do irmão e aplicar muito moralismo. Podemos perder o foco de Deus para o irmão.

2. meu formando não é meu inimigo. Meu irmão não é meu inimigo, meu irmão é meu irmão.

O formador deve ter a consciência real de que é um servo, não “o dono da situação”. O seu alvo é tudo fazer para levar seu formando à santidade. Para isso necessita utilizar algumas ferramentas que lhe dão capacitação para formar.

A primeira ferramenta é a utilização dos carismas do Espírito Santo. Os dons de Deus são armas poderosas, são armas para aqueles que estão servindo devem se apossar. Os formadores devem saber que sem Deus nada podem fazer, precisam estar unidos à “videira”.

Outro instrumento do formador é o uso da Palavra de Deus não para acusar, mas para levar o formando para Deus. Levar ao conhecimento oracional da Palavra, para levar ao formando a ter em relação à Palavra um significado real e vivencial.

O formador também pode se utilizar da orientação da leitura de algum livro que forneça mais conteúdo, que leve a pessoa a conhecer mais, pensar mais, refletir mais. Diferente de controlar o formando, que significa formar para as ideias e o serviço do formador.

Formar a consciência dos formandos para a Palavra, para uma sadia conversão ao magistério da Igreja, para o amor a Igreja, para o deslumbramento diante do valor da Igreja. Quem ama obedece como um ato de amor.

Capítulo 3

O RELACIONAMENTO ENTRE FORMADOR E FORMANDO

Para que a formação pessoal seja de qualidade, isto é, produza os frutos de conversão, a qualidade do relacionamento entre formador e formando é muito importante e cabe ao formador dar o tom desse relacionamento, com base nos seguintes parâmetros:

1. Cada formando é uma pessoa única, que carrega uma realidade espiritual, psíquica e corporal única. Isso significa que a sua realidade espiritual, psíquica e corporal não é igual a de nenhum outro formando e isso precisa ser respeitado porque interfere em todos os aspectos de sua vida, como a visão do mundo, da vocação, etc. ele precisa ser formado respeitando essas suas peculiaridades.

2. É fundamental interceder pelo formando, pois sabe que a graça de Deus precisa ser forte em sua vida para levá-lo a uma conversão contínua, assim como ao formador também. Para o formador a atitude madura de quem conhece a miséria humana e a sua própria, ajudará o formando a não ter medo de se expor para pedir ajuda. Acolher o outro com suas misérias e feridas com toda a caridade e sem escandalizar-se ajudará o formando que, sentindo-se amado e acolhido por Deus através do formador, desejará AMÁ-LO mais, buscando a fidelidade e a oferta de si.

3. O formador precisa ter um conhecimento perceptivo dos valores do formando e consequentemente respeito e aceitação por eles. Aceitação aqui não significa concordar com eles, mas acolher para formar. Podem acontecer influências mútuas quando o formador impõe um sistema de valores ou um modo de conduta ao formando. Lógico que é inevitável que aconteça certa influência do formador sobre o formando, mas deve ser muito mais pelas suas atitudes do que pelo que possa ensinar. No entanto, o formador não pode deixar passar aquilo que é mal e desordenado em relação ao plano de Deus.

4. A vida do formando deve ser sempre vista como algo importante para o formador pessoal. Para tanto, uma dimensão imprescindível é que a relação entre formador e formando é uma relação contínua, “o formador não tem só um caso ou um problema de vida espiritual para resolver, mas uma pessoa com a qual está ligado. Deve empregar o tempo necessário para conhecê-la, saber que caminho tem percorrido e colocar seus passos nos dela, muito atento à maneira como Deus conduz”¹⁰⁷.

5. O formador deve levar em conta ainda que para se ter um relacionamento que produza bons frutos na formação é o aspecto da confiança. Esta deve possuir um grau elevado, suficiente para levar o relacionamento a um conhecimento maior e uma inclinação natural entre um e outro que gera abertura e docilidade. Quanto maior o grau de confiança, maior a possibilidade de o formador construir no formando uma segurança com a qual ele pode elaborar suas próprias decisões.

6. Nesse processo de relacionamento, é importante que o formador vá descobrindo as motivações que o formando tem ao relacionar-se com ele, porque a verdadeira motivação deve ser a de deixar-se ajudar

107. *Direção Espiritual*, pág 126

para ser formado. Uma coisa é o apoio e a proteção que o formador se vê obrigado a dar ao formando. Mas ele não pode esquecer que o formando deve ser trabalhado para alcançar a capacidade de tomar as decisões importantes de sua vida por conta própria. Quanto maior for essa capacidade, menos proteção deve haver.

7. A imagem que o formando deve apontar para o Deus que é bom Pai e misericordioso, mas forte e justo, que por vezes acolhe como uma mãe delicada, mas também forma os seus filhos para a doação de si. Assim, precisa observar o formador a atitude de não se concentrar nas debilidades e fraquezas dos seus formandos tentando solucionar problemas para que eles não venham incomodar. Essa é uma postura negativa porque definitivamente nunca soluciona o problema mais *profundo* da pessoa. Essa atenção do formador em problemas que não sejam centrais acontecem por ter uma visão reduzida e superficial da vida do seu formando. O que é pior, geralmente provoca uma angústia que se impõe à consciência da pessoa levando-a a uma atitude de defesa intermitente.

8. A formação não pode nunca se tornar um campo de batalha, nem de medição de forças, nem muito menos de competição entre formador e formando. Isso seria um desastre. A presença e o acompanhamento contínuo recheado de paciência, confiança, tolerância e amor é o que faz a diferença. Muitas vezes encontramos formadores e formandos feridos, cansados, desgastados, com sentimento de fracasso. O formador precisa ser consciente que a vida do formando não é a sua vida e que não pode fazer com ela o que quer de forma imposta. Isso não forma, mas deforma.

9. O formador precisa concentrar sua atenção e força em encontrar o “fio da meada”, onde está dificuldade mais profunda do seu formando que provoca dificuldades superficiais, mas também a alavanca que pode movê-lo em direção à verdade e ao seguimento incondicional

a Jesus no carisma a que foi chamado. Por outro lado, esse trabalho não pode se tornar nunca um campo de batalha, gerando rachaduras no seu relacionamento e conseqüentemente na ação transformadora do Espírito no processo formativo.

10. Um ponto importantíssimo a se levantado é a necessidade de dosar a ajuda ao formando, tendo em vista evitar a dependência do formando para com ele. A atitude do formador em relação a esse aspecto é conter essa atitude, podendo até tolerá-la no começo para que a relação não se corrompa, mas estimulando-o sempre a amadurecer para que seja ele mesmo e, a partir de sua própria identidade, inicie e renove sua relação com Deus a que deverá se responder. Neste sentido, a principal e primeira atitude do formador diante da dependência do seu formando é a de estabilizar a pessoa em seu centro.

11. A atitude que vale a pena o formador investir nela é a de potencializar a identidade profunda dos seus formandos, quer dizer, potencializar o ser Shalom, a sua forma de agir, de sentir, de viver, a partir de dentro. Não pode ser algo exterior. Essa com certeza provoca um estado de iniciativa a partir do mais profundo do ser da pessoa. Com certeza ajudar uma pessoa a crescer a partir de dentro oferece poucos resultados favoráveis a curto prazo, mas o formador precisa aprender a abdicar da tentação do imediato para a sua própria satisfação e para que o seu formando se sinta bem. O processo formativo não é um livro de receitas que o formador impõe o que o formando tem de fazer, assumindo uma postura de salvacionismo, restringindo sua liberdade de ação, nem também de deixar fazer o que o formando quer. É preciso encontrar juntos com seriedade e compromisso o que Deus quer.

12. Também pode acontecer nessa relação uma atitude de uma excessiva identificação com o formando. Identificação é diferente de em-

patia. A identificação admite certa aprovação e cumplicidade com as fraquezas e falta de maturidade do formando e que são a razão dos seus problemas. O que não é a mesma coisa de compreender as fraquezas e esperar o tempo certo da ação formativa realizar sua obra na vida do formando. O protagonismo na formação precisa ser do formando, apesar de que o formador pessoal precisa interferir nas áreas as quais o formando não consegue abordar durante a formação. No entanto, o formador precisa respeitar o ritmo espiritual do mesmo, buscando perceber como Deus conduz essa ovelha. Um clima de simplicidade e empatia ajudará ao formando na abertura do seu coração, da sua alma, da sua vida. Às vezes pode ser necessário que o formador faça a partilha de irmão que edifique o outro, que ressalte a graça de Deus na própria vida e o desejo que deve nos acompanhar na vida espiritual (e que também é graça...).

13. Alguns formadores experimentam também uma rejeição em relação ao seu formando por medo ou antipatia devido a certos temperamentos, fraquezas, dificuldades ou juízos pré-estabelecidos. Nesse caso, o caminho certo é se desarmar em relação a tudo que causa essa rejeição. É necessário jogar-se nas mãos do Espírito Santo e suplicar sua graça. “Ama e faze o que quiseres”. Parafraseando Sto. Agostinho, poderíamos dizer: “Ama e fala o que é necessário e verdadeiro”. O alicerce onde deve ocorrer a formação pessoal é a caridade de Cristo. Quando o formando se sente respeitado e amado com a caridade de Cristo, ele é capaz de ouvir verdades nem sempre fáceis e até duras a respeito de si mesmo e de suas atitudes, porque, por experiência, tem a serenidade do amor que o ampara e o acolhe apesar de tudo e não o deixará sozinho em suas dores.

14. Uma das causas que prejudica os relacionamentos é a inflexibilidade nos próprios julgamentos por parte do formador. Esse se apega às vezes de forma demasiada ou tirana a seus próprios julgamentos e opi-

niões. Com certeza esse tipo de postura coloca obstáculos no processo formativo. O formador inflexível carece de disponibilidade para ouvir e escutar, e quando o faz reduz o diálogo a medida que pensa ou quer que o outro seja. Também assume em algumas situações que não são raras a atitude de domínio sobre as pessoas. A inflexibilidade é consequência de temperamentos fortes, mas não só, pode vir também porque o formador se sente uma pessoa cheia de unção e de posse da verdade em relação aos seus formandos. Como ele se sente o dono da verdade, acha que pode mandar e exigir imperiosamente.

15. A postura de rigidez do formador, que muitas vezes, o leva a um legalismo infecundo para a vida do formando. Tal rigidez pode vir de uma educação familiar um tanto castradora ou escrupulosa. A rigidez pode causar, durante certo tempo, uma falsa postura de conversão no formando... mas, com o passar do tempo, ele retorna às mesmas circunstâncias que foram negadas e reprimidas no processo formativo, gerando no formador uma certa 'desilusão' com o formando. É necessário partir com o formando do ponto aonde ele se encontra realmente (onde ele possa se revelar sem máscaras). Para isso, é necessário que o formador tenha uma atitude de humildade, simplicidade, verdade e conhecimento tranquilo da miséria humana – Deus ama o pecador e quer libertá-lo do pecado (que nos mata espiritualmente).

16. Para um bom relacionamento entre formador e formando não pode acontecer por parte do formador o desejo de preencher seus vazios de amizade e valor, seu desejo de ser reconhecido importante diante do outro. Nesse caso pode acontecer a tentação de querer ser compensado através do consolo e da adulação servil por parte do formando. Não é assim que Deus se relaciona conosco. Com certeza essa não será uma relação sadia. As consequências desse nível de relacionamento é uma

dependência consciente ou inconscientemente do formador em relação ao seu formando e do formando em relação ao formador.

17. É indispensável uma percepção do formador a respeito de si mesmo para não prejudicar a relação e conseqüentemente a eficácia do processo formativo. Assim, ele deve estar sempre se indagando diante do Senhor quais sejam as suas motivações para determinados julgamentos internos ou posturas diante do formando. Algumas virtudes o ajudarão abundantemente como a vigilância, cautela, conhecimento de si mesmo, consertar e purificar continuamente os impulsos da sua imaginação, memória e afetividade, como também de sua inteligência e vontade.

Para concluirmos, a atitude do formador precisa ser de cuidado de si mesmo. O formador necessita guardar certo grau de privacidade para ajudar melhor seu formando, precisa respeitar seus limites físicos e psíquicos para dar tudo de si para que seu formando abrace de forma profunda o desígnio de Deus sobre si mesmo.

Uma realidade que tem acontecido com uma frequência razoável é o fato de o formador passar por alguma purificação, crise ou situação de sofrimento, cansaços, muito trabalho, e tende a não acompanhar o formando, tende a fechar-se. É importante a maturidade de separar as coisas, ou seja, o formando precisa de acompanhamento regular, independente de suas realidades pessoais. O formador pessoal precisa fazer as seguintes reflexões, antes de dizer “não posso agora”: Realmente estou impossibilitado de acompanhar? Existe em mim uma crise de valores que me impeça de bem orientar o meu formando? Confio em mim mesmo, ou no Deus que é fiel e age independente da minha fraqueza e no seu evangelho (alicerce de toda formação)? Quais são as inconsistências que carrego que me impedem de ter disciplina no processo formativo dos formandos?

Essa dimensão de sacrifício e oferta por amor a Deus, num momento de sofrimento pessoal, também é fonte de fecundidade na formação dos formandos. Assim, é fundamental ao formador que alimente em si a esperança cristã, que nos faz crer que a pessoa, apesar de suas misérias humanas e feridas é capaz de amar a Deus e dar sentido a tudo, encontrando seu caminho espiritual, percebendo os desígnios de Deus para si, a cada tempo. Essa paciência histórica (como a de Deus conosco) é fruto da esperança e da confiança no nosso Deus que é fiel em completar a obra que começou.

É importante dizer também que o formador tem limites e que está sujeito a pode enganar-se, agir em algum momento sem a caridade devida, ou equivocar-se em algum discernimento... Mas isso não deve lhe assustar ou desanimar. Se acontecer, deve ter a atitude madura de admitir, expressar e pedir perdão, retomando o caminho da caridade. A humildade do formador também será educativa para o formando.

Parte III

Capítulo 1

A PESSOA DO FORMANDO E O PROCESSO DE FORMAÇÃO

Cada pessoa é única e irrepetível e, portanto, diferente das demais. Cada pessoa é um *caso diferente*, possui uma história de vida particular e não pode ser identificada e tratada de outra forma. A Formação Pessoal considera o formando de forma única, ainda que existam elementos comuns na vida dos membros de uma mesma família religiosa, e, como pessoa única, é sujeito de seus atos. Alguém único é também responsável por eles perante Deus.

O Formador deve considerar seus formandos a partir da concepção unitária: corpo, alma e espírito. Por isso, a formação deve ter a tendência de ser integradora, fazer referência a todos esses aspectos do ser dos formandos de forma harmônica. Assim, devemos ter todo o respeito pela individualidade e autoidentidade da pessoa, mas, ao mesmo tempo, deve despertar nos seus formandos a consciência de que eles têm de ser eles mesmos diante de Deus e diante das demais pessoas, sem se envergonharem, nem se acharem acima de sua realidade.

É importante, ainda, que o Formador Pessoal tenha a consciência clara de que os seus formandos são pessoas diferentes, mesmo que possuam os mesmos parâmetros fundamentais, ou seja, os mesmos Estatutos, Escritos e Carisma. Deve, assim, respeitar o ritmo, a qualidade e as acentua-

ações que serão distintos segundo cada pessoa e que terão uma variação segundo suas condições. Lembrando que a resposta ao chamado de Deus se desenvolve com mais eficácia nas pessoas que possuem o estímulo interior de *dar tudo* por Deus, por Seu Reino e pela Obra e Comunidade Shalom, transcendendo a si mesmo e na medida em que o possuam.

Assim, o Formador Pessoal tem em suas mãos a verdade sobre o homem, que, apesar de ter se deixado seduzir pelo Maligno e abusado da sua liberdade, guarda em si o desejo do bem¹⁰⁸. E é nessa matéria-prima que ele deve trabalhar.

O ser humano é um *ser-com-finalidade*. Ele é atraído a um fim a partir do mais íntimo. Ele tende totalmente a esse fim. É um ser teleológico, é um *ser-para* e não pode prescindir dessa realidade para que não venha prejudicar sua própria vida. *“Por isso que a formação pessoal tem como tarefa específica ajudar a pessoa a assumir como própria a realidade de que sua vida é uma resposta ao amor criativo de Deus e de que a ação salvadora d’Ele a conduz ao Fim-Plenitude: ao ponto Ômega. Ela deve assumir que possui em si uma finalidade”*¹⁰⁹.

É certo que uma pessoa só é formada, ou seja, entra no processo de formação se ela tiver *“desejo, querer, se dispor e se colocar como um formando, como alguém que quer crescer, que deixa-se formar, que deixa fazer brotar a semente e a árvore que existem dentro de si para compor o novo jardim de Deus”*.¹¹⁰

Essa afirmação do nosso fundador tem muito a nos esclarecer sobre qual deve ser a postura do formando no processo de formação: desejo, disposição e se colocar como formando. Essas palavras signifi-

108 Cf. Catecismo da Igreja Católica, 1707.

109 A direção espiritual, Tomás Rodríguez Miranda, m sj, pág. 26.

110 Escrito Obra Nova,

cam vontade de possuir, anseio, aspiração, decisão, intenção, abertura, humildade, verdade, ser sempre criança nas mãos de Deus.

Adverte-nos Amadeo Cencini que uma pessoa que abraçou uma vida de consagração pode ir do *“postulando até à profissão perpétua sem se deixar minimamente tocar pela formação, sem mudar nada, sem se tornarem novos. Serão como turistas numa longa excursão, tudo dentro do programa e escutando atenciosamente as informações sobre a viagem do chefe da comitiva. Mas a formação não é uma soma de informações, nem o formador é um simples chefe de comitiva que dá instruções...”*¹¹¹.

Todos aqueles que desejam percorrer um caminho vocacional, ou seja, dar uma resposta positiva ao chamado de Deus, não pode se iludir de que não vai precisar mudar e crescer numa direção diferente da que tem seguido até agora. Não se iludam, mas, ao se consagrar, a pessoa deve mudar muita coisa em sua vida, ter um real desejo de conversão. Portanto, deve haver no coração do formando o desejo e a motivação de mudar. Se isso não acontecer, a formação será inútil, “servirá apenas para homologar o que a pessoa é; no mínimo, torna-se *deformação*”¹¹².

O formando precisa ser conscientizado de que certos modos de viver não realizam os valores da consagração. Se ele insiste, o que vai colher é uma aparente satisfação do instinto, mas que, no fim, deixa um gosto amargo na boca. Isso acontece devido ao fato de que não o satisfaz radicalmente e de maneira definitiva, somente a parte mais infantil da sua pessoa, a mais ávida e insaciável. Não é preciso ser santo para entender isso, diz Amadeo Cencini, basta ser esperto...¹¹³.

Outra dimensão que o formando não pode se esquivar de saber é que o caminho de uma vida de consagração não é tão simples como

111 Amadeo Cencini, Os Sentimentos do Filho, pág. 278.

112 Idem, pág. 279.

113 Idem, pág. 280.

muitos pensam. Não basta que ele tenha uma pitada de boa vontade nem observe alguns projetos comportamentais. A consagração de uma vida a Deus, pela Igreja e pela humanidade, é bastante complexa, encerra muitos elementos, possui muitas exigências, abarca muitas facetas. Para que uma pessoa abrace a consagração de vida a Deus como ela é, sem fantasias, sem ilusões, sem projetos feitos segundo o seu planejamento, precisa ter um coração aberto, despojado, dócil e disposto para confiar nos sonhos de Deus. Uma consagração de vida só acontece verdadeiramente se houver a reconstrução da casa, não é suficiente mudar alguns acessórios sem importância. Como se reconstrói uma casa? Derrubando a antiga sem se ficar satisfeito somente em consertá-la e colocar algumas estacas de sustentação.

Os membros de uma comunidade precisam ser bem esclarecidos que não são os *benfeitores* dela, que não são aqueles que garantem a sua sobrevivência. Pelo contrário, são eles que usufruem do benefício que a comunidade oferece, são beneficiados com as graças que Deus concede a comunidade. Precisam reconhecer que não fazem nenhum favor em pertencer a ela, em se converter a Deus, pois é Ele que pede essa conversão, não a comunidade ou o formador. É o projeto de Deus que os chama à santidade para o seu bem e plena realização de sua pessoa.

O Formador Pessoal não pode assumir uma atitude de complacência e tolerância excessivas com seus formandos, ou um estilo formativo que permite tudo e nada exige. Lembremos de que todas as inconsistências humanas têm sua cura e libertação em Cristo. Ele é o caminho, a verdade e a vida para cada homem. Ensina Amadeo Cencini que Cristo é *“o único que tem palavras de vida e lhe pode falar a verdade, aquele que lhe indica, com precisão, o caminho a ser seguido para sair de suas contradições e mágoas interiores, aquele em cuja palavra pode apostar...”*

Crer nele significa dizer, para o consagrado, que é bonito ser como ele, crer que isso vale a pena mesmo que exija muito esforço, crer que será possível em qualquer circunstancia, porque será dele que virá a força...”¹¹⁴.

O formando “é aquele que, em solidão, tem de se enfrentar com seu próprio destino, com sua própria finalidade e assim responder com sua decisão, estando consciente de que são as decisões que vão construindo sua pessoa definitiva. Paradoxalmente, ‘ser formando’ significa um empreendimento pessoal; é alguém encontrar o clima que lhe permita tomar sozinho e ativamente sua vida em suas próprias mãos, para entregá-la à ação do Espírito”¹¹⁵.

Somente assim, com essa atitude, compreende que é necessitado ser formado, ajudado, estimulado e, inclusive, protegido. Suas atitudes devem ser de perceber sua vida como um projeto de Deus que ainda está inacabado, sem autodefesa diante dos problemas que inevitavelmente lhe acontecem; também deve alimentar constantemente um desejo de busca do sentido da sua vida de forma livre e de construção contínua. Esta é uma atitude de aceitação da responsabilidade com sua própria história; permanecer em disponibilidade total e flexível diante das decisões que tenha de tomar em qualquer momento; assumir uma obediência incondicional ao Espírito Santo; estimular a vontade de *enfrentar-se* com sua própria realidade, aceitando-a; manifestar-se ao formador com uma transparência total; assumir com fidelidade o processo de discernimento não só como atitude, mas também como método; não ter medo de abrir-se ao seu formador; evitar inteiramente reações agressivas com seu formador; evitar a existência de transferências imaturas ou inadequadas.

¹¹⁴ Idem, pág.284.

¹¹⁵ A Direção Espiritual, Tomás Rodríguez Miranda, sj., pág. 137

Quando se abraça um carisma e uma vocação é normal que as pessoas passem por momentos de desafios e de crises, mas constatamos que existem aqueles que são *“extraordinariamente tranquilos, que nunca entram em crise, imperturbáveis e sempre satisfeitos de si e daquilo que fazem enquanto, ao contrário, seria uma boa coisa, para eles próprios e para aqueles que têm a sorte de viverem com eles, que aceitassem entrar em crise, em uma bela crise!”*¹¹⁶.

Esse mestre de formação, Amedeo Cencini, ressalta assim a expressão “disponibilidade formativa”. O formando precisa abraçar, acolher essa disponibilidade formativa, precisa se deixar formar, *“para que não estejam só na aparência no caminho formativo; não é verdade, efetivamente, que todos os ‘nossos membros’ estejam em formação. A história nos diz que há alguns que atravessaram incólumes todas as etapas do processo formativo, arranjando-se entre vários desafios e provocações, sem se deixar minimamente tocar por nenhuma intervenção formativa, e até exibindo uma olímpica imperturbabilidade, às vezes tomada, ingenuamente pelo inócuo formador, por serenidade e estabilidade de caráter. Para ‘essas pessoas’ não houve nenhuma formação (inicial), nem haverá nenhuma formação (permanente). É evidente...”*¹¹⁷. O formando, portanto, deve querer saber o seu grau de disponibilidade formativa, o coeficiente de disponibilidade formativa, expressão de Amedeo Cencini. O autor continua: *“A coisa impressionante é que estes são tantos, e talvez constituam o verdadeiro problema da vida sacerdotal e religiosa, antes mesmo da crise vocacional e de todo o resto que hoje seja motivo de apreensão a nível oficial e seja objeto de atenção e intervenção específicas. Um verdadeiro caruncho na Igreja de*

116 Apostila, Amadeo Cencini Módulo V - Os Sentimentos do Filho, págs. 233 e 234, Módulo V

117 Os Sentimentos do Filho, págs. 233 e 234.

*Deus, como uma célula cancerígena que – na medida em que não é diagnosticada a tempo – pouco a pouco contamina as outras e fazem adoecer todo o organismo*¹¹⁸.

Diante dessa realidade preocupante, precisamos perceber, como nos alerta Amadeo Cencini, “*que o verdadeiro problema é que estas pessoas não cometem graves transgressões (pelo menos não segundo eles), não têm nenhuma dúvida vocacional, normalmente vivem uma certa fidelidade (ao menos no ‘grosso’ ou oficialmente). Algumas vezes são também particularmente rígidos no agir e defensores das autoridades constituídas. Não têm motivos externos para sentirem-se responsáveis de alguma coisa que não vai bem, isto porque não conseguiram calar as vozes internas que os poderiam questionar, como aquela famosa tensão interior entre o eu atual e o eu ideal. Encontraram um bom equilíbrio de vida, bom porque consente uma conciliação entre as exigências dos valores escolhidos e as pretensas das necessidades infantis da adolescência e funciona tão bem esta conciliação que normalmente externamente parecem pessoas equilibradas (nunca se alteram, nunca perdem a cabeça, não fazem coisas estranhas e podem até mesmo conseguir uma boa reputação social...)*”¹¹⁹.

O formando deve ter uma atitude de nunca querer se enganar, nunca desprezar aquilo que os outros dizem a seu respeito. Existem aspectos da sua personalidade que os outros veem e ele não: só um tolo ou pretensioso se priva desta fonte preciosa de informação. “*Trata-se de despertar uma sensibilidade que está se atrofiando, tornando-se fria e apática, através de uma atenção não só aos comportamentos, mas também aos sentimentos, aos gostos, aos desejos, as motivações particulares, para passar da sinceridade (reconhecer aquilo que se experimenta dentro) à verdade*

118 Idem.

119 Idem.

(entender o motivo ou a raiz profunda daquele sentimento). Talvez faça rir alguém, mais seria uma ótima medicina preventiva para não cair nesta síndrome do tipo 'nunca em crise', aprender de verdade a fazer aquela coisa tão séria e salutar e, no entanto, simples e acessível que é o exame de consciência ('a psicanálise do pobre'), através do qual se aprende a olhar-se por dentro com inteligência, passando da atenção ao 'que coisa eu fiz' ao 'como eu fiz' (com quais posturas e sentimentos interiores). Do como ao porque, do porque ao para quem eu fiz, para não se deixar iludir por fantasias e partir da verdade... [...] Existe uma esperança de que estas pessoas saiam do exame de consciência um pouco 'machucadas' ou de descobrir alguma contradição e inconsistência interior. Sentindo-se finalmente em crise, para a paz de todos. Deo gratias!''¹²⁰

O formando deve assumir a postura de ansiar pela formação, de não ter receio que seu formador coloque a mão em áreas que necessitem de serem invadidas pela graça de Deus e, assim, serem santificadas; ou ele mesmo expor essas áreas, o que seria mais gratificante e com menos riscos de feridas ou mal entendidos.

Não é possível que o formando vivencie exigências às vezes tão difíceis e não enfrente nenhuma dificuldade. Nesse caso, o formador tem o dever de ser protagonista no momento de formação. Não deve esperar que o formando se esconda no seu casulo e prejudique a construção do plano de Deus para sua vida. Precisamos lembrar que a matéria com que se trabalha são almas, santidade, salvação, libertação do mal.

Para que o processo formativo aconteça, o formando deve ter características essenciais e, se as não tem, devem ser fomentadas em sua vida pelo formador pessoal. Entre as características está a sinceridade, que é o primeiro passo.

¹²⁰ Idem.

O que significa ser sincero? Significa a capacidade de reconhecer em si atitudes, sentimentos, reações, comportamentos ou qualquer outro aspecto que seja um contraste interior ou uma situação de perigo, psicológico ou espiritual. Por exemplo, um celibatário que experimenta uma sensação muito especial por uma determinada pessoa. Como ele viveria a sinceridade nessa situação? O homem sincero não esconde essa verdade dele mesmo e apresenta a situação para seu formador. O reconhecimento da fraqueza é a palavra-chave. Ele ver a dificuldade de frente e, vai mais além, sofre diante dos valores que escolheu, a ponto de sentir dor pelo fato de tê-los recusados. Essa dor acontece porque nos valores que escolheu, que optou, esconde-se a verdade da sua vida e do seu ser. A pessoa sincera também possui a capacidade de ler o que sinaliza o seu corpo como reações diante das diversas situações da vida.

Se o formador estiver satisfeito com a atitude sincera dos seus formandos precisa saber que existe um passo a mais que é o de reconhecer o motivo profundo, o porquê daqueles sentimentos, escrutinando e lançando o olhar para além do que se sente: é preciso ir da sinceridade à verdade. Isto é possível por meio de um exame de consciência inteligente, que acontece somente quando o indivíduo se empenha a ir além do simples comportamento ou dos sentimentos e tem a coragem de fazerem-se perguntas específicas. Por exemplo: voltando para o exemplo do celibatário que experimenta uma sensação muito especial por uma determinada pessoa. O primeiro passo foi a sinceridade, encarou a realidade de frente, não se escondeu, mas agora é necessário que ele saiba o motivo dessa situação: "O que essa sensação tem a dizer sobre o meu caminho de maturidade, ou o que tem a revelar sobre mim mesmo? O que realmente eu estou querendo? Porque eu cheguei a esse ponto?"

Segundo Amadeo Cencini, *“isso é a verdade e somente assim a pessoa começa a descobrir sua própria verdade através do laborioso questionamento pessoal, humilde e corajoso, constante e diário, com indagações que passam do objeto (do que sinto ou ouço), ao porquê, chegando à sua raiz e significado simbólico. Este é o verdadeiro exame de consciência, em que a consciência não só desempenha o papel de sujeito que indaga mas também se torna objeto de investigação (ou, dito de maneira inversa, não se faz somente exame de consciência, mas o exame da consciência, ou seja, como ela está funcionando)... [...] O máximo realismo da vida é passar da sinceridade à verdade, como uma peregrinação às fontes do Eu em nada negado, que pode revelar aspectos surpreendentes e dar uma volta à crise”¹²¹.*

O sacerdote Amadeo Cencini, religioso canossiano, afirma ainda que existem alguns sinais relevantes que demonstram se o formando vive em perene estado de formação. Nesse caso, é preciso considerar três áreas: a sua verdade atual, o grau de liberdade para seguir a Jesus e ao seu chamado e a abertura ao irmão.

Existem sinais que revelam se o formando *não* possui disponibilidade em se deixar formar, um deles é a perda do contato com o seu “eu”, o outro, é o “eu” distraído (sem autêntica atração), e um terceiro é o “eu” fechado em si mesmo.

O eu perdido

A inconsistência significa as fraquezas, o ponto central que leva a pessoa a sair da vontade de Deus. Existem pessoas que não sabem nem ver a inconsistência. Repara nelas apenas pelas consequências, pelas quedas que, para essa pessoa, parece inevitável. Ela não vê a solução, nem se responsabiliza por ela. A solução dependerá somente dos outros, do

121 Amadeo Cencini, apostila FUNIR, módulo V, Acompanhamento Espiritual, Visão realista.

formador ou do próprio Deus. A pessoa não faz absolutamente nada, o formador percebe um sentimento de fatalidade e impotência que permeia a vida do seu formando.

Depois de algumas quedas na mesma direção, a pessoa começa a sentir certo mal-estar interior. Neste nível, inicia-se o processo de libertação da inconsistência, percebe que algo não vai bem dentro de si, o seu interior não funciona bem. Começa a reconhecer a inconsistência, a identificá-la, mas ainda não conhece sua causa nem possui a coragem de mudar. O conhecimento não é suficiente para não cair mais na mesma fraqueza.

Nesse processo de quedas, a atitude interior, que é a próxima fase, passa por um processo de transformação. Agora, o formando "vê" sua conduta errada, sua raiz e sua motivação. Vê sua imaturidade. Consegue sair da fraqueza com suas próprias pernas, sem ficar dependendo dos outros. Não cai mais em sua fraqueza por automatismo, mas por hábito que pode ser controlado.

Se a pessoa segue normalmente o processo de liberdade interior, nesse momento começa a detectar a inconsistência e cresce na capacidade de evitá-la, mas ela ainda existe realmente e realiza ainda certa atração. Na próxima etapa, a pessoa se encontra em fase decisiva: o velho ainda está vivo, mas o novo se apresenta fortemente atraente. Nessa etapa começa a viver um novo de forma decisiva. Não deseja mais o velho, quer outra coisa muito mais consistente e verdadeira diante daquilo que experimentou.

Passa, então, para a fase mais importante: o velho passa totalmente e a pessoa é capaz de abraçar fortemente o novo, a vontade de Deus. É a fase da decisão radical, a fase de remover o obstáculo que a impede de viver o carisma e a vocação. Agora é capaz de dar um novo

rumo ao ser. Sua identidade e afetividade vão sendo reconstruídas sobre fundamentos novos. Podemos dizer, assim, que é a verdadeira liberdade, fundamentada na verdade sobre a própria pessoa, mas sem abdicar das renúncias e dos sacrifícios que rompem com as correntes dos antigos hábitos e escravidão.

O formando e o formador precisam meditar sobre o fato de que as feridas que lhes forem feitas no passado não é responsabilidade sua, mas, “cada um é responsável pela atitude que assume no presente diante de suas feridas”¹²². O formando precisa tomar sua vida nas mãos, precisa ser o protagonista da sua vida. Ninguém pode assumir a vida do outro. Não seria justo com a própria pessoa. Ninguém tem o poder de dar sentido a vida de outro, somente a própria pessoa pode fazer isso. Da mesma forma que só a pessoa pode consertar o que parece irremediavelmente errado. E somente se o fizer, torna-se, realmente, sujeito da própria vida.

Inúmeras vezes, experimenta-se a fraqueza, os limites no caminhar vocacional, mas sempre se deve esforçar para “retornar” a direção que se estava trilhando. O formador e o formando precisam ter essa visão sem muitos alardes. Quantas vezes aconteça o desvio da vocação, quantas vezes será necessária a volta, o retorno a ela com humildade e amor. É o esforço de convergir todas as forças e colocar Deus no centro da própria vida. Isso não significa que o formando se desligou e deseja retornar, essa é outra situação totalmente diferente da que estamos abordando aqui. Mas é o reconhecimento de que se afastou de Deus e da vocação por algum motivo e reconhece que sem Ele não é feliz, não é realizado.

Deus nos ama com um amor profundo, um amor que o impulsiona a nos chamar sem mérito algum. Ele não precisa de nós. Deus nos

122 Amadeo Cencini, O Pai pródigo, pág. 32.

ama com um amor que nos ensina. Deus nos ama com um amor que nos traz em Seus braços. Ele nos ama com um amor que nos segura com laços amorosos, com um amor que nos alimenta. Deus nos ama com um amor que nos põe em Seu colo como criancinhas (Os 11,1-4.8c-9). O amor de Deus nos constrange e só nos resta amá-lo perdidamente, sem reservas, sem cálculo, sem restrições, sem medo; mas como somos fracos e medíocres, o nosso amor é frágil, sujeito às intempéries do nosso pequeno coração. Portanto, se queremos – e devemos querer – responder a esse amor divino, precisamos *proteger* o nosso amor a Deus. Nesse caminho de seguimento a Cristo na Vocação e Carisma Shalom, podemos até ter boa vontade em abraçá-los, mas boa vontade não é suficiente para nos manter com a chama acesa. É necessário um amor sublime, um “amor forte como a morte”, um amor que nos leve ao despojamento de nós mesmos, que nos dê a coragem de nos humilhar diante de Deus e, assim, sermos visitados por Ele. Precisamos proteger o nosso amor para que ele não venha a ser destruído pelas nossas próprias mãos.

Sobre esse aspecto, Raniero Cantalamessa nos ensina que *“quem ama, quanto mais intensamente o faz, mais se dá conta com angústia do perigo que corre este seu amor, perigo que não provém dos outros, mas de si mesmo; de fato, ele bem sabe que é volúvel e que amanhã, infelizmente, já poderá cansar-se a não mais amar. E, já que agora vive no amor, vê com clareza a perda irreparável que isto comportaria; então, premune-se ‘vinculando-se’ ao amor mediante a lei e, desta forma, ancorando na eternidade o seu ato de amor, que acontece no tempo”*¹²³.

Como vimos, o amor necessita de proteção, e o formando que faz a caminhada de consagração a Deus deverá fazer a opção de se obrigar a amá-lo para sempre, precisa fazer do amor um dever.

¹²³ A vida sob o senhorio de Cristo, pág. 146.



Capítulo 2

OS VALORES CRISTÃOS

No processo de formação pessoal os valores cristãos não podem ser esquecidos, eles devem compor a personalidade do formador e formando. São eles o amor, a obediência, a tolerância, o respeito, a paciência, a benevolência, a gratidão, a humildade, a generosidade, a alegria, a presteza, a espiritualidade e a fraternidade. Vamos meditar sobre cada um deles.

O Papa João Paulo II define o amor de uma forma peculiar e verdadeira. Ele diz: “O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se não o experimenta e se não o torna algo próprio, se nele não participa vivamente”¹²⁴(45).

Essas palavras de João Paulo II nos trazem alguns ensinamentos, como, o homem não pode viver sem amor. É uma afirmação forte que podemos concluir que sem o amor o homem morre, o homem não é feliz, não se realiza, se desvirtua e desvirtua outros.

O homem sem a vivência do amor é um ser que não se pode compreender porque suas atitudes não terão a característica daquilo para

124. *Familiaris Consortio*, III Parte, 18

o qual foi criado por Deus. Ele não sabe quem é, ele não se conhece, não possui o autoconhecimento. Tornar-se-á uma pessoa embrutecida, indiferente para com os outros, egoísta, capazes de atos animalescos.

Desta forma sua vida perde o sentido, porque Deus é o seu sentido e Ele é amor. Se não vive o amor o homem se afasta de Deus e não sabe mais quem é a si próprio. Torna-se uma pessoa vazia e desorientada e vê os outros como uma presa a abocanhar.

O ser humano é chamado ao amor e ao dom de si, a doar-se para o bem do outro. Ele foi criado para querer o bem do outro, para esquecer-se de si.

João Paulo II em outro documento seu afirma: "Quem vive «segundo a carne» sente a lei de Deus como um peso, mais, como uma negação ou, pelo menos, uma restrição da própria liberdade. Ao contrário, quem é animado pelo amor e «caminha segundo o Espírito» (Gál 5, 16) e deseja servir os outros, encontra na lei de Deus o caminho fundamental e necessário para praticar o amor, livremente escolhido e vivido. Mais ainda, ele percebe a urgência interior — uma verdadeira e própria «necessidade», e não já uma imposição — de não se deter nas exigências mínimas da lei, mas de vivê-las em toda a sua «plenitude». É um caminho ainda incerto e frágil, enquanto estivermos na terra, mas tornado possível pela graça que nos outorga a posse da plena liberdade dos filhos de Deus (cf. Rm 8, 21) e, portanto, de responder na vida moral à sublime vocação de ser «filhos no Filho»¹²⁵.

O documento Sexualidade, Verdade e Significado ensina que "a pessoa é, portanto, capaz de um tipo de amor superior: não o amor da concupiscência, que vê só objetos com que satisfazer os próprios apetites,

125 Esplendor da Verdade, 18.

mas o amor de amizade e oblatividade, capaz de reconhecer e amar as pessoas por si mesmas. É um amor capaz de generosidade, à semelhança do amor de Deus; quer-se bem ao outro porque se reconhece que é digno de ser amado. É um amor que gera a comunhão entre as pessoas, visto que cada um considera o bem do outro como próprio. É um dom de si feito àquele que se ama, no qual se descobre, se atua a própria bondade na comunhão de pessoas e se aprende o valor de ser amado e de amar”¹²⁶.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica “O apóstolo São Paulo deixou-nos um incomparável quadro da caridade: «A caridade é paciente, a caridade é benigna; não é invejosa, não é altiva nem orgulhosa; não é inconveniente, não procura o próprio interesse, não se imita, não guarda ressentimento, não se alegra com a injustiça, mas alegra-se com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» (1Cor 13, 4-7)... [...] Sem a caridade, diz ainda o Apóstolo, «nada sou». E tudo o que for privilégio, serviço, ou mesmo virtude..., se não tiver caridade «de nada me aproveita». A caridade é superior a todas as virtudes. É a primeira das virtudes teologais: «Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e a caridade; *mas a maior de todas é a caridade*» (1 Cor 13)”¹²⁷.

O formador pessoal deve zelar para que seus formandos assumam cada vez mais a vivência do amor. A fazer sempre nas diversas circunstâncias da vida a opção pelo amor. Não se pode deixar de esquecer que o verdadeiro amor é exigente, e é verdadeiro porque é exigente. Madre Teresa de Calcutá disse: No amor existe a dor e para ser amor de verdade tem que doer. Também numa outra frase dela somos advertidos quanto ao amor: Não ame pela beleza, pois um dia ela acaba. Não ame

¹²⁶ Sexualidade, verdade e significado, 9.

¹²⁷ Catecismo da Igreja Católica, 1825 e 1826.

por admiração, pois um dia você se decepçiona. Ame apenas, pois o tempo nunca pode acabar com um amor sem explicação”¹²⁸.

Afirma Gabriel de Santa Maria Madalena: “Deus, amor infinito, eternamente feliz em si mesmo, nenhuma necessidade tem do amor dos homens; todavia o quer. É Deus que, amando o homem criou o amor, participação de sua caridade infinita. Este amor é ‘dele’, pertence-lhe; tem zelo por ele e o quer, defende-o, ordena-o. O amor que desceu de Deus ao homem deve de novo subir do homem a Deus. Por isso, apresentou Jesus o preceito do amor não só como o primeiro, mas como o máximo: ‘Não há outro mandamento maior do que este’. Maior com relação ao que é devido a Deus, e também maior quanto à felicidade do homem. Do amor de Deus, vive o homem: o amor de Deus o criou, mantém-no na existência, “chama-o a participar de sua vida e de sua glória”. (Deus) por pura generosidade derramou e continua a derramar sua divina bondade... procurando, ao mesmo tempo, sua glória e a nossa felicidade” (AG 2). O homem tem necessidade extrema do amor de Deus, de ser amado por ele e de retribuir o seu amor: trata-se de sua vida, de sua felicidade eterna. ‘Fizestes-nos para vós, ó Senhor, e nosso coração está inquieto até que repouse em vós’ (Sto. Agostinho, *Conf.* I, 1,1). Nada glorifica mais a Deus do que o amor espontâneo de sua criatura; e, ao mesmo tempo, nada nobilita mais o homem e mais feliz o torna do que o amor ao seu Deus. Centro da vida cristã é o mandamento do amor”¹²⁹.

Também através dessas palavras citadas acima o formador pessoal pode tirar muitos ensinamentos para ajudar seus formandos a abrirem-se mais e mais para amar. Vejamos algumas afirmações: O amor

¹²⁸ Madre Tereza de Calcutá.

¹²⁹ Intimidade Divina, 266,1.

humano é o amor que pertence a Deus, é de Deus e ele cuida deste amor e ele quer este amor, ele deseja que o homem o ame; o amor é o máximo porque é devido a Deus como também é o que faz o homem feliz; o homem vive do amor divino, então sem amor o homem morre, ele tem necessidade do amor de Deus por ele e de amá-lo.

No Escrito Amor Esponsal encontramos que “nosso amor, porém, é imperfeito. Como responder a este sublime chamado? Somente clamando ao Espírito de Amor para que inflame nossas almas e nos impulsione a este Amor Infinito. Ao nosso clamor, este Espírito virá e impulsione nossas almas, nossas orações, nossos corações... [...] Um coração inflamado por este amor tudo realiza, a tudo se dispõe. Inflamados por este imenso amor os santos caminharam, os mártires entregaram suas vidas e também nós desejamos prosseguir. Nosso alvo é a santidade, não por presunção, mas por vocação, pois todos os homens a isto são chamados. Queremos ser santos não por nossos méritos, mas confiando inteiramente na graça de Deus. Queremos ser santos não para nós próprios, mas para Deus. Queremos ser santos porque sabemos que a santidade é a veste nupcial que nos permitirá entrar para celebrarmos nossas bodas com o Cordeiro. Ansiamos pela santidade e de tudo faremos instrumento para este fim, porque sabemos que Aquele que nos ama e que é amado por nossos corações anseia por isto muito mais que nós! O Amor Esponsal é meio e fim para a santidade”¹³⁰.

A obediência

Esse é um valor importantíssimo na vida de uma pessoa que fez uma consagração de vida ou que trilha um caminho para ela. A obediência é uma força que sustenta a pessoa para que ela não se desvie para

¹³⁰ Amor Esponsal, 10 e 11.

caminhos que são simplesmente “vento”. É um valor de proteção da vivência da Vocação e do Carisma.

Aquele que se tornou membro da Comunidade ou iniciou o caminho para alcançar essa situação não pertence mais a si mesmo, mas em primeiro lugar àquele que morreu e ressuscitou por si. Logo, é chamado a submeter-se à Igreja, aos estatutos e às autoridades constituídas da Comunidade Shalom.

O Moisés nos ensina que “ser amantes da Santíssima Vontade do Pai e ter toda a diligência para descobri-la e cumpri-la é a forma mais plena de, na vida, transbordar este amor, *obedecendo* fielmente à voz do Amado. Descobriremos esta Vontade tanto mais claramente quanto mais desenvolvermos nossa escuta ao Senhor. Digo escuta no sentido pleno da palavra: escuta de Deus em nossa oração, em Sua Palavra, nas moções do Espírito, no silêncio interior onde se ouve a voz de Deus”¹³¹.

A escuta é uma prerrogativa essencial para a vivência da obediência, mas uma escuta diligente, quer dizer, aplicada, cheia de empenho, de esforço. Escutar para obedecer, escutar para cumprir de coração aberto.

Para a vivência da obediência não se pode deixar de ser confiante, dócil, desejoso daquilo que se deve obedecer. A obediência não deve ser um jugo, um peso, mas algo que por mais difícil que seja tem-se a certeza que leva à salvação. Quanto mais a pessoa obedece mais se torna livre dela mesma, dos seus pensamentos, dos seus desejos, dos seus planos o que a torna pesada e escrava. A obediência é um instrumento poderoso de libertação.

Aquele que reconhece o grande dom dado por Deus a si através da Vocação e Carisma Shalom se entrega também a ele de forma total, como Maria se torna presa de Deus pela obediência. A obediência deve ser guiada pela fé e inspirada pelo amor.

¹³¹ Escrito Amor esponsal, 20.

A obediência não coage e nem destrói a liberdade do homem, ao contrário, eleva-a, purifica-a, fortifica-a. A liberdade humana é fortificada pela obediência. Também a obediência defende o homem da inconstância, da frivolidade de seus caprichos, como também das fraquezas e incertezas de sua vontade. Defende ainda da escravidão do pecado e do mundo.

Quanto mais a pessoa humana obedece sem colocar restrições, mais ela se entrega total e livremente à vontade de Deus, passa então do estado de escravidão ao de liberdade.

O obediente não é uma pessoa que age como máquina, sem raciocínio e sem vontade própria, um autômato nas mãos de suas autoridades, mas continua sendo alguém que está vivo e livre que por amor a Deus se sujeita voluntariamente a um seu semelhante. Essa obediência conforma-se mais plenamente a Cristo obediente.

A tolerância

Dentro do cristianismo e de maneira especial na Vocação Shalom somos chamados a ser tolerantes, que dizer, somos chamados a ser indulgentes, abertos a desculpar quem nos atinge ou nos fere, a admitirmos e respeitar opiniões contrárias a nossa.

Tolerar as pessoas de temperamento difícil, sem discernimento, que falam e fazem coisas inconvenientes em momento e lugar errados.

Tolerar também os momentos de dor, de doença, de sofrimento esperando no Senhor, que passem na ocasião que Deus quer e permite. Aqueles que exercitam a tolerância se tornam mais simples e menos cobradores dos irmãos. Passam a exercer a misericórdia com mais facilidade, com mais presteza. Temos uma Comunidade com um número grande de membros, local apropriado para vivenciarmos a tolerância. Existem pessoas de todos os tipos, idade, educação e nem sempre todas pensam do

mesmo jeito, agem do mesmo modo, pelo contrário encontramos pessoas com características que necessitam da nossa tolerância para com elas.

Assim nos ensina nosso Fundador, Moysés: “Devemos enxergar nos irmãos excelente oportunidade de darmos provas de amor a nosso Rei. Aceitando as suas ofensas, ouvindo os seus queixumes, amando os que não são amados, perdando os que são difíceis de perdoar, vivendo o Seu Amor, de maneira especial com os que mais necessitam Dele, estaremos vivendo nossa vocação que é Vocação de amor, por amor e para o Amor”¹³². Esse é um ensinamento sobre a tolerância aos irmãos. É realmente algo exigente, mas não é impossível porque o Senhor derrama a sua graça e nos capacita a sermos tolerantes.

O respeito (a consideração)

O respeito compreende a consideração que devemos ter a outra pessoa e não só, mas darmos importância, termos reverência, consideração, deferência e apreço aos nossos irmãos. O respeito deve lançar fora a aceção de pessoas. Todos devem ser alvo do nosso apreço.

A atitude de respeito aos irmãos demonstra que reconhecemos a importância da sua vida, a importância que ele tem para Deus. O respeito nos leva a ter cuidado com os nossos irmãos, a termos atitudes carinhosas, a termos atitudes que demonstram consideração. O mais terrível de todas as coisas é a indiferença, a falta de zelo com o irmãos, a falta de cortesia.

Os irmãos não podem ser vistos por nós como alguém que olhamos com asco, com repugnância, mas “é anseio do Coração do Amado que nos dediquemos a dar provas de amor uns para com os outros. O amor (o respeito) ao irmão é uma maneira concreta de mostrarmos o

¹³² Carta à Comunidade, 25.

quanto amamos o nosso Amado, amando aquele a quem tanto Ele ama e por quem Ele deu a sua própria vida. Como não dar a vida por aqueles por quem o Amado a deu? É vontade do Senhor que transbordemos este amor sobre aqueles que Ele ama. O Senhor quer de nós para com eles o perdão, mansidão, paciência, generosidade, bondade, alegria, dedicação, amor, serviço, (respeito). O Senhor deseja que demos aquilo que Ele nos dá e isto não nos empobrecerá, mas, pelo contrário, nos enriquecerá aos olhos Daquele que nos ama¹³³.

A paciência

“A paciência tudo alcança. Quem a Deus tem nada lhe faltará” (Sta. Teresa D’Ávila). A virtude da paciência não estar associada à impotência, à incapacidade de agir, à passividade e à dependência. Ao contrário, a paciência significa o oposto de espera passiva. “Não se encontram na vida apenas dificuldades que, com certa coragem, podemos superar uma vez para sempre; mui frequentemente tratam-se de tribulações físicas ou morais, penosas situações de ambiente a que nos é impossível subtrair e que temos de suportar com paciência, até que Deus disponha o contrário”¹³⁴.

A paciência nos ajuda a suportar pessoas de temperamento difíceis, de esperar no sofrimento, quando as situações se mostram constrangedoras. A paciência cristã livre é a aceitação daquilo que na vida crucifica e tira do sério.

A paciência não humilha o homem, não o torna escravo de situações dolorosas das quais não sabe e não pode libertar-se, mas dá-lhe força de abraçar voluntariamente todas as dificuldades que acontecem em sua vida, com positiva disposição de amor, de união a Cristo crucificado e ressuscitado.

133 Idem, 24

134 Intimidade Divina, 299,1

Quando o homem vive situações que lhe ultrapassam, precisa compreender que participa do mistério de Cristo e a paciência se torna peça fundamental ajudando-o a fixar o olhar em Jesus e a viver esses momentos sem se abater aprendendo também a oferecê-lo pela salvação dos irmãos.

A benevolência (o perdão)

É a pessoa complacente e indulgente, pronto a perdoar. Vive a bem-aventurança dos misericordiosos, porque a vida do irmão, o que ele vive e experimenta é do seu interesse. A misericórdia é um dom sublime de Deus que nos faz alcançar o perdão de Deus e o céu.

Normalmente quando a pessoa recebe uma ofensa ou um ato de violência está sempre pronta a reagir, não só para se defender, mas também para se vingar. Jesus nos pede para lutarmos contra esse instinto. Não se combate o mal com o mal, mas o mal com o bem. Jesus morreu pelos que lhe ofenderam, lhe machucaram. E nos ensina a não nos deixarmos arrastar por reações inconvenientes e más. Quem assim age é um derrotado, mas se age ao contrário é um vencedor.

Os cristãos devem dar exemplo de serem pacíficos, quanto mais nós, discípulos e ministros da paz. Nós devemos abençoar quem nos feriu, quem nos maltratou, quem nos magoou. Devemos falar bem de todos, desejando e fazendo o bem a todos da mesma forma que Cristo nos cobriu de bênçãos.

Quando reconhecemos a nossa miséria pessoal, tornamo-nos compreensivos e indulgentes para com as fraquezas e debilidades dos outros. Ao admitirmos que necessitamos da misericórdia divina nos transformamos espontaneamente em cheios de misericórdia para com os nossos irmãos. Então, experimentamos a alegria de saber perdoar e deixamos de ter dificuldade em perdoar.

Devemos permitir que o Espírito Santo dissipe em nós todas as tentações de julgar e condenar o irmão e nos tornar em dispensadores da misericórdia, do perdão e da indulgência.

Finalizemos com a oração de S. Bernardo pag. 980: "Ensinai-me a derramar o perfume da misericórdia, que é composto e preparado com as necessidades dos pobres, as angústias dos oprimidos, as ânsias dos aflitos, a culpa dos pecadores, e, enfim, com todos os sofrimentos dos que estão na dor, ainda que sejam inimigos. Parecem estas coisas desprezíveis (à natureza), porém o perfume que delas se extrai é superior a todos os outros. É um bálsamo."

A gratidão

A situação do homem diante de Deus é de extrema pobreza, nada possui de si próprio, tudo o que é e tem é dom de Deus e ao tomar a atitude de retribuir as grandes graças recebidas, só possui um meio de servir-se dos próprios dons de Deus para testemunhar-lhe reconhecimento.

Deus derrama sobre a vida do homem muitas graças e com grande prodigalidade, com grande generosidade, só resta ao homem a gratidão, reconhecer a bondade de Deus e dar graças. Ser uma pessoa de grande gratidão e de louvor é a mínima atitude que o homem pode ter diante das maravilhas, da misericórdia e do amor de Deus.

No entanto, Jesus disse quando, após ter curado dez leprosos, um só voltou para agradecer-lhe: "E os outros nove, onde estão? Não se encontrou quem voltasse para dar glória a Deus a não ser este estrangeiro? (Lc 17,17.18).

Muitas vezes somos nós, os chamados por Jesus a viver mais perto dele através da Vocaçao e Carisma Shalom que somos os menos gratos. Parece que nós os quais recebemos infinitas graças que nem podemos

contá-las que somos menos sensíveis para percebermos as grandezas e gratuidade dos dons divinos.

Nos ensina São Paulo: “Em todas as necessidades, apresentai a Deus vossos pedidos, com súplicas e ações de graças” (Fl 4,6). A ingratidão anda acompanhada da vanglória porque que não agradece, quem não louva a Deus considera o que possui fruto de suas capacidades ao invés de reconhecer que é um dom gratuito de Deus.

Também nos deparamos com pessoas que só agradece com os lábios, enquanto que o seu coração está distante de Deus, não consegue perceber que tudo vem da providência de Deus como o fariseu que orou: “Ó Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens” (Lc 18,11). O fariseu está longe de reconhecer que foi Deus que lhe deu aquele pouco de bem que havia nele.

A gratidão que mais agrada a Deus é a de um coração humilde, contrito que admite ser Deus que realiza o “querer e o fazer” (Fl 2,13). O formador pessoal necessita utilizar da memória do seu formando para lembrar e reconhecer as maravilhas que Deus realizou em sua vida. Somos uma Comunidade de louvor e toda ingratidão redundará em prejuízo pessoal.

A generosidade

Existem muitas pessoas que tem a tendência de querer se poupar, de levar uma vida sem muito esforço, sem muito trabalho, sem cumprir muitas exigências, mas aqueles que vivem uma consagração de vida ou que seguem o caminho para atingi-la não podem e não devem pensar assim.

Para nós que possuímos a Vocação e o Carisma Shalom devemos seguir a Cristo, viver em profundidade a sua única atitude de “cuidar das coisas do Pai”. Quantos de nós nos dispersamos em mil direções, em mil futilidades, coisas caducas, velhas que passam com o tempo, puras vaidades.

des e nos excluímos de dedicarmos nossa vida a Deus, à sua vontade, a Comunidade, aos homens e a Igreja. Essa vida vivida atrás do “vento” traz um véu de tristeza para a nossa vida, enquanto que a vida daqueles que se dedicam generosamente às coisas de Deus enche o coração de alegria e paz. O formador pessoal deve com sabedoria levar seus formandos a empregar o seu tempo em Deus e na Comunidade para que não venham posteriormente constatar o tempo que perderam em sua existência e o tempo perdido não se pode recuperar a não ser que Deus o queira.

E realizar as obras de Deus e o que lhes pede a Comunidade com generosidade. O homem generoso não calcula, não coloca limites, não escolhe trabalhos, não pensa em seu cansaço.

A pessoa que reconhece que encontrou um tesouro nada é peso, nada é sacrifício, percebe que tudo não tem valor. Nunca podemos achar que demos de forma demasiada, nunca nos contentar de dar muito pouco, devemos fazer tudo mesmo a nossa própria custa e a custa de nossos bens, ainda que tenhamos que passar por bobos. O espírito do Evangelho é revolucionário: não dá paz ao egoísmo, a vida cômoda, medíocre; exige caridade generosa, concreta, na hora certa.

Urge a obrigação de nos tornarmos generosos: “Daí e dar-se-vos-á; colocar-vos-ão no regaço medida boa, cheia, recalcada e transbordante” (Lc 6,38). Todas as obras que realizamos por Deus e pelo seu Reino se não for generosa não é perfeita. Todos nós devemos dar a Deus de forma magnânime, de forma generosa, porque Ele não mede esforços para nos dar as graças maravilhosas, ele não coloca resistência em nos amar.

O generoso por mais que faça por Deus, tudo lhe parece muito pouco. Não tolera em si mínima infidelidade à graça além de acender em outros corações essa fome e sede que tem de Deus. Tem um profundo desejo de gastar-se pela glória de Deus e pelo bem das almas.

A alegria

A alegria é um estado de contentamento, de quem tem prazer de viver, de quem denota jovialidade. Mas também de quem confia no Senhor, de quem reconhece que a sua vida está nas mãos dele. O homem para ser verdadeiramente feliz, precisa da alegria verdadeira, que é Nosso Senhor Jesus Cristo, para que isso aconteça, precisa mudar radicalmente sua vida a favor de Cristo.

Deus quer que seu povo viva em paz, alegre e feliz. Aquele que teve um encontro com Cristo tem toda a possibilidade de ter felicidade nesta vida. A pessoa humana é chamada a um caminho de felicidade real a ser desfrutada mesmo antes da chegada do crente ao céu. Essa é uma das características da vida bem-aventurada. O ser humano feliz é alegre. E, a grande notícia que Deus tem a ensinar para o seu povo é que aquele que anda com Cristo pode ter alegria no seu coração.

A alegria é uma das consequências naturais da verdadeira vida cristã. Mas, não apenas isto, a própria vida cristã com todas as lutas e desafios que lhe são inerentes só pode ser vivida por uma igreja que aprendeu a se regozijar em Deus. “A alegria do Senhor é a nossa força” (Ne 8:10). A alegria é tanto produto da fé cristã quanto fundamental para a saúde espiritual do crente. Aquele que crer pode sempre encontrar motivo de alegria na vida.

Isso significa que sempre há algo na vida que está acima de todas as circunstâncias que pode alegrar o coração do crente. O que quer que isto seja deve ser um bem eterno, imutável e que se adapta às demandas mais profundas do coração do crente. Também, por se tratar de um mandamento, certamente esta alegria deve ser de fundamental importância para sua vida espiritual, e, ainda, trata-se de algo que de certa for-

ma não é externo ao crente. Só pode ser uma coisa que de algum modo está em seu poder e que pode ser acionado.

Todos nós somos chamados a ser uma pessoa alegre porque a nossa alegria não está nas contingências da vida, porque nos conhecemos a nós mesmos, a vida e aquilo que se constitui no bem supremo do homem. O cristão é alguém que sabe o que o coração de todo homem anseia, o que o coração de um regenerado vem a ansiar, o que a vida pode lhe proporcionar e o que vem a ser o grande bem da vida. E o que é óbvio, o cristão é alguém que encontrou um bem eterno, que se adapta as suas mais profundas expectativas com respeito à vida e que só pode ser eterno e imutável, caso contrário o medo de se perder o bem achado geraria uma ansiedade que haveria de lhe roubar toda alegria.

Também podemos ser sempre alegres porque conheceu a Deus, o Bem maior que pode satisfazer a alma humana sempre e de tal maneira que esta sempre tenha motivo para se alegrar. Agostinho: “Quem me fará descansar em Ti? Quem fará com que venhas ao meu coração e o inebries a ponto de eu esquecer os meus males, e me abraçar a Ti, meu único bem? Que és para mim? Tem misericórdia, para que eu fale. Que sou eu aos teus olhos, para que me ordenes amar-te e, se eu não o fizer, te indignares e me ameçares com imensas desventuras? Como se o não te amar já fosse desgraça pequena! Dize-me, por compaixão, Senhor meu Deus, o que és Tu para mim? Dize à minha alma: Eu sou a tua salvação! Dize de forma que eu escute. Os ouvidos do meu coração estão diante de Ti, Senhor; abre-os e dize à minha alma: Eu sou a tua salvação. Correrei atrás destas palavras e te segurarei. Não escondas de mim a Tua face: que eu morra para contemplá-la e para não morrer!”.

A presteza

A presteza tem o significado de ser disposto, pronto, que está a ponto de acontecer, preparado, determinado, pronto para o que der e vier, propenso, vivo, animado, de prontidão.

Muitas vezes os quartéis ficam de prontidão para o caso de haver sinais de perigo. O cristão é aquele soldado do Senhor que vive em prontidão. Ele está pronto. Assim, quando seu Senhor chegar, ele estará pronto, preparado. Estará também pronto não só para o encontro definitivo com o Senhor, mas para o que Deus precisar dele. Os membros da Comunidade Shalom precisam estar de prontidão para o que a Obra precise, ter a presteza de ajudar no que for preciso, em qualquer lugar e hora.

Em nossos Estatutos está escrito: “O Senhor confiou-nos uma ‘Obra’. Esta é fruto do Seu mandato missionário. É, também, uma resposta do Espírito ao clamor da humanidade que sofre e geme, esperando a manifestação dos filhos de Deus. A Obra Shalom é aquilo que Deus realiza em nossas vidas e o meio concreto de desenvolvermos comunitariamente nosso carisma evangelizador, abraçando todo o chamado evangelizador da Igreja, com novo ardor e renovada criatividade. O conjunto desta ação evangelizadora e os seus frutos compõem o que denominamos *Obra Shalom*”¹³⁵.

Aquele que vivência o valor cristão da presteza recebe a Obra Shalom das mãos de Deus e o seu mandato missionário. Cuida e trabalha nela com todo afinco e amor, sem “fazer corpo mole” ou empurrar para os outros, mas se sente responsável por ela, parte integrante de sua vida. Se a Obra não vai bem da mesma forma não fica bem. Deseja fazer

¹³⁵ Estatutos, preâmbulo, III.

tudo para que ela cresça, que ela produza bons frutos de evangelização para que mais pessoas conheçam o amor de Deus.

Com toda presteza abraça todas as ações evangelizadoras com novo ardor e renovada criatividade. Aliás, está determinado a tudo fazer para que mais e mais pessoas tenham um encontro com o amor de Deus. É uma pessoa cheia de vida, de animação para que a Obra cumpra a sua missão com a doação e oferta de sua vida.

A espiritualidade

A vida espiritual tem um papel fundamental na vida cristã e, de maneira especial na vida daqueles que realizam uma consagração de vida. Assim escreveu o Moisés: *“A Contemplação gera um coração pacificado e compassivo, saciado por Deus e aberto a todos os homens necessitados do Seu amor e misericórdia. Por isto a Contemplação é uma das marcas da vocação Shalom, pois para transmitir a paz aos homens é preciso estar impregnados da paz que nos é doada pelo coração traspassado de Jesus... [...] No nosso Carisma, este caminho da Paz nasce da Contemplação do Ressuscitado que passou pela Cruz, que, para maior glória do Pai, derrama sobre nós seu Espírito. Contemplação que nos conduz ao seio da Trindade, a partir da qual a vida divina se revela pela Palavra e se comunica pelos Sacramentos. Contemplação que se configura como amizade e intimidade com Deus em um caminho de oração pessoal e comunitária. Contemplação que nos faz experimentar o Amor e nos concede o dom do Amor Esposal (base da nossa espiritualidade), esta chama viva que inflama e purifica o coração capacitando-o a aderir incondicionalmente e com vigor à bem-aventurada vontade do Pai”*¹³⁶.

Essas palavras do nosso Fundador nos adverte que a contemplação do Ressuscitado que passou pela cruz é uma das marcas da vocação Sha-

¹³⁶ Carta à Comunidade, 52 e 53.

lom, quer dizer, é o que nos identifica como Shalom, é como um distintivo. Desta forma, ela nos impregna da paz de Jesus e assim nos tornamos capazes de ser instrumentos dela para os homens. Então a vida espiritual fornece a “lenha” necessária para atizar o fogo do nosso coração.

Sem vida espiritual diz Santa Teresa D’Ávila nossas almas se tornam paralíticas, ficam atrofiadas, mortas, não conseguem desempenhar o papel e a missão as quais são chamadas. A vida espiritual enche o nosso coração de amor, por ela conseguimos amar os não amáveis, os mais difíceis, os que nos ferem e o mais importante proporciona uma invasão de amor a Deus. Amamos a Deus com todas as nossas forças, com toda a nossa alma e com todo o nosso coração. E esse amor a Deus nos capacita a voar bem alto, a realizar grandes coisas por Ele, pela Comunidade, pela Igreja e pelos homens.

Quando encontramos pessoas sem fidelidade à sua vida espiritual, quer dizer, sem oração pessoal e comunitária, sem estudo bíblico, sem os sacramentos e sem a devoção à Maria Santíssima, percebemos também dificuldades em várias áreas da sua vida. Pessoas que fácil se ferem com os irmãos, com as autoridades, pessoas que não abraçam o apostolado como deveriam abraçar, pessoas que se envolvem em fofocar e julgamentos em relação aos irmãos à Comunidade, pessoas cheias de mágoas... O formador pessoal precisa ser um mestre de oração, deve ajudar os seus formandos a serem fieis à vida espiritual. Com certeza em pouquíssimo tempo perceberam uma mudança radical em suas vidas, perceberam uma alavancada em áreas antes totalmente comprometidas.

O filho de Deus necessita de solidão, de silêncio e de oração, condições indispensáveis para encontrar-se a si mesmo e encontrar-se com Deus. Sem esse tempo dedicado a Deus, é ilusão pretender viver as mais elementares exigências da Vocação e Carisma Shalom.

Santa Teresa de Jesus escreve: “Se, do nosso tempo, nos determinarmos a consagrar um pouco a Deus na oração, demos-lhe o pensamento livre e desocupado de tudo, generosamente, decididas a não lho tornar a pedir, por maiores trabalhos, contradições e securas que nos possam sobrevir” (Cm 23,2). Isso nos faz compreender que o homem ao se encontrar com Deus encontra nele restauração para seu ser cansado, muitas vezes amargurado pelas dificuldades da vida. No encontro íntimo com Deus alcançará luz e força para continuar o caminho, em plena coerência com o evangelho, com a Vocação e o Carisma Shalom. “Deus dá forças ao homem acabrunhado, redobra o vigor do fraco. Os jovens se cansam e se afadigam, os adultos tropeçam e caem, mas os que contam com o Senhor renovam suas forças... correm sem se cansar, vão para frente sem se fatigar”¹³⁷.

Aquele que fez uma consagração de vida ou que está percorrendo um caminho com esse objetivo deve tudo fazer para perseverar na oração, mesmo que esteja experimentando a aridez. A fé torna o consagrado (ou no caminho para atingir esse alvo) forte em crer no amor de Deus, mesmo quando é provado, mesmo quando parece ser abandonado, e ouvido mesmo quando parece surdo aos seus gemidos.

Ensina-nos Gabriel de Sta. Ma. Madalena: “A verdadeira amizade leva progressivamente a um único querer e não querer, e isto pode realizar-se também na oração mais árida. Incapaz de exprimir seu amor com termos afetuosos, concentra o orante as forças no conformar-se com a vontade de Deus, procurando conhecê-la sempre melhor, aceitá-la com mais gosto, cumpri-la com maior generosidade. Assim a oração transborda na vida e a transforma”¹³⁸.

137 Is 40,29-31.

138. Intimidade Divina, 115,2.

A fraternidade

A vivência da unidade, da comunhão é uma dimensão imprescindível para aqueles que são chamados a viver a Vocação e Carisma Shalom. É um aspecto que exige despojamento e doação. Viver a fraternidade é uma tarefa exigente, mas bastante gratificante e libertadora. Como discípulos e ministros de paz não podemos deixar de nos esforçar para viver em comunhão com os nossos irmãos, por mais difíceis que eles sejam ou que tenham nos dado algum desgosto. Somos uma família e a fraternidade é a mola impulsionadora dela, é a liga que une fortemente os irmãos.

Quando falamos sobre a fraternidade, precisamos recordar que os irmãos que fazem parte da Comunidade, da casa comunitária, da célula comunitária ou de grupo de oração não foram escolhidos por nós. Foi Deus que nos uniu. Foi Deus que escolheu. Muitos desses irmãos não teriam sido escolhidos por nós e o que é mais sublime nesse valor cristão que é a fraternidade, é a capacidade concedida pelo Espírito Santo de ultrapassarmos essas diferenças e vivermos unidos, querendo o bem do outro, tudo fazendo para que aconteça o bem do irmão.

Precisamos nos esforçar para vivermos em fraternidade, precisa entender que é um grande bem para a Comunidade, para o mundo e para cada um de nós.

O amor fraterno torna visível e é prolongamento do amor com que Jesus amou cada um de nós e ao mesmo tempo testemunho do nosso amor a Ele. É nesse amor que devem ser fundido, unido ao ponto de formarmos um só Corpo. Precisamos ter diligência nesse aspecto salutar porque o mundo e as nossas fraquezas podem colocar a fraternidade em jogo tentando despedaçar os vínculos do amor mútuo.

Jesus quer e pediu ao Pai para que a união entre os seus discípulos fosse perfeita e sobrenatural chegando assim a ser reflexo da união indissolúvel entre si e o Pai. A fraternidade é dimensão sobrenatural, não fica a nível humana, ela é uma graça que nos devemos corresponder.

Não é fácil viver a fraternidade, é coisa árdua e incomum, mas ao mesmo tempo, Deus derrama sobre nós essa graça porque o próprio Jesus a instituiu como sinal de credibilidade acerca da sua divindade e da verdade da sua doutrina.

Somos chamados a viver uma fraternidade capaz de superar todas as divergências de índole, de cultura, de mentalidade, de educação, de raça e de interesses. “Sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama permanece na morte” (1Jo 3,14). Viver a fraternidade e viver em Deus é a mesma coisa. Negar-se a fraternidade é negar-se à vida, fechar-se a fraternidade é fechar-se a Deus. É suficiente para sair da fraternidade, da comunhão, da unidade a recusa do amor a um irmão.

A vida em Deus, o amor fraterno e a graça são três dimensões correspondentes, uma não pode existir sem a outra. Se não temos vida fraterna, não temos vida em Deus e nem a graça. E o que é mais grave: tornamos-nos homicidas, porque “quem odeia o irmão é homicida, e sabeis que nenhum homicida possui em si a vida eterna” (1Jo 3,15).

Nosso Fundador nos ensina como foi compreendendo o que era a comunhão com Deus e com os irmãos: “Com simplicidade, fui compreendendo que para crescer na minha comunhão com Deus, era indispensável crescer na minha comunhão com meus irmãos. Fui percebendo que a minha comunhão com Deus me jogava para uma doação de vida aos outros. Entendi que o amor era um só e que, na medida em que crescia meu amor a Deus, crescia também a necessidade de me

doar aos outros. E quanto mais eu me doava aos outros, mais crescia o meu amor a Deus... [...] Pouco a pouco, fui descobrindo o segredo da felicidade e da paz. Eu não as encontrei em um caminho de busca de autorrealização. Ou seja, em uma vida vivida em vista de mim mesmo, onde os outros entram na medida em que são úteis aos meus planos e projetos de felicidade. Não, decididamente eu não as encontrei neste caminho fácil. A felicidade e a paz eu as encontrei na medida em que me esquecia de mim mesmo e, sem reservas, doava-me a Deus e aos outros. Este doar-se não pode ser calculado, ou mensurado segundo as minhas medidas e meus limites. Ele deve ser sem medidas como sem medidas é o Amor com o qual eu fui amado”¹³⁹.

O formador pessoal deve conduzir seu formando a ser verdadeiramente Cristão, servidor de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Nosso Deus, o seu formando não pode servir a dois senhores, precisa decidir-se a quem quer servir, se não conseguir decidir por Deus, o mal ainda faz parte de sua vida e com certeza, esse mal fará parte deste mundo por muito tempo. O formando deve ser fortalecido através do trabalho concreto com o objetivo de levá-lo a decidir-se totalmente por Deus e não pelo dinheiro, pela arrogância, pela prepotência; pela mentira, pela falta de respeito, pela intolerância, pela preguiça, pelo comodismo, pela soberba, pelo preconceito, pela falta de fé, pela incompreensão, pela infidelidade, pela falta de paciência, pela falta de diálogo, pela falta de humildade e pelo não cumprimento de suas Leis e dos Estatutos da Comunidade Católica Shalom.

139. Carta à Comunidade, 94 e 95.

Capítulo 3

FORMAÇÃO DAS FACULDADES DO SER HUMANO EM VISTA DA MATURIDADE HUMANA

Esse tema será abordado aqui em vista do formador pessoal conhecer mais profundamente os elementos que compõem a personalidade de uma pessoa para colaborar no seu amadurecimento. Somente o homem com uma personalidade madura é capaz de amar, de esquecer-se de si mesmo e entregar sua vida inteiramente por amor a Deus, a cada homem e à Igreja.

A pessoa que não alcança a maturidade da sua personalidade não suporta renúncias, sacrifícios ou frustrações. É alguém que não possui a capacidade de amar devido viver absorvido em seus conflitos interiores e relacionais. É tendencioso a se fechar em seu mundo, em se deixar arrastar pelas paixões, lembranças e imaginação. Além de sua vontade ser fraca, aniquila-se diante dos desafios da vivência dos valores cristãos e das virtudes humanas.

O formador pessoal deve ter a consciência que para o seu formando alcançar a maturidade da sua personalidade há a prerrogativa que as forças as quais a integram atinjam seu desenvolvimento máximo, de forma harmônica e atuem de modo hierarquizado, cada qual desempenhando sua própria função sem invadir o campo das outras.

Trataremos neste capítulo somente as faculdades mais fundamentais, como a formação da inteligência, a formação da vontade, a formação das paixões, a formação dos sentimentos, a formação da afetividade, a formação da imaginação, a formação da memória e a formação física.

O formador pessoal deve reunir seus esforços e dedicação para conhecer seus formandos. Esse conhecimento concederá a ele a forma mais adequada de ajudá-los respeitando as características de sua personalidade, sua história, seus pensamentos, suas dificuldades, suas fraquezas e sua inconsistência central. Assim deve procurar assumir uma formação que indique os percursos para que ele alcance o objetivo final que é fazer a vontade de Deus assumindo seu carisma e vocação. Não é saudável uma postura por parte do formador o fato de querer eliminar imediatamente as inconsistências ou fazer de conta que elas não existem mais, fazendo com que o formando tenha uma falsa imagem de si mesmo. Isso poderá levar o formando ao risco de um fracasso vocacional e humano.

Como formadores pessoais não podemos ter a pretensão de formar um santo de um dia para outro, provocando fazer com que a energia que impulsiona as atitudes da pessoa seja imediatamente conforme os valores do Evangelho e da Vocação, conduzindo assim à sua eliminação, fato esse que acaba por empobrecer a vida do formando, pois ele não poderá mais contar com essa força que o ajudava a viver seus ideais. Essa forma de agir torna-se muito prejudicial porque como nos ensina Amadeo Cencini: “A vida assim se complica perigosamente e o modelo original corre o risco de transformar-se em modelo de luta até o fim e da tensão insuportável a longo prazo: luta psicológica, não-religiosa, portanto luta inútil, e tensão de frustração, não de renúncia, com desgaste enorme de energia... [...] Com o resultado, frequente na nossa história,

que muitos aspirantes a este tipo de perfeição, num determinado ponto, não resistem mais à tensão e, às vezes, passam até ao extremo oposto, ou preferem levar uma vida medíocre ou ainda pior. Num jogo escuro de atrações misteriosas entre polaridades contrárias. Quantos *ex-perfeitos* (ou ex-aspirantes) se tornaram depois crentes decadentes ou caíram até muito mais abaixo!¹⁴⁰.

A Formação da Inteligência

O que é a inteligência humana? É a capacidade de capacitar o ser das coisas, serve como janela do espírito. É ela o condutor da personalidade. A inteligência, iluminada pela fé e a razão, deve ser a faculdade orientadora de toda a pessoa. A maturidade humana supõe, portanto, em primeiro lugar, a maturidade da inteligência.

A formação da inteligência supõe, especialmente, o desenvolvimento de suas quatro funções principais: analisar, sintetizar, relacionar e julgar. Essas quatro funções podem ser desenvolvidas pelo estudo escolar sem serem dependentes dele.

Ao exercer bem a função de analisar, a pessoa consegue separar de forma acertada as partes de um todo que pode ser uma lição, uma conferência, um artigo, uma situação humana, um problema, um parágrafo, uma frase, uma palavra... Existem alguns mecanismos que favorecem o desenvolvimento da inteligência, são eles: a leitura sistemática de jornais e revistas, leituras espirituais, análises teóricas, leitura da Palavra, de documentos, poesia, literatura em, análise de texto...

A pessoa que possui a habilidade de sintetizar sabe descrever em poucas palavras o que se encontra difundido em muitas páginas; quem sabe reunir os elementos espalhados em fontes diversas, quem sabe dis-

140. A árvore da vida, Amadeo Cencini, Capítulo 1,2.

tinguir e dar importância aquilo que é acidental do essencial.

Relacionar algo é uma função da inteligência que leva a pessoa a ter a capacidade de comparar, distinguir e unir os diferentes aspectos de uma realidade complexa, como por exemplo: os diversos capítulos de um livro, diversos livros de um mesmo autor, período ou tema; diferentes tratados de uma mesma disciplina...

Existem também instrumentos que beneficiam o crescimento da função de relacionar, como fazer palavras cruzadas, quebra-cabeças, jogos com a utilização de mímicas, imagem, ação, detetive, etc.

O mais alto grau da atividade do entendimento é a emissão de juízo. Mas o que é julgar? É a capacidade que uma pessoa possui de captar e valorizar com objetividade a verdade contida em mensagens, problemas, pessoas, situações humanas, atividades. Também não se precipita em suas opiniões, quem não se contenta em pensar como a maioria, quem é capaz de superar os preconceitos pessoais, familiares, ambientais, culturais e sociais, quem procura julgar de acordo com a verdade das coisas, passando mesmo por cima do julgamento subjetivo.

Concluimos, então, que o amadurecimento das quatro funções da inteligência são muito importantes para que a pessoa consiga dar sua resposta positiva a Deus. Durante a caminhada em direção a Deus, muitos desafios surgirão e o uso dessas funções da inteligência de forma serena e inserir-se para analisar, sintetizar, relacionar e enfim, emitir juízos segundo o discernimento tranquilo segundo a vontade de Deus e do carisma, em diálogo maduro e lúcido com os outros irmãos, sem cair em sentimentos de ressentimento, medo mágoa, preconceitos, subjetividade...

Uma inteligência madura transborda em qualidades que merecem apreço: a capacidade de pensar com profundidade, de examinar com

atenção detidamente com a finalidade de chegar ao essencial das coisas; de ter clareza, precisão e rigor lógico; de ter uma mente que raciocina rápido, intuitiva, dinâmica; que possui docilidade mental, flexível, que não se deixar levar pela rigidez e obstinação por uma ideia, plano, que não assume uma postura irredutível, birrenta, teimosa; também assume uma atitude pensar com objetividade e independência, sem permitir que os sentimentos e emoções influam indevidamente sobre a capacidade de emitir um juízo.

O formador pessoal deve ajudar seu formando a desenvolver essas características essenciais da inteligência para que elas possam colaborar positivamente no fato de assumir as exigências evangélicas e do carisma.

Sabemos que existem diversos graus e diversas características da capacidade intelectual. Algumas pessoas possuem uma inteligência sem tanta ação, mais passiva, mais inerte que assume uma tendência de tudo receber, enquanto outras possuem uma inteligência mais ativa e criadora. Outras ainda são mais especuladoras e receptoras. E existem aquelas até que possuem o talento de usar as duas com a mesma desenvoltura.

O formador pessoal necessita, antes de tudo, ter uma ideia clara do tipo de inteligência do formando para poder ajudá-lo de modo pessoal e eficaz, além de fazê-lo conhecedor, com sabedoria, dessas qualidades.

É importante salientar que a finalidade da formação da inteligência não deve se limitar ao desenvolvimento das potencialidades da mesma, isso deve ser esforço sistemático e permanente da própria pessoa até o final de sua vida. Ele deve ter o hábito de conservar a inteligência sempre no mesmo lugar que lhe compete em seu comportamento pessoal. Desta forma, o formador pessoal deve ajudá-lo a ter sempre sua razão bem formada e iluminada pela fé, a condutora no caminho

a seguir, e não os sentimentos ou paixões.

O formador pessoal deve ainda levar o seu formando o hábito da reflexão pessoal em todos os momentos de sua vida, o que fará com que ele seja senhor de si mesmo, considerando o que deve ou não fazer. Além de colaborar a evitar o extremo oposto, característico dos escrupulosos e dos inseguros. A reflexão pessoal propicia a interiorização dos valores presentes na realidade, auxilia a descobrir os componentes do próprio comportamento, como princípios, valores, impulsos, sentimentos...

Esse hábito de refletir induz a responsabilidade individual em relação a sua vida, suas atitudes, suas opções, suas reações. Mais que, porta o afastamento da fantasia, da fuga, da mentira expressa ou oculta muito importante no processo formativo.

Uma das inconsistências mais triviais que encontramos na vida dos formandos é o fato da dificuldade encontrada por eles em assumir responsabilidade por seus próprios atos, por sua própria pessoa, por sua própria função, pelo que lhe confiam fazer, e partem para todo tipo de fuga, fantasia e mentira, o que pode proporcionar inúmeros conflitos porventura insuportáveis que acabam tumultuando os relacionamentos e abalar sua convicção vocacional. Desta forma, o formador pessoal necessita ter uma atenção especial quanto a essa dimensão para que o seu formando não venha a ser prejudicado ou afastar-se de sua vocação, afastando-se assim da realização do plano de Deus.

É importante levar em consideração o fato de que a pessoa que não tem o costume de refletir não consegue ser responsável por si próprio nem por seus atos; não consegue ser maduro o suficiente para refletir com tranquilidade e dar forma a juízos isentos de erros. Se o formando não é responsável também não é livre.

Outro ponto que merece consideração consiste no fato de que

a reflexão é direcionada e completada pela busca da verdade. Aspecto imprescindível para a maturidade humana, espiritual e vocacional do formando.

Portanto, o formador pessoal possui a tarefa perceber algumas características negativas que possam estar presente na vida de seus formandos: a primeira delas é o afã intelectualista que significa preferir conviver com os livros do que com seus irmãos ou amigos. Podemos dizer que, trata-se de uma forma de fechamento em si mesmo, uma forma de fuga. Não é o caso de não desenvolver essa parte da intelectualidade, mas abrir-se para outras.

A outra é a aversão ao intelectualismo, assumida por aqueles que não sentem necessidade e consequentemente importância em, ler, estudar ou refletir, que é suficiente seguir o Espírito Santo, seguir a própria intuição.

Podemos nos referir também ao racionalismo autossuficiente, caracterizado pela mania de tudo resumir, medir e valorizar de forma exclusiva aos seus raciocínios, conhecimentos, apego as suas próprias opiniões. Mais um aspecto que exige uma aplicação cuidadosa por parte do formador. Muitas vocações são abortadas precocemente devido a essas dificuldades graves.

Esse tipo de pessoa descrita acima se habitua a ter uma piedade fria e amortecida, com pouca sensibilidade espiritual. Isso significa ser uma pessoa com dificuldade de se relacionar com Deus através da oração, do Estudo Bíblico, dos sacramentos, da devoção mariana. Essa situação crítica, quer dizer, o esfriamento dos aspectos espirituais, precisa ser descoberta e interrompida a tempo para que o formando não venha a perda a vocação e a fé. É alguém fechado em si mesmo, fechado a outras pessoas, a outra cultura, com falta de criatividade na evangelização.

Finalizaremos com o último aspecto que estamos refletindo a respeito da inteligência humana, o complexo cartesiano. Essa característica é encontrada infelizmente em algumas pessoas que abraçaram o evangelho e uma vocação. Esse complexo é característico de pessoas que vivem em dúvidas contínuas e chegam mesmo a duvidar de tudo, até mesmo de verdades que de maneira alguma podem ser colocadas em dúvida. Suas vidas são pautadas pela incerteza, confusão, além de complicarem tudo.

O formador pessoal tem a missão de colaborar para que seu formando que apresenta tais características se esforcem para atingirem maior amadurecimento, serenidade e confiança em si mesmo. Isso deve ser feito através da busca de critérios retos, sólidos, que não podem ser removidos, capazes de iluminar o seu pensar e atuar. Somando a tudo isso deve abraçar a postura de não dar atenção ou acolhida às dúvidas perniciosas, nocivas da que podem assaltar a sua mente. Diante do chamado de viver a vocação e suas exigências, o inimigo de Deus poderá se aproveitar dessa fraqueza com o intuito de conduzir a pessoa a uma total paralisação com relação a própria vida, vida comunitária e apostólica.

Todas as pessoas, homens e mulheres, são chamados a desenvolver a inteligência, quer dizer, todas as pessoas são chamadas a fazer uso da razão, da objetividade, da lógica para serem capazes de decidirem sobre suas próprias vidas, serem responsáveis por si próprias, por suas decisões, pela vivência de sua vocação e carisma.

Formação da Vontade

A vontade é a faculdade espiritual do homem. Esta é constitucionalmente orientada para o bem, para os valores verdadeiros. No entanto, nenhum bem finito consegue preencher a vontade humana. Isso acon-

tece devido o seu desejo de Deus se encontrar acima de todas as coisas, dela está sempre aberta ao Bem Absoluto e essa sua característica faz do homem o único ser aberto ao infinito, ao transcendente, a Deus. Diz João Paulo II que “Inteligência e vontade põem em ação o melhor da sua natureza espiritual (do homem), para consentir que o sujeito realize um ato no pleno exercício da sua liberdade pessoal”¹⁴¹.

Do ponto de vista natural, o valor do homem depende, em grande parte, do grau em que consegue plasmar sua vontade. É somente através dela que poderá infundir um determinado rumo à sua vida, orientando e dominando todo seu ser. Quer dizer, o homem será livre na medida em que seja senhor de si mesmo, que guie, canalize e domine as suas paixões, sentimentos e instintos, e aja acima das circunstâncias externas, de acordo com os critérios que a razão iluminada pela fé lhe apresenta.

Ao analisarmos devidamente a função da vontade, podemos considerar facilmente a importância da sua formação, porque dela depende o êxito na parte humana, sobrenatural e apostólica. Sem o auxílio da vontade muitas áreas ficarão comprometidas como o auxílio da graça e as demais qualidades humanas.

Por conseguinte, o formador deve prestar auxílio a seus formandos para que eles apliquem-se seriamente na formação da sua vontade para torná-la forte, dócil à inteligência, eficaz e constante em querer o bem, tenaz perante as dificuldades e capaz de governar e canalizar, com suavidade e firmeza todas as dimensões pessoais.

O que significa trabalhar na formação da vontade? Significa adestrá-la em querer o bem prontamente com eficácia e constância. De-

¹⁴¹ Fé e razão 2,13.

seja alcançar um ideal, esse é um aspecto imprescindível para a formação. Portanto, o formador pessoal tem a obrigação de trabalhar com seus formandos no melhor elemento da formação que é a concentração da vontade no amor. É fácil, quase necessário, querer livremente quando se ama. O amor não põe limites, o amor não calcula, o amor quer tudo realizar pelo Amado.

Encontramos assim no Escrito Amor Esponsal: “Nosso amor, porém, é imperfeito. Como responder a este sublime chamado? Somente clamando ao Espírito de Amor para que inflame nossas almas e nos impulsione a este Amor Infinito. Ao nosso clamor este Espírito virá e impulsione nossas almas, nossas orações, nossos corações... [...]. Um coração inflamado por este amor tudo realiza, a tudo se dispõe. Inflamados por este imenso amor os santos caminharam, os mártires entregaram suas vidas e também nós desejamos prosseguir. Nosso alvo é a santidade, não por presunção, mas por vocação, pois todos os homens a isto são chamados. Queremos ser santos não por nossos méritos, mas confiando inteiramente na graça de Deus. Queremos ser santos não para nós próprios, mas para Deus. Queremos ser santos, porque sabemos que a santidade é a veste nupcial que nos permitirá entrar para celebrarmos nossas bodas com o Cordeiro. Ansiamos pela santidade e de tudo faremos instrumento para este fim, porque sabemos que Aquele que nos ama e que é amado por nossos corações anseia por isto muito mais que nós! O Amor Esponsal é meio e fim para a santidade”¹⁴².

Nesse caminho de adestrar a vontade para querer o bem, para o amor existe a possibilidade de surgir muitos obstáculos, muitas hesitações, como limitação em optar por todos os bens de uma só vez, dificuldades em renunciar a um valor eleito para abraçar outro, hesitar

142 Item 10 e 11

em decidir-se por alguém, por um bem, e deixar outros. As situações que apresentam tendências opostas tornam difícil e árduo querer o bem; ou que dificultem optar sempre pelo bem ditado pela fé e pela razão sobre outros valores inferiores.

Aqueles que são chamados a esse caminho de consagração de vida a Deus necessitam adquirir ou cada vez mais aperfeiçoar a capacidade de eleger entre dois mais valores e a renúncia de um valor para realizar outro, consciente que é mais que um simples fazer valer da vontade. É um processo vital, essencial, fundamental de renúncia por amor a Deus, à Igreja e à Vocação.

O formador pessoal precisa saber detectar em seus formandos em que nível se encontra a faculdade da vontade deles, porque um formando que possui uma vontade fraca, mal formada, não resistirá à insegurança ou hesitação que uma mudança, a eleição de um bem em detrimento de outro, acarretará.

Essa realidade é tão séria que não podemos nos iludir, mas a formação da vontade supõe, *sempre*, renúncia. Essa verdade é muito importante, porque o exercitar-se na renúncia é uma prática magnífica para construir e educar a capacidade de *querer*. O formador tem em mãos caminhos claros e concretos como a dimensão da renúncia, da penitência e da disposição ao sacrifício que ajudam imensamente o formando a formar a sua vontade. A nossa vocação nos pede isso: “Com nossos corações cheios de desejo, devemos responder dizendo: ‘Sim, Pai, não é fácil, mas eu desejo, eu quero, eu vou. Amém!’”¹⁴³.

Todas essas admoestações são necessárias porque uma pessoa vocacionada deve ser necessariamente um homem, uma mulher de vontade

¹⁴³ Escrito Obra Nova, 12.

de bem formada, submissa à inteligência, coerente com os compromissos que assumiu com a Igreja e com a Comunidade.

O Catecismo da Igreja Católica ensina que “o homem é dotado de razão e por isso semelhante a Deus, foi criado livre e senhor dos seus atos”¹⁴⁴. Mas o que é liberdade? E o catecismo responde: “A liberdade é o poder, baseado na razão e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isto ou aquilo, portanto de praticar atos deliberados. Pelo livre-arbítrio, cada qual dispõe sobre si mesmo. A liberdade é no homem uma força de crescimento e amadurecimento na verdade e na bondade”¹⁴⁵.

Através dessas palavras podemos comprovar que a vontade tem uma função bastante singular na liberdade humana. A vontade bem formada é capaz de colaborar positivamente nas decisões a serem tomadas pelo homem, a decidir-se pelo bem e para o que o conduz à plena e feliz perfeição. Uma pessoa que possui uma vontade frágil e vulnerável coloca em risco a sua “possibilidade de escolher entre o *bem e o mal*, portanto de crescer em perfeição ou de definhando e pecar”¹⁴⁶. Quanto mais livre, mais o homem é responsável pelas suas opções. E a vontade tem uma interferência particular nisso. Por isso, o catecismo nos ensina que quanto mais uma pessoa cresce na virtude, no conhecimento do bem e a ascese, proporcionalmente, cresce o domínio da vontade.

Quanto ao amadurecimento e consequente domínio da vontade humana, o Papa Bento XVI nos ensina: “o jugo de Deus é a vontade de Deus, que nós acolhemos. E esta vontade não é para nós um peso exterior, que nos oprime e nos tira a liberdade. Conhecer aquilo que Deus quer, conhecer qual é a via da vida (...). Esta é também a nossa alegria: a vontade de Deus não nos aliena, nos purifica – talvez em modo também

144 Catecismo da Igreja Católica, artigo 3, 1730.

145 Idem, 1731.

146 Catecismo da Igreja Católica, artigo 3, 1732.

doloroso – e assim nos conduz a nós mesmos”¹⁴⁷.

Assim, o formando tem necessidade de compreender que os meios eficazes de formar a vontade não são meios de carácter negativo, porque importante não é renunciar a um bem, mas ter a capacidade de optar pelo melhor. E o que vai sinalizar o que é o *melhor* para si, qual a escolha acertada, a eleição mais segura é sempre a que opta pela vontade de Deus.

Existem outros caminhos incomparáveis que auxiliam a pessoa humana na formação da vontade, são eles: a vida fraterna, o apostolado, a renúncia ao próprio querer optando de forma responsável pelo cumprimento do dever, renunciar as próprias inclinações optando livremente por seguir a vida comunitária ou por abraçar a obediência, renunciar a deixar-se tomar pelo cansaço, pelo pessimismo, pelas tentações, pelos sentimentos e optar livremente pelo caminho da serenidade e domínio de si, renunciar ao desejo de uma vida repleta, farta de comodidades e optar pela austeridade.

Aqui queremos abrir um parêntese na esfera da vida fraterna e do apostolado. O nosso Fundador, Moisés, escreve sobre a unidade entre os irmãos: “Lembro-me aqui do itinerário de Deus na minha vida em relação à unidade. A partir da minha experiência de Deus e do cultivo da amizade divina, o Senhor me conduzia a um verdadeiro caminho de doação. Com simplicidade, fui compreendendo que para crescer na minha comunhão com Deus, era indispensável crescer na minha comunhão com meus irmãos. Fui percebendo que a minha comunhão com Deus me jogava para uma doação de vida aos outros. Entendi que o amor era um só e que, na medida em que crescia meu amor a Deus, crescia

147 Bento XVI ✠ Homília da missa de início do ministério petrino.

também a necessidade de me doar aos outros. E quanto mais eu me doava aos outros, mais crescia o meu amor a Deus¹⁴⁸. O formador pessoal precisa dedicar atenção especial a essa dimensão da vida fraterna, pois sabemos que é uma área alvo de muitas feridas e tentações. A fidelidade a Deus deve ser vitoriosa na vida dos formandos, assim tudo que lhes afasta dos outros e de Deus será derrotado. Como viver sem os irmãos? Como viver sem aqueles que Deus colocou em nosso caminho? Seria falta de inteligência desprezá-los, descartá-los, fazer de conta que eles não existem. Seria arrancar as raízes da árvore de nossa vida do coração de Deus, seria em outras palavras, morrer.

A vida apostólica é também uma dimensão que sofre muitas investidas interiores e exteriores. Servir a Deus, aos irmãos e a Igreja exige desapego, firmeza de decisão, renúncia a toda acomodação, sobreviver a fracassos, incompreensões, canseiras sem fim...

Mais uma vez, nosso fundador nos adverte para não nos deixarmos ser levados pelos desafios e dificuldades próprias existentes no apostolado: "É exatamente assim: nós existimos para mostrar Deus aos homens. (Bento XVI)... [...] É importante saber que, ao evangelizar, muitas vezes, nós nos deparamos com obstáculos e desafios. Entretanto, antes de estas coisas se configurarem em fonte de desânimo, saibamos que, unindo-as ao mistério da cruz de Cristo e enfrentando-as com fé, esperança e amor, elas se transformam em indispensáveis fontes de fecundidade para o fruto da nossa evangelização. Por isso, na nossa ação apostólica, diante dos desafios, jamais desanimemos, mas, na longanimidade de Cristo os superemos, sabendo que todos os sofrimentos e cruces, unidos ao mistério de Cristo, servem para tornar os frutos mais abundantes"¹⁴⁹.

148 Carta à Comunidade, 94.

149 Idem, 151.

Portanto, o formador pessoal deve ter sempre diante de si que existem inúmeras maneiras de exercitar cotidianamente a vontade própria do seu formando com o objetivo de torná-la fortalecida. Toda atividade humana é uma ocasião para que isso aconteça. Citaremos aqui algumas dessas atividades: não deixá-lo escapar com demasiada facilidade das resoluções assumidas; convencê-lo de finalizar sempre aquilo que ele começou; ajudá-lo a não se deixar dominar pela inspiração do momento, mas procurar agir com método e previsão; incentivá-lo a realizar as tarefas com determinação sem deixar tudo para depois; impulsioná-lo a exigir de si mesmo certas minúcias que requerem esforço, como manter a ordem e a pontualidade; esclarecê-lo de como esforçar-se para aproveitar bem o tempo; atraí-lo a dedicar-se ao estudo, ao trabalho, à oração.

Enquanto que as ações realizadas com preguiça ou negligência, ou ainda, sem fazer a escolha do melhor bem, centralizada na própria pessoa e no seu querer, nas suas paixões, no seu comodismo, no seu egoísmo tornam a vontade enfraquecida, debilitada, transformando a pessoa incapaz de amar.

Não poderíamos deixar de ressaltar aqui o que nos ensina Emmir Nogueira sobre a formação da vontade: É aí que entram as outras 'faculdades', como diria Santa Teresa, ou 'potências', como as classifica São João da Cruz: entendimento, *vontade*, memória. Dentre elas, no plano humano, mas sempre contando com a graça de Deus, a *vontade* é a grande responsável por tudo ordenar com vistas ao amor a Deus. Quem deseja, deveras, amar a Deus, deve disciplinar, orientar, dirigir, pela *vontade*, o seu humor, emoções, sentimentos, afeto e paixões, reordenando-os segundo o amor a Deus acima de todas as coisas, acima de todos os outros amores, pois, segundo São João da Cruz, a *vontade*, junto à qual 'habitam' essas vivências afetivas, está como que 'presa' por elas até que

elas sejam ordenadas no amor”¹⁵⁰.

O formando precisa compreender o quanto necessita do exercício de sua vontade para que não venha a abortar o projeto de Deus para a sua vida, para que não venha a fracassar diante dos desafios, das frustrações, dos inúmeros imprevistos, das desilusões que fazem parte normalmente da vida consagrada a Deus. Somente do amor infinito de Deus colherá forças para deixar tantas escolhas boas por outras ainda melhores. Isso significa que é chamado a deixar até mesmo o que é lícito, ou seja, a substituir o lícito, o bom, o justo, o belo, pelo *melhor, o mais justo, o mais belo*, que é com certeza a *vontade de Deus*. Tudo o que Deus deu a Vocação Shalom, ao Carisma Shalom, a Comunidade precisa ser vivido com fidelidade e fortaleza de vontade.

Formação das Paixões

Para sermos capazes de trabalhar na formação da faculdade da paixão precisamos conhecê-la um pouco mais. Ensina-nos nossa Cofundadora, Emmir Nogueira, que “a paixão é um estado afetivo extremamente intenso, que domina a atividade psíquica como um todo, captando e dirigindo a atenção e o interesse do indivíduo em uma só direção, inibindo os outros interesses. Segundo Pieron, a paixão intensa impede o exercício de uma lógica imparcial”¹⁵¹.

Ela continua: “O humor, as emoções, os sentimentos, o afeto e as *paixões*, em si, não são nem maus nem bons. São amorais. A forma como nos utilizamos deles é que pode ser correta ou incorreta, boa ou má, pecado ou virtude. E a forma como os utilizamos, no caso de pessoas maduras e equilibradas, é determinada pela nossa vontade, à qual as vivências afetivas se devem submeter, sempre segundo a ordem ao

150 Emmir Nogueira, Fio de Ouro, Cap. II

151 Idem.

amor”¹⁵².

Também nos ensina o Catecismo da Igreja Católica que “O ser humano se ordena para a bem-aventurança por meio de seus atos deliberados: *as paixões ou sentimentos que experimenta podem dispô-lo e contribuir para isso...* [...] As paixões são componentes naturais do psiquismo humano; *constituem o lugar de passagem e garantem a ligação entre a vida sensível e a vida do espírito*. Nosso Senhor indica o coração do homem como a fonte de onde brota o movimento das paixões... [...] As paixões são numerosas. A paixão mais fundamental é o amor provocado pela atração do bem. O amor causa o desejo do bem ausente e a esperança de consegui-lo. Este movimento se completa no prazer e na alegria do bem possuído. A percepção do mal provoca ódio, aversão e medo do mal que está por chegar. Este movimento se completa na tristeza do mal presente ou na cólera que a ele se opõe”¹⁵³.

Como podemos comprovar pelo que foi escrito nos parágrafos precedentes, as *paixões*, por si mesmas, não são negativas, mas possuem também uma característica positiva. Simplesmente são forças de maior ou menor intensidade. Elas estão presentes tanto nas inclinações intelectivas como nas sensitivas.

As paixões, e isso é muito grave, contribuem para que a pessoa humana se ordene para a bem-aventurança por meio de seus atos deliberados, isto quer dizer, que ela faça sua opção pela vontade de Deus para sua vida, para colocar em prática o projeto divino para si, para que ela faça opção pelo amor e o bem.

Elas são o lugar de passagem e de garantia da ligação entre a

¹⁵² Idem.

¹⁵³ Catecismo da Igreja Católica, 1762-1765.

vida na perspectiva dos sentimentos, da sensibilidade e a vida conduzida pelo Espírito. O ser humano não pode parar nas paixões quando elas os impulsiona de forma negativa, seguindo apenas o que lhe ordena o homem natural, mas fazer a opção pela vida no Espírito e viver como homem espiritual. São Paulo afirma: “Um simples homem não aceita o que procede do Espírito de Deus, pois isso lhe parece loucura; e não pode entendê-lo, porque só discerne espiritualmente. Ao contrário, o homem espiritual discerne inteiramente e não se submete a discernimento alheio. Quem conhece a mente do Senhor para dar-lhe lições? Nós, porém, possuímos a mentalidade de Cristo”¹⁵⁴.

Existem alguns exemplos de pessoas que se deixaram conduzir pelas paixões no seu aspecto negativo. Começaremos com o apóstolo Pedro, que impulsivamente, quis defender Jesus. Outro exemplo também é Judas, que se deixou levar pela obsessão da paixão e decidiu entregar Jesus. Esses são dois exemplos bem característicos da força negativa da paixão.

Já outros fizeram o uso das paixões como força, como impulso para fazer o bem e a vontade de Deus. Um exemplo disso encontramos na vida de Saulo, que durante décadas manteve-se cheio de paixão positiva pelo anúncio do Evangelho: Tenho por missão a defesa do Evangelho. Com efeito, não me envergonho do Evangelho, pois ele é uma força vinda de Deus para a salvação de todo o que crê, ao judeu em primeiro lugar e depois ao grego. Paulo fez de Jesus e do Evangelho, a razão e a grande paixão de sua vida: Anunciar o Evangelho não é glória para mim; é uma obrigação que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!

Aqueles que possuem a missão de formar precisam compreender muito claramente o papel da faculdade da paixão como um motor, como

154 1Cor 2,14-16.

uma força positiva que conduz a pessoa a viver de forma intensa o chamado de Deus. Os membros da Comunidade não podem ter uma vocação morta, eles precisam viver uma vocação de forma viva. E a faculdade da paixão vivida de forma positiva possui esse caráter de levar a pessoa a viver com ardor, com fervor, com vida a sua vocação.

Vejam os que o Moisés diz a respeito de canalizar a paixão para o bem: “Conceda-nos sempre o Senhor o dom da *parresia* para que, com a *intrepidez* e a *têmpera* dos mártires, derramando o nosso suor e, se necessário, o nosso sangue, cumpramos da melhor forma e com eficácia e *ousadia* a nossa missão... [...] Torna-se indispensável pedirmos uma positiva ‘paixão’ em favor da evangelização. [...] Junto com a oferta da vida em Cristo, a *ousadia*, a *alegria* e a *criatividade* são elementos indispensáveis na nossa ação evangelizadora. Precisamos estar em um processo contínuo de renovação da nossa ação evangelizadora. É preciso que supliquemos continuamente ao Espírito Santo para que, com os seus dons e carismas (I Cor 12), renove em nós a *parresia* no anúncio do Evangelho. A omissão, a ociosidade e a acomodação são atitudes que não podem estar presentes na nossa vida de evangelizador. Nunca podemos achar que já evangelizamos o bastante. Há, ainda, muitíssimo a fazer”¹⁵⁵.

Ao perceber em seus formandos, sem nenhuma justificativa que mereça consideração real, a ausência da *paixão* positiva, que leva a *parresia*, a *intrepidez*, a *têmpera dos mártires*, o *derramamento de suor*, o *derramamento do sangue*, a *ousadia*, a *alegria* e a *criatividade* em favor da vocação e da missão e, ao invés dessas características imprescindíveis encontrarem omissão, ociosidade e acomodação nas atitudes, peça a Deus a graça de descobrir a verdadeira causa a fim de juntos trabalhar na superação das mesmas e

155 Carta à Comunidade, 153, 155 e 158.

suplique uma renovação do batismo no Espírito Santo desse formando. O Espírito Santo é capaz de dar vida nova naquilo que está morto: “O vento sopra onde quer e ouves o seu ruído, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito”¹⁵⁶.

A viagem em direção a Deus é uma *viagem santa*, uma viagem de realizações, cheia de alegria, mas também uma viagem que requer que removamos determinadas comodidades ou a pretensão de chegar sem se deslocar, sem fazer esforço, sem se *levantar* ou delegando aos outros a empresa”¹⁵⁷. O caminho da Paz é um caminho que deve ser “trilhado com as próprias pernas, comprometendo-se pessoalmente, justamente porque se é atraído pela verdade e o dom”¹⁵⁸. Nesse caso, precisa-se de *entusiasmo* para a vivência radical do Carisma e da Vocação Shalom. O formador pessoal não deve dá simplesmente indicações e ordens, mas levar a pessoa a constatar que se não encarna a vontade de Deus para si, que é a verdade sobre a sua vida, prejudica-se a si mesmo com suas próprias mãos.

Também só conseguirá caminhar junto com o seu formando para ajudá-lo a sair de todo marasmo e engano, se compreender verdadeiramente que o pecado provocou no homem uma guerra interior, uma desordem à natureza humana que impulsiona as paixões em direções contrárias àquelas que a pessoa livre e conscientemente procura seguir de acordo com a reta razão à luz da fé. O pecado é o causador de impulsionar as paixões para atitudes negativas, o que não acontece com aquele que não se deixa conduzir pelo pecado, que vence o pecado e isso é possível porque o homem foi criado com a capacidade de amar e de se autodominar. Mas o que é o pecado? O pecado é “uma palavra, um ato ou um desejo contrários à

156 Jo 3

157 Amadeo Cencini, O Pai pródigo, pág. 42.

158 Idem, pág. 43

Lei eterna” (Santo Agostinho). É uma ofensa a Deus, na desobediência a seu amor. Ele fere a natureza do homem e atenta contra a solidariedade humana. Cristo na sua Paixão desvela plenamente a gravidade do pecado e o vence com a sua misericórdia”¹⁵⁹.

Nunca podemos dizer que não temos a capacidade de vencer o pecado, porque o próprio Senhor nos diz: “Mas se não procedes bem, o pecado espreita à porta. E embora ele te deseje, tu podes dominá-lo.”¹⁶⁰

Quando a pessoa é escrava das paixões, seu interior fica desordenado. Por causa dessa desordem, assume atitudes desencontradas, como pensar uma determinada coisa e dizer outra ou decidir outra. Essa pessoa sofre de uma falta de harmonia das faculdades interiores, o que provoca a incapacidade de integrar os processos intelectivos (inteligência), volitivos (determinação da vontade) e afetivos (amizade e amor). Essa desordem interior indica imaturidade, o que é um perigo para a autêntica vivência da vocação.

O formador pessoal tem diante de si dois meios essenciais para ajudar na formação das paixões: promover o desenvolvimento do positivo e corrigir o negativo, recordando que como ensina São Tomás, o nosso poder sobre as paixões não é tirânico, mas astuto, hábil. As paixões tendem para seu próprio objetivo seguindo mecanismos auto-álgicos. A vontade não tem domínio direto sobre elas. Por isso deve-se fazer um trabalho indireto, com sabedoria, com habilidade através de certos meios que podem apaziguar, “distrair” ou orientar essas energias.

O meio primeiro e fundamental é a concentração em torno de um ideal, quer dizer, o profundo amor a Jesus Cristo, ao Evangelho e a

159 Catecismo da Igreja Católica, 1849.

160 Gen 4,7.

Vocação. Dessa forma, o formando polarizará toda a sua personalidade em torno dele. A inteligência, a vontade e as paixões estarão em jogo de acordo com a direção unitária da pessoa.

Não se pode esquecer que a força negativa das paixões pode se sobressair em alguns momentos devido ao seu automatismo natural, portanto, são necessárias a vigilância e a firmeza para evitar as causas que deixam aflorar essa força negativa.

A experiência pessoal revelará como chegar a conhecer algumas situações ou circunstâncias, externas ou internas, que costumam estimular as tendências naturais para direções fora de rumo.

Ressaltamos alguns exemplos: a ansiedade ou um ambiente de estresse, para algumas pessoas, irá exacerbar sua tendência para comer muito, para comer doces, para não comer, etc.; uma enfermidade leve como uma gripe ou uma virose poderá exacerbar a tendência para a autoconservação, levando a pessoa a tomar atitudes exageradas e desnecessárias com relação a esta doença, como o excesso de remédios, o falar demasiado no assunto, o medo de morrer, a irritação, o trancar-se em casa, etc.; uma situação de insegurança poderá levar alguns para o exagero no vestir-se, no maquiar-se, na preocupação exagerada com o próprio corpo, com a própria juventude, com a estética ou arrumação da casa, etc.; a tendência pela verdade pode se tornar uma paixão exacerbada quando se transforma em obsessão, em teimosia, em escrúpulo, em fanatismo. E, assim, existem muitos outros exemplos que o formador pessoal precisa saber reconhecer na pessoa do seu formando para ajudá-lo a vencer.

Uma das ações bastante útil para vencer a paixão desenfreada é por em ação a paixão contrária, que talvez não seja fácil dominá-la diretamente, mas com paciência e acompanhamento de perto com certeza conseguirá. Por exemplo, se a pessoa está vivendo um momento de desespero, deve

ser estimulada a viver a esperança pela fé, pela inteligência, pela razão e pela imaginação, além da realização de atos de fé e caridade.

São João da Cruz recomenda que, nessa situação, se eleve o pensamento através de atos de amor anagógicos que nos unam com fervor e amor ao Senhor e que, caso nossos atos de amor anagógicos sejam ainda fracos ou lentos, não deixemos “de opor resistência, lançando mão de todas as armas e considerações que pudermos até chegarmos a vencer completamente” a força negativa da paixão.

Outro meio para educar as paixões é a reflexão sobre as motivações do próprio agir. O formador deve levar os seus formandos a refletirem sobre suas vidas: de onde vêm esses pensamentos, essa reação, esse propósito que estou para fazer? Será que vem da minha razão que vê o que é mais conveniente iluminada por Deus? Ou será que me estou deixando levar, antes, pelos meus impulsos das paixões desordenadas?

Formação dos Sentimentos e da Afetividade

Costuma-se dar o nome de *sentimento*, de forma genérica, informações que os seres vivos são capazes de sentir nas situações que vivenciam, efeito de diversas causas (condições de ânimos contínuos ou passageiros, reações inconscientes frente ao meio ambiente, estado físico, acontecimentos, situações, etc.) e que impressiona favorável ou desfavoravelmente a pessoa, excitando nela diversos instintos ou tendências. Por exemplo, medo é uma informação de que há risco, ameaça ou perigo direto para o próprio ser ou para interesses correlatos.

Chama-se *emoção* a um estado sentimental mais intenso que traz consigo uma perturbação somática característica. Esta é geralmente concomitante, mas pode ser também consequente ou antecedente. Por exemplo: medo-tremor; alegria-riso; angústia-depressão; tristeza-lágrimas, etc.

Também nos enriquece com seus ensinamentos nossa Cofundadora, Emmir Nogueira, “as emoções podem ser definidas como reações afetivas agudas, momentâneas, desencadeadas por estímulos significativos. Assim, a emoção é um estado afetivo intenso, de curta duração, originado geralmente como uma reação do indivíduo a certas excitações internas ou externas, conscientes os inconscientes. Assim como o humor, as emoções acompanham-se frequentemente de reações somáticas (neurovegetativas, motoras, hormonais, viscerais e vasomotoras). O humor e as emoções são experiências psíquicas e somáticas ao mesmo tempo. Uma emoção intensa pode desencadear, por exemplo, problemas intestinais, impossibilidade de caminhar, astenia – intensa ‘moleza -, desmaios, desorientação, etc... [...] Jesus expressa suas emoções inúmeras vezes: alegria e ternura ao ver as crianças, comoção pelo sofrimento das irmãs de Lázaro, ira com relação aos vendilhões do templo e à hipocrisia dos fariseus, angústia no Horto das Oliveiras, alegria ao perceber que os segredos do Pai eram revelados aos pequeninos”¹⁶¹.

Descreve-se o *sentimentalismo* como um estado habitual em que os sentimentos chegam a subjugar a pessoa de tal modo que a faz experimentar temores infundados, esperanças ilusórias, alegrias vãs, complexos de inferioridade, etc. Os sentimentos podem chegar mesmo se adquirem o domínio sobre todo o homem, a privá-lo da retidão de juízo, da capacidade de análise e também da força de decisão da vontade.

Define-se como *afetividade* aquilo que se exprime, adequada ou inadequadamente, nos sentimentos, nas emoções, nas paixões.

Segundo Emmir, ao narrar o que define Dalgalarrando sobre a afetividade, diz: “A vida afetiva é a dimensão psíquica que dá cor, brilho e calor a todas as vivências humanas. Sem afetividade a vida mental torna-se

161 Emmir Nogueira, Fio de Ouro, Parte IV, Cap. I

vazia, sem sabor. O termo afetividade é genérico, compreendendo várias modalidades de vivências afetivas como o humor, as emoções e os sentimentos.... Também descreve o que diz Mira y López, (...) a afetividade é uma experiência íntima que afeta a totalidade da pessoa e que por isso mesmo, recebe o qualificativo de afetiva. Para o autor, 'a fronteira entre a percepção e a afeição, entre a sensação e o sentimento, entre o saber e o sentir é a mesma fronteira entre o eu e o não eu'¹⁶².

Tipos de classes de sentimentos

Os sentimentos podem ser divididos em classes: sentimentos vitais, sentimentos da própria individualidade, sentimentos que surgem como reação ao mundo exterior, sentimentos de natureza corporal, sentimentos de natureza psíquica e sentimentos espirituais.

Os sentimentos vitais nascem do conjunto de percepções que tem como objetivo o nosso próprio organismo e, conforme sejam, conferem à vida uma sensação de bem-estar ou de mal-estar, de serenidade ou de intranquilidade. O humor, por exemplo, é uma ressonância dos sentimentos vitais que atinge toda a pessoa.

Nos sentimentos da própria individualidade encontramos o sentimento de próprio poder e do próprio valor: da superioridade ou da inferioridade, da suficiência ou insuficiência, que se fundamenta sobre a apreensão da própria dignidade, talentos e qualidades; pode apoiar-se ora sobre a própria opinião, ora sobre a opinião alheia.

Outros sentimentos surgem como reação ao mundo exterior: o sofrimento, a esperança, a resignação, o desespero.

Existem os sentimentos de natureza corporal, como a fome, a sede, o cansaço, etc. e ainda os sentimentos de natureza psíquica, como a tris-

¹⁶² Idem,

teza que oprime, a alegria que exalta, a gratidão que comove, o amor que entenece, etc.

E, finalmente, há os sentimentos espirituais que são o dom mais precioso da sensibilidade humana: uma simpatia afetiva ou empatia com o bem e a virtude, suscitados na alma pela presença ou ausência do bem moral: gratidão, amizade, apreço pela sinceridade, etc.

Dentro dessa realidade dos sentimentos também a pessoa humana deve ter o cuidado de submetê-los a vida no Espírito, pois se acontece de se deixar conduzir somente pelo *homem natural* com certeza os sentimentos são deixados em si mesmos desordenados e a consequência é uma vida cheia de caprichos, de teimosia, obstinação. No caso de eles monopolizarem a pessoa, quer dizer, atrair a atenção da pessoa para si, para os sentimentos, o centro de sua personalidade passa para a sensibilidade. Se os sentimentos meramente psíquicos forem o centro causa o desequilíbrio psicológico. Da mesma forma que, se os sentimentos tornarem-se simplesmente sensitivos, a pessoa perde a razão e a medida, procura apenas um desabafo, mas nesse desabafo a todo custo, pode levar a reboque toda a vida da pessoa, centralizando-a em seus próprios “problemas” e sentimentalismo.

O formador pessoal deve tirar vantagem para formar os sentimentos dos seus formandos da força canalizadora para o bem integral da pessoa e para o cumprimento da missão que Deus lhe confiou. Assim, os sentimentos enriquecem notadamente o formando e o tornam capacitado para experiências humanas profundas de aproximação a Deus e aos homens, em vistas de uma maturidade que seja sinal de autonomia e responsabilidade por sua própria vida.

Descreveremos aqui alguns passos que ajudam na formação dos sentimentos, são eles: levar o formando a reconhecer que possui a possibi-

lidade de dominar, de orientar e harmonizar a própria personalidade, com sua riqueza, tornando-a forte, generosa e senhora de si; favorecer para que o formando analise e conheça seus próprios sentimentos, principalmente os predominantes, e estar consciente do grau de influencia que eles têm sobre seu comportamento, pois o sentimentalismo pode ser gravemente danoso à formação da personalidade madura. Outro aspecto que deve ser ressaltado é o controle do temperamento, pelo qual uma pessoa tende à alegria ou à tristeza, ao otimismo ou ao pessimismo, à euforia ou à repressão, através da descoberta desse componente habitual do seu temperamento, com suas potencialidades, seus aspectos positivos e negativos e suas implicações; também é importante que a pessoa se aceite com tranquilidade, alegria e ação de graças; que se exercite num trabalho constante e positivo de domínio próprio, harmonia, equilíbrio e progresso.

O instrumento que deve ser utilizado para a formação dos sentimentos é o mesmo que se orienta para a formação das paixões: estimular o positivo dos sentimentos, corrigir o negativo. Se o sentimento colabora, deve ser acolhido, se causa torpor, debilita e distrai, então a vontade de cada um deverá entrar em ação para fomentar o sentimento oposto, para orientar a atenção para outra coisa, etc.

Precisamos dar um enlevo especial à dimensão da afetividade, porque muitos que se deixam levar por ela de forma desordenada têm induzido sua vida a erros graves capazes de matar a sua vida interior e de causar ainda muitos danos na vida de outras pessoas. Desta forma é uma área que requer cuidados e atenção por parte do formador pessoal.

Define-se “afeto” como a qualidade e o tônus emocional que acompanham uma ideia ou representação mental. Os afetos acoplam-se às ideias, anexando a elas um ‘colorido’ afetivo. Seriam, assim, o componente

emocional de uma ideia”¹⁶³.

Para dar somente um exemplo – teríamos tantos! – Jesus, ao encontrar-se com as crianças, colocar e acariciar as crianças, empresta a esta ideia um componente afetivo, isto é, demonstra o afeto do Pai pelos pequeninos: Apresentaram-lhe então crianças para que as tocasse; mas os discípulos repreendiam os que as apresentavam. Vendo-o Jesus indignou-se e disse-lhes: ‘Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais, porque o Reino de Deus é daqueles que se lhes assemelham. Em verdade vos digo: todo o que não receber o Reino de Deus com a mentalidade de uma criança, nele não entrará.’ Em seguida, ele as abraçou e as abençoou, impondo-lhes as mãos.

Afirmamos mais uma vez que o humor, as emoções, os sentimentos, o afeto e as paixões, em si, não são nem maus nem bons. São amorais. A forma como nos utilizamos deles é que pode ser correta ou incorreta, boa ou má, pecado ou virtude. E a forma como os utilizamos, no caso de pessoas maduras e equilibradas, é determinada pela nossa vontade, à qual as vivências afetivas se devem submeter, sempre segundo a ordem ao amor.

Esse é o caminho mais sábio em que formador pessoal deve utilizar para formar os sentimentos e de maneira especial a afetividade dos seus formandos: ordenar tudo para o amor.

De forma especial, “quem deseja, com todo o coração, amar a Deus, deve disciplinar, orientar, dirigir, pela vontade, o seu humor, emoções, sentimentos, afeto e paixões, reordenando-os segundo o amor a Deus acima de todas as coisas, acima de todos os outros amores, pois, segundo São João da Cruz, a vontade, junto à qual ‘habitam’ essas vivências afetivas,

163 Idem.

está como que 'presa' por elas até que elas sejam ordenadas no amor"¹⁶⁴, ensina Emmir Nogueira.

O formando necessita se sentir filho de Deus e filho muito amado de Deus. Essa verdade provoca no seu coração uma profunda gratidão a Ele, e fortalece a sua resposta positiva ao chamado de Deus, à sua vocação. Isso acontece porque percebe que sua vocação é um chamado de amor e não uma obrigação, um peso ou uma lei. Passa a aceitar o chamado, passa a aceitar sua vocação e carisma Shalom com o coração livre e aberto, passa a compreender que a sua resposta a Deus não é um ato heroico, cheio de exigências, de direitos, de cálculos, de trabalhos forçados, de exigências desmedidas, mas apenas o desejo de retribuir a Deus o que recebeu dele e que continua a receber. Agora, sua resposta é um ato de amor recomposto pela certeza do amor de Deus. Podemos dizer que o seu ser está todo encerrado naquele doar-se livre e inevitável, profundamente humilde e generoso, não consegue mais imaginar sua vida sem a lógica da doação, da oferta, do sacrifício por Cristo, pela Igreja e pela humanidade, e tem a convicção de que, por mais que se doe, se oferte, nunca vai dar igual ao que recebeu.

A formação dos sentimentos e afetos passa pela ação da vontade de uma pessoa que decide amar (que é um ato da vontade). Precisamos lembrar que o amor não é gozo íntimo e suave, ou qualquer gosto que a vontade possa experimentar (como as emoções, sentimentos, afetos e paixões 'positivos', por mais maravilhosos que sejam, não são amor!).

A vontade humana se une a Deus unicamente pela sua operação (a nossa vontade deve unir-se a Deus por si mesma e não por causa dos sentimentos que lhe impulsiona a agir ou que lhe sirva como 'recompensa' segue-se que nenhum dos sentimentos saborosos pode ser meio adequado

164 Idem.

para que a vontade se una a Deus, mas unicamente operação da vontade (a nossa vontade deve unir-se a Deus por si mesma e não por causa de sentimentos que lhes impulsionem a agir ou que lhes sirvam como 'recompensa'), pois há grande diferença entre a operação (ação) da vontade e o seu sentimento.

Amor é unir-se a Deus pela vontade, fazendo de Deus o princípio e o fim último de tudo, e não pelo sentimento e apreensão do seu apetite, que se instala na alma como fim e acabamentos (a finalidade da oração e de qualquer outra ação nossa deve ser o amor a Deus e não os sentimentos, emoções ou afetos).

De si os sentimentos são saborosos, mas não encaminham por si sós a alma para Deus, pois não têm este poder. Sua tendência é ficar em si mesmos. O que encaminha a alma para Deus é a vontade que, no caso em questão, avalia e orienta os sentimentos na ordem do amor, isto é, por amor e para o amor. A operação da vontade que é amar a Deus, só nele põe o afeto, gozo, gosto, contentamento e amor da alma, afastadas todas as coisas, e amando-o acima de todas elas.

Formação da Imaginação

A imaginação é a faculdade da criatividade e da originalidade (Marcel Maciel) e junto com a memória é expressão do mundo representativo do homem (Nicola Martin). No entanto, essa faculdade necessita de atenção, como disse Santa Teresa de Jesus: "a imaginação é a louca da casa". "É um sentido corporal interior que, ainda que em profundo recolhimento, costuma andar à solta. Ninguém pode saber completamente as coisas que naturalmente passam por sua imaginação. No entanto, ela é uma faculdade que pode ir-se aperfeiçoando e habituando-se ao bem, com considerações, meditações e discursos santos"¹⁶⁵.

¹⁶⁵ São João da Cruz, coletânea.

Uma imaginação bem cultivada é também uma mina inesgotável de iniciativas no trabalho apostólico, na vida fraterna, no cultivo do bom humor e em todas as dimensões da vida.

Encontramos pessoas que possuem uma imaginação indolente e limitada. Será necessário o esforço para torná-la mais viva a medida do possível. Em outros casos, que não são muito raros, a imaginação constrói castelos e sentimentos que não existem, frutos da sua fantasia. Essas pessoas se apegam a histórias que não são verdadeiras e concretas. A imaginação pode se prender ainda à área dos afetos, criando sentimentos e emoções completamente irreais. Esse tipo de pessoa vive num mundo fora da realidade. Imagina-se sofrer um infarto quando se sente uma simples dor no meio do peito; imagina-se ter um câncer assim que se percebe o menor carocinho no corpo; pensa-se um desastre na rua quando um ente querido demora a voltar para casa. Esses pressentimentos quase nunca acontecem, mas a inquietação e o desassossego que causam se concretizam realmente. A imaginação inventa perigos que não existem, e faz a pessoa sofrer à toa.

A imaginação, portanto, se mal conduzida pode levar uma pessoa ao fracasso perante a circunstância de vencer um obstáculo, é o medo do abismo. Há muitos planos e opções feitas por uma pessoa que não se concretizam pelo simples impulso da ideia contrária alimentada pela imaginação. A perspectiva do fracasso apresentada pela imaginação já é um fracasso. Bloqueia as potencialidades humanas para que o êxito venha realmente a se concretizar.

Muitos formandos abortam suas potencialidades, porque não conseguem acreditar em si mesmos: não conseguem assumir responsabilidades, não enfrentam desafios, não conseguem abraçar o evangelho, não porque não são capazes, mas porque imaginam que essas coisas estão muito acima da capacidade deles. O formador pessoal deve ter a capacidade de

perceber essa dificuldade e ajudar seu formando a ver as circunstâncias e o que se pede deles como algo perfeitamente possível.

Por outro lado, existem aquelas pessoas estão no grupo dos sonhadores. Podemos chamá-los daqueles que vivem no “mundo da lua”, que são incapazes de relacionar-se objetivamente com a realidade, que são incapazes de administrar a própria vida e tudo o que lhe é confiado, que é incapaz de administrar o próprio tempo, que é incapaz de disciplinar-se ou de deter-se no essencial, que estão cheios de projetos e grandiosas visões de futuro, mas que não deslocam um dedo para realizá-las. São sonhos desproporcionais com a realidade, desta forma, não permitem que a pessoa possa realizar uma ação frutuosa, prática, objetiva e realista.

Durante o processo formativo faz-se necessário trabalhar essa área da imaginação desordenada e confusa. O formador tem a missão de levar esses formandos com essas características a caminhar com os pés firmes no chão das realidades mais evidentes e corriqueiras, a assumirem uma postura objetiva diante da vida. O pessimismo diante de situações, a falta de confiança em Deus, educação repressiva, desilusões corriqueiras, complexo de inferioridade longamente cultivado, ressentimentos recalcados etc., podem desencadear a desordem na imaginação.

Portanto, é indispensável que o formando canalize essa dimensão para que a sua imaginação deixe de ser a “louca da casa” e se transforme em humilde e eficiente servidora da pessoa e de sua missão. Isso significa que, em certas ocasiões, será preciso dominar os impulsos da imaginação, submetendo-a ao controle da própria pessoa para que fique quieta e deixe de importunar. Na verdade, a imaginação deve ser conduzida a colaborar com a inteligência e a vontade, fixando-se naquilo que essas faculdades lhe apresentam.

Desse modo, por exemplo, em vez de vagar durante os estudos

ou momentos de oração, dará sua contribuição à mente levando-a a penetrar com mais sutileza nos preceitos, nos ensinamentos que procura compreender, ou que se comprometa mais eficazmente com aquilo que está meditando. O *tomar as rédeas* da imaginação, fará com que ela se coloque à serviço dos carismas do Espírito Santo, que se utiliza das potencialidades do ser humano para se expressar.

Todo o processo de oferta de vida requer que o formando assuma a condução de sua própria vida. Não existe nada que a pessoa que ama a Deus não consiga realizar. No livro, *A maturidade*, encontramos a seguinte frase: “Governar-se a si mesmo é a primeira coisa que se precisa aprender depois que se sabe andar. Quem não sabe governar-se a si mesmo é como uma criança sem orientação paterna, como um barco sem leme”¹⁶⁶.

Formação da Memória

Em um outro capítulo já falamos bastante sobre a memória, mas não queremos deixar de refletir sobre ela aqui nesse espaço.

Para aqueles que consagraram sua vida a Deus, o uso da memória é muito importante porque essa faculdade é a condição para se ter uma história pessoal e com ela ser construída a identidade de cada um.

A função da memória não se limita a recordações de nomes, de datas, de acontecimentos, números e fórmulas... ela possui uma função superior: a de consolidar, tornar sólida a personalidade humana, aglutinar experiências, extraindo delas, paulatinamente, critérios mais aprimorados para o pleno desenvolvimento humano.

Assim como todas as outras faculdades faz-se necessário que a memória seja formada, seja trabalhada, para desta forma ser ordenada e colabore na vivência da vocação e do carisma Shalom.

166 *A Maturidade*, Rafael Llano Cifuentes, pág. 42.

A memória, talento e dom de Deus, pode chegar a ser um precioso tesouro de conhecimentos e experiências. Fará às vezes de secretário preciso e ágil que apresenta, num instante, os dados solicitados, e arquiva ordenadamente aquilo que é confiado à sua custódia para extrair da sua rica e grande porção, como o escriba do Evangelho, coisas novas e velhas (cf. Mt 13,52).

O caminho para a formação da memória é árduo e lento, supõe a disciplina da concentração, do método inteligente, da constância na memorização cotidiana. Jesus formava a memória dos seus discípulos repetindo inúmeras vezes passagens da Lei e dos profetas. Isso não se trata de substituir a compreensão e a reflexão por meio dela, mas de enriquecer o depósito e a capacidade intelectual.

A memória deve ser formada através da memorização de textos, pressupostos, definições, etc., mas também através da preservação, quer dizer, não se pode expor a memória a tudo o que se lhe oferece, como filmes, músicas, literatura, peças de teatro, obras de arte, fotos, artigos de revistas, etc.

É preciso que se saiba que a exposição ao que é contrário aos valores da fé sem que se esteja alerta no senso crítico, se expõe a alma e, ainda que se fique em alerta, há ainda a invasão da memória através do som e da imagem a serviço da emoção.

Pessoas muito sensíveis a estes estímulos dificilmente conseguem orar ou fazer seu estudo bíblico ou acadêmico sem constantemente recordarem-se das cenas, música ou enredo do filme. Para estes, em especial, a preservação da memória adquire importância relevante na formação equilibrada das faculdades e dos valores.

São João da Cruz fez uma poesia sobre essa dimensão:

Olvido do que é criado
Memória do Criador,
Atenção ao interior
E estar amando o Amado

Para São João da Cruz, a formação das faculdades, entre elas da memória, necessita de esforço para esquecer-se do que é criado. Isso não significa esquecer-se de que as coisas e pessoas existem, mas exercitar constantemente a memória e as outras faculdades para a constante lembrança do Criador, no sentido de que somente o amor a Deus faz com que tudo seja direcionado a Ele. Somente Deus deve ocupar a mente, os sentimentos, a memória, a imaginação, a inteligência e a vontade.

Além desses conselhos preciosos de São João da Cruz, encontramos o fato de que se deve dar atenção à vida interior, isto é, vigiar, resguardar-se do que ultraja ou atinge a própria dignidade ou leva a pessoa a pecar. Estar sempre atento aos movimentos interiores que, pela memória, podemos conhecer muito bem e estar em constante estado de amor ao Amado, com todas as faculdades recolhidas Nele.

O formador pessoal promovendo a formação da memória dos seus formandos ajudará no crescimento da virtude da gratidão para com Deus e para com os irmãos. A memória a serviço da gratidão, é sem dúvida, também uma memória a serviço do louvor.

Formação Física (Corporal)

Uma boa formação integrada da pessoa como um todo não pode, de forma nenhuma, ignorar esse aspecto fundamental que é o corpo humano. Abordaremos apenas dois aspectos importantes. O primeiro é o exercício corporal, um meio excelente de conhecimento pessoal, de aber-

tura, de doação aos outros, o segundo é o trabalho, que é um aspecto da imitação da vida de Cristo, e que contribui para a formação do caráter no fortalecimento da vontade, no exercício de ações árduas, no descobrimento de habilidades novas, em conhecer mais de perto as condições, trabalhos e fadigas de muitas pessoas, para assim compreendê-las melhor. Ajuda também a vencer a inclinação para as comodidades, a viver o espírito de pobreza com maior autenticidade.

Carência Afetiva

Concluindo esse capítulo sobre a formação das faculdades, achamos ainda importante abordarmos o tema da carência afetiva e das fraquezas humanas.

Iniciaremos com o tema da carência afetiva. Há carências nas mais diversas áreas: cultural, de subsistência, de pertença, de proteção, de liberdade. Como a necessidade de amar e ser amado é a mais importante no ser humano, a carência na satisfação de ser amado é também a mais grave.

Quando uma pessoa sente essa carência de amor começa então a buscar de forma desordenada atenção, afeto, reconhecimento, elogios. Também pode aparecer os ciúmes, inveja, insegurança, como reações de dominação e posse que estabelecem atitudes controladoras com relação ao outro e a codependência afetiva. Mas as consequências da carência afetiva não param aí, pode ainda acontecer o exagero na alimentação, na higiene, nos vestir com a intenção que pode ser de forma indireta, de compensar tal carência.

Afirmamos com toda a certeza que uma de suas consequências mais graves é a dificuldade em obstruir e manter relacionamentos maduros, sadios e abertos aos outros, o diálogo e a efetiva ordenação da vida para o amor como doação de si.

Não podemos deixar de esclarecer que a carência afetiva é amoral em si mesma. O que toma sentido moral é a forma como lidamos com ela, uma vez que nos impede de dialogar, de ordenar nossa vida para o amor, que nos congela na imaturidade e na insatisfação, não importando o quanto nos rodeie de cuidados e atenções.

O formador pessoal, ao perceber em seus formandos os sinais de carência afetiva, precisa ajudá-los a ordenar suas atitudes para o amor, seja através do perdão e reconciliação, seja transformando-a em um tesouro, como se faz com o nosso passado, os limites, necessidades e fraquezas. A grande cura das carências se encontra nesses seguintes passos: reconhecimento, conhecimento, acolhida e ordenar para o amor.

O segredo é o amor a Deus e aos irmãos e não a substituição ou satisfação das carências a qualquer custo, mas seguir os quatro passos acima, dando-lhes sentido através da ordenação de tudo para o amor.

O formador pessoal tem a missão de não permitir que aconteça uma conotação negativa do que seja “carência afetiva” na vida de seus formandos para que eles não se sintam ameaçados, diminuídos, doídos diante dessa dificuldade. Os formandos precisam ser orientados e estimulados a ordenar suas carências para o amor. O formador não pode deixar que seus formandos fiquem se lamentando, nem se fazendo de vítima, mas ler toda a sua vida e ordená-la para o amor.

Fraquezas

As fraquezas, pelo contrário, são consequência do pecado original. Surgiram com ele e dele são consequências. Foram-nos deixadas para que, através da luta contra elas, vivêssemos a caridade para com Deus e para com o irmão.

As fraquezas, como limites ou concupiscências, são amorais, isto

é, nem boa nem má. Todos nós somos suscetíveis à raiva, por exemplo. A raiva, em si, não é, entretanto, moralmente boa nem má. É amoral. Se, no entanto, eu me deixo levar pela raiva, ela se torna crítica, julgamento, ironia, gritaria, desavença, inimizade, acídia. Estas e outras atitudes provenientes da raiva, essas sim, são moralmente más. Se, por outro lado, reajo à raiva com oração, paciência, jejum, silêncio, humildade e caridade, estas atitudes serão moralmente boas, mas a raiva em si, tanto neste caso como no anterior, é amoral. O segredo é não consentir na inclinação ao mal.

Como lidar com as fraquezas? Primeira coisa que o formando deve fazer é tomar distância da fraqueza, através de uma pessoa de confiança e vida de oração, procurar reconhecer as próprias fraquezas; segunda atitude, com a ajuda desta pessoa, da oração, da Palavra e dos sacramentos, esquadrihar, isto é, dar nome às nossas fraquezas mais insidiosas. Qual minha fraqueza maior: a paixão desordenada pelo poder? O desejo exacerbado do possuir? O desejo desordenado pelo prazer? Em seguida, aproximar o foco e examiná-las de mais perto: como se manifesta em minha vida a paixão pelo poder: passo os outros para trás? Minto? Tenho inveja? Tenho desejo de protagonismo? Como se manifesta, no meu caso, o desejo desordenado de possuir: roubo? Minto? Traio o voto de pobreza? Faço diferença entre ricos e pobres? Preocupo-me desordenadamente com o futuro? Etc. Como se manifesta na minha vivência, o desejo desordenado pelo prazer: pela gula? Pela diversão imprópria a um cristão? Pelas drogas? Pela bebida? Pelo cultivo da minha imagem? Pela mentira? Pela vingança? E terceira atitude é descobrir qual a fraqueza principal, o ponto vulnerável, o ponto fraco, pelo qual penetra a maioria das tentações que derrubam a pessoa e mergulhá-lo na graça de Deus.

Capítulo 4

A CONSCIENCIA MORAL

A formação pessoal precisa atingir ou pelo menos levar os formandos a atingirem essa dimensão tão importante que rege as decisões e engrandece a vida de cada homem. Se o homem vive na verdade, ele conduz a sua vida com grande alento e suavidade própria do Espírito.

Queremos engrandecer essa dimensão com algumas afirmações de João Paulo II sobre a vida moral no *Esplendor da Verdade*:

“A vida moral apresenta-se como a resposta devida às iniciativas gratuitas que o amor de Deus multiplica em favor do homem. É uma resposta de amor, segundo o enunciado que o Deuteronômio faz do mandamento fundamental: «Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Estes mandamentos que hoje te imponho serão gravados no teu coração. Ensiná-los-ás aos teus filhos» (Dt 6, 4-7). Assim, a vida moral, implicada na gratuidade do amor de Deus, é chamada a refletir a Sua glória: «Para quem ama a Deus, basta-lhe agradecer Àquele que ama, uma vez que não se deve procurar qualquer outra recompensa maior do que o próprio amor; a caridade, de fato, provém de Deus de modo tal que o próprio Deus é caridade»(18).

1. O que é e qual a sua finalidade:

“A consciência moral, presente no íntimo da pessoa, é um juízo

da razão, que, no momento oportuno, ordena ao homem que pratique o bem e evite o mal. Graças a ela, a pessoa humana percebe a qualidade moral dum ato a realizar ou já realizado, permitindo-lhe assumir a responsabilidade. Quando escuta a consciência moral, o homem prudente pode ouvir a voz de Deus que lhe fala” (www.catolicosdobrasil.72). O que transcrevemos anteriormente necessita de esclarecimento porque o homem apesar de ter o juízo da razão, não pode realizar o bem sem a ajuda da graça de Deus. Sendo assim o homem, mesmo possuindo a colaboração da sua consciência, não é autônomo, ele necessita da graça atuante de Deus em sua vida.

Continua João Paulo II esclarecendo sobre o papel da consciência humana: “A consciência é a única testemunha: o que acontece na intimidade da pessoa fica velado aos olhos de quem vê de fora. Ela dirige o seu testemunho somente à própria pessoa. E, por sua vez, só esta conhece a própria resposta à voz da consciência... «A consciência — escreve S. Boaventura — é como o arauto de Deus e o seu mensageiro, e o que diz não o ordena de si própria, mas como proveniente de Deus, à semelhança de um arauto quando proclama o édito do rei. E disto deriva o fato de a consciência ter a força de obrigar». Portanto, pode-se dizer que a consciência dá ao próprio homem o testemunho da sua retidão ou da sua maldade, mas conjuntamente, e antes mesmo, é testemunho do próprio Deus, cuja voz e juízo penetram no íntimo do homem até às raízes da sua alma, chamando-o *fortiter et suaviter* à obediência: «A consciência moral não encerra o homem dentro de uma solidão intransponível e impenetrável, mas abre-o à chamada, à voz de Deus. Nisto, e em nada mais, se encontra todo o mistério e dignidade da consciência moral: em ser o lugar, o espaço santo no qual Deus fala ao homem»(EV 103 e 104).

São Paulo alarga ainda mais o conceito da consciência humana,

porque ele a reconhece como testemunha, mas ela cumpre essa função de testemunha com a ajuda eficaz dos pensamentos, que “acusam ou defendem os gentios relativamente aos seus comportamentos” (cf. Rm 2, 15). (Cf. EV 59).

Segundo o apóstolo os pensamentos põem em evidência o caráter próprio da consciência, que é o de ser um juízo moral sobre o homem e sobre os seus atos: é um juízo de absolvição ou de condenação, segundo os atos humanos são ou não conformes com a lei de Deus inscrita no coração. E é precisamente acerca do julgamento dos atos e, simultaneamente, do seu autor e do momento da sua definitiva atuação que fala o Apóstolo, no mesmo texto: «Como se verá no dia em que Deus julgar, por Jesus Cristo, as ações secretas dos homens, segundo o meu Evangelho» (Rm 2, 16). (Cf. EV 59).

É muito importante que o homem realize um diálogo consigo mesmo, que na verdade é um diálogo do homem com Deus.

João Paulo II nos exorta, ainda, que “o juízo da consciência é um juízo prático, ou seja, um juízo que dita aquilo que o homem deve fazer ou evitar, ou então avalia um ato já realizado por ele. É um juízo que aplica a uma situação concreta a convicção racional de que se deve amar e fazer o bem e evitar o mal. Este primeiro princípio da razão prática pertence à lei natural, mais, constitui o seu próprio fundamento, enquanto exprime aquela luz originária sobre o bem e o mal, reflexo da sabedoria criadora de Deus, que, como uma centelha indelével (*scintilla animae*), brilha no coração de cada homem. Mas, enquanto a lei natural põe em evidência as exigências objetivas e universais do bem moral, a consciência é a aplicação da lei ao caso particular, a qual se torna assim para o homem um ditame interior, uma chamada a realizar o bem na realidade concreta da situação. A consciência formula assim a obrigação moral à luz da lei natural: é a obrigação de fazer aquilo que o homem, mediante o ato da sua consciência,

conhece como um bem que lhe é imposto aqui e agora. O caráter universal da lei e da obrigação não é anulado, antes fica reconhecido, quando a razão determina as suas aplicações na realidade concreta. O juízo da consciência afirma por último a conformidade de um certo comportamento concreto com a lei; ele formula a norma próxima da moralidade de um ato voluntário, realizando «a aplicação da lei objetiva a um caso particular»(EV105).

Alguns aspectos essenciais que encontramos nestas palavras do Papa. Em primeiro lugar, ele fala que o juízo da consciência é um juízo prático que possui a capacidade de iluminar o homem nas decisões cotidianas da vida.

É um juízo que promove em cada situação da vida uma convicção racional de que se deve amar e fazer o bem e evitar o mal.

O princípio da razão prática exprime a luz originária sobre o bem e o mal e é reflexo da sabedoria criadora de Deus que brilha no coração de cada homem.

Enquanto a lei moral revela as exigências do bem moral, a consciência impulsiona o homem a realizar a lei moral em cada situação de sua vida.

A consciência orienta o homem segundo a lei natural, a lei divina que foi inscrita no coração do homem.

O formador pessoal deve levar seus formandos a conhecer a lei natural, que é a vontade de Deus, a verdade de Deus para que iluminados e inspirados por elas possam fazer sua opção livre por Ele, rejeitando tudo o que se coloca como contrário. Segundo Ricardo Sada e Alfonso Monroy, “é obrigatório se formar a consciência, porque a mesma não tem a capacidade de criar a lei moral, mas apenas aplicá-la em sua vida”.

2. Possíveis estados de consciência:

Segundo Ricardo Sada, os teólogos estabeleceram três divisões fundamentais:

Em razão do objeto, a consciência pode ser verdadeira ou errônea; em razão do modo de julgar, reta ou falsa. A falsa pode ainda ser relaxada, estreita, escrupulosa e perplexa; e em razão da firmeza do juízo, pode ser certa ou dubitativa.

- A base da consciência moral se encontra na verdade, portanto a consciência só é verdadeira se julgar de acordo com os ensinamentos de Deus e de sua vontade, enquanto que a consciência errônea faz exatamente o contrário. O Beato João Paulo II afirmou que “chamados à salvação pela fé em Jesus Cristo, «luz verdadeira que a todo o homem ilumina» (Jo 1, 9), os homens tornam-se «luz no Senhor» e «filhos da luz» (Ef 5, 8) e santificam-se pela «obediência à verdade» (1 Pd 1, 22).

É uma de suas frases mais importantes: o homem se santifica ao obedecer à verdade e que esta opção nem sempre é fácil. Ele continua: “o homem é continuamente tentado a desviar o seu olhar do Deus vivo e verdadeiro para o dirigir aos ídolos (cf. 1 Ts 1, 9), trocando «a verdade de Deus pela mentira» (Rm 1, 25); então, também a sua capacidade para conhecer a verdade fica ofuscada, e enfraquecida a sua vontade para se submeter à ela. E, assim, abandonando-se ao relativismo e ao cepticismo (cf. Jo 18, 38), ele vai à procura de uma ilusória liberdade fora da própria verdade, mas nenhuma sombra de erro e de pecado pode eliminar totalmente do homem a luz de Deus Criador. Nas profundezas do seu coração, permanece sempre a nostalgia da verdade absoluta e a sede de chegar à plenitude do seu conhecimento (EV1).

- A consciência reta “é aquela que julga a bondade e a malícia de um ato com fundamento e prudência”, e a consciência falsa “julga com ligeireza e sem fundamento sério” (Ricardo Sada, 4.3.2, capítulo 4). Por exemplo, uma pessoa que reconhece o

seu pecado e não comunga se antes não se confessar, possui uma consciência reta, que se empenha em acertar.

- A consciência falsa, como vimos anteriormente, pode ser uma consciência relaxada “que, por superficialidade e sem motivos sérios, nega ou diminui o pecado onde ele existe”. É uma consciência em risco por possuir uma cegueira danosa diante da realidade e gravidade do pecado. Podemos ressaltar aqui algumas causas: a sensualidade, o ambiente fútil e superficial, o apego às coisas materiais, o descuido da piedade pessoal, a falta de humildade para se tornar a erguer após a queda. Devido a isso, devemos retirar as causas (Ricardo Sada, 4.3.2, capítulo 4).
- A consciência falsa pode ser ainda restrita. “É aquela que, com certa facilidade e sem motivos sérios, vê ou aumenta o pecado onde não há...”. Essa consciência deve ser combatida, pois a pessoa pode ser conduzida ao escrúpulo ou cometer pecados graves onde eles não existem (Ricardo Sada, 4.3.2, capítulo 4).
- Já sobre a consciência escrupulosa, podemos dizer que ela “é um exagero da restrita, que, sem motivo, chega a ver pecado em tudo ou quase tudo o que se faz”. Alguns sinais revelam uma consciência escrupulosa: contínua inquietação pelo receio de pecar em tudo e dúvida frequente sobre a validade das confissões passadas. O escrupuloso deve agir vigorosamente contra os seus escrúpulos (Ricardo Sada, 4.3.2, capítulo 4).
- Por outro lado, a consciência perplexa é “aquela que vê pecado tanto em fazer uma coisa como em não fazer”. Por exemplo, um enfermeiro que pensa que peca ao deixar sozinho o doente, e que peca também por não ir à missa (Ricardo Sada, 4.3.2, capítulo 4).

- Existe ainda a consciência certa que é “aquela que julga a bondade ou malícia de um ato com firmeza e sem receio de errar.” Por exemplo, se uma pessoa está doente com hepatite, esta tem a certeza de não poder ir à missa.
- Enquanto que a consciência dubitativa, “é aquela que não sabe pensar sobre a moralidade de um ato. A vacilação a impede de emitir um juízo. Ela se abstém de emitir juízo, ato essencial da consciência” (Ricardo Sada, 4.3.3, capítulo 4).

3. A formação da consciência

Todos esses aspectos que abordamos acima dar a conhecer a necessidade e porque não dizer, a obrigação irrecusável da formação da consciência. Precisamos conscientizar os nossos formandos da importância do seu empenho na formação da sua consciência. Os formadores tem somente o papel fundamental de ajudá-los nesse desenvolvimento e crescimento da consciência.

O homem, nas diversas fases de sua vida, ou seja, desde pequeno, ao despertar do uso da razão, na juventude e na maturidade deve ser ensinado e exercitado na emissão de juízos verdadeiros e certos, quer dizer, que conquiste, através da formação, uma consciência verdadeira e certa.

É imprescindível que, primeiramente, a pessoa humana estude a lei moral, conheça o evangelho, os documentos da Igreja, no nosso caso, conheça os estatutos, os escritos, participe da formação semanal na célula, sejam fieis a reciclagem, aos CACVs, as assembleias comunitárias. Em segundo lugar, adquira o hábito de refletir antes de agir; em terceiro, uma busca sincera de procurar a Deus, pela oração, pelo Estudo Bíblico, pela adoração ao Santíssimo Sacramento, pelo terço e pelos sacramentos; quarto lugar, sinceridade perante si mesmo, Deus e perante

os formadores pessoais e em quinto lugar, pedido de ajuda e de conselho a um “irmão mais velho” na vocação.

Isso acontece, porque a consciência é passível de receber modificações, de crescimento contínuo. Quanto mais a inteligência progride, mais a consciência progride no conhecimento da verdade e mais serão retos os juízos morais. Esses progressos, tanto da inteligência quanto da consciência e da retidão dos juízos leva ao desenvolvimento progressivo do ato humano. Todas essas dimensões favorecem progressivamente a formação da consciência.

Desta forma, o formador pessoal precisa saber qual o estado se encontra a consciência do seu formando com o objetivo de ajudá-lo a sair do engano e ir à busca da vontade de Deus.

Deve também suplicar sempre a luz do céu para que ele reconheça a verdade divina e se submeta a ela. Não é só uma questão de centralizar-se nos atos do formando, mas naquilo que é mais importante, o que se passa em seu interior. Precisa reconhecer se sua vida está livre para obedecer à verdade ou está presa, e em que “falsos” valores colocou o seu coração.

O formador pessoal também precisa ter a sabedoria de descobrir se a capacidade para conhecer a verdade de seu formando está ofuscada, e sua vontade enfraquecida para se submeter à verdade.

Tudo isso deve ser feito com muita diligência, paciência, sabedoria e amor. Nada pode ser feito sem misericórdia, “tem que ser de dentro para fora” (escritos). Mas precisa se dá relevância a vida do formando porque a missão do formador é salvar almas.

Capítulo 5

A MEMÓRIA

A memória é a faculdade que revela à pessoa humana a face insuspeitada da sua história para si mesmo e para os outros, além de um significado inédito. Isto quer dizer que uma pessoa ao recordar tudo o que aconteceu na sua vida passada tem a possibilidade de começar ver a obra salvífica de Deus nela. Começa a perceber a presença de Deus em todo o seu caminhar e experimenta certa lógica dos fatos que invade e abraça sempre mais claramente toda a existência, dando-lhe singularidade, projetando-a sobre panorama inusitado.

É a memória que possui a capacidade de abrir o dom da fé para o ser humano, porque é lembrando o que Deus fez em sua história, é a leitura e a interpretação da sua história que acontece em seu coração a experiência divina que transforma cada fato pleno de significados. Diz Amadeo Cencini que “trata-se, então, de aprender a recordar para discernir o mistério” da vida humana (A história pessoal, morada do mistério, págs. 23 e 24).

O formador pessoal não pode se eximir de utilizar esse recurso para ajudar seu formando a crescer no caminho de santidade. Para ajudá-lo a utilizar esse recurso durante a formação pessoal, vamos dispor em seguida os tipos de memória.

Memória bíblica

O piedoso israelita se apossava desse recurso da memória para seguir em frente no seu caminhar até o encontro pessoal com Deus. Ele acreditava recordando e recordava acreditando. O que levava o povo eleito a crer enquanto caminhavam no deserto era a recordação daquilo que os seus olhos tinham visto ou o que os seus pais haviam lhes contado. Era recordando e crendo que eles, no deserto, experimentaram as seduições de Deus e superavam as provações. Eles conseguiam ultrapassar as dificuldades e as barreiras, porque recordavam os fatos evidentes da salvação de Deus em suas vidas. Então, como eles sabiam que para ter bem vivo em suas mentes as obras salvíficas de Deus, para que nada fosse esquecido, o piedoso hebreu “fazia a memória” deles e iam além de recordar, mas passavam a celebrar. Essa é a consequência da verdadeira memória bíblica, o lançamento da vida para o futuro. É essa memória que gera a fé que, por sua vez, dar um nome a Deus e traços á face divina.

Diz a respeito dessa realidade Pederson: “Quando a alma (israelita) relembra algo, isso não significa que tenha na memória uma imagem objetiva de algo em concreto, ou de algum evento, mas que essa imagem é suscitada na alma e a ajuda a determinar o seu rumo e o tipo de ação a ser feita. Quando o homem recorda a Deus, deixa que o seu ser e a sua ação sejam determinados por Deus. [...] Lembrar-se das obras de Deus e procurá-lo, ou seja, deixar que os próprios atos sejam determinados por sua vontade, são, na realidade, a mesma coisa. O israelita pede incessantemente a Deus que se lembre dele que não se lembre de seus pecados. [...] É próprio ao israelita não poder fazer uso de sua memória sem que, ao mesmo tempo, isso tenha uma influência sobre toda a sua pessoa e

o rumo de sua vida” (retirado do livro de Amadeo Cencini, A história pessoal, morada do mistério, págs. 26 e 27).

A memória bíblica acontece através daquilo que a pessoa viu, as palavras que ela ouviu e que conserva em seu coração e a memória das maravilhas de Deus realizadas em sua vida. Ela, assim, constata que Deus sempre foi seu pai e amigo, em todas as circunstâncias da vida e que será para sempre assim. Nesse aspecto, a vida aparece como história da salvação. A memória bíblica, então, é a contemplação do trajeto da própria vida, ler a própria vida à luz da Bíblia onde descobrirá a verdade. Ler a própria história tem um alto valor espiritual, porque gera a procura dos passos dados por Deus em sua direção com o objetivo de fazer-se conhecido e não só, mas também revelar os seus planos para cada pessoa.

Durante a formação pode e deve ser utilizado esse recurso para que o formando, passando ou não momentos de crise se recorde das obras de Deus em sua vida. Isso o ajudará a permitir que tome a decisão do seu caminhar e do tipo de ação que deve fazer, conforme já foi dito acima. Esse exercício não deveria se resumir apenas no momento da formação, mas se estender no dia a dia de sua vida.

As consequências da memória bíblica devem ser ressaltadas, são elas:

— permite ao fiel ter uma fé pessoal

— provoca uma singular eficácia no fiel: fidelidade a Deus. A recordação da fidelidade divina “cria” a fidelidade do homem. O homem torna-se capaz de pedir a Deus coisas que, na visão humana, seriam praticamente impossíveis ou muito difíceis.

— uma notável familiaridade com as Escrituras. A bíblia passa a ser o espelho da sua própria vida, o pano de fundo onde a sua vida se desenrolou. A história do povo de Deus descrita na Bíblia nos narra o

que Deus faz com a pessoa que ele escolheu, além de nos revelar a maneira que Deus age em relação ao homem. A Palavra de Deus nos revela a visão que Deus tem do homem, o amor de Deus pelo homem, a maneira que Deus se ocupa dos homens, da atenção que Deus tem em relação aos pedidos dos homens.

Memória afetiva

Segundo Amadeo Cencini, a memória afetiva não só recorda os fatos acontecidos, mas as emoções que estão ligadas a esses fatos. E ao recordar essas emoções elas são reativadas gerando um correspondente afeto. Por exemplo, ao recordarmos o amor, o afeto e a confiança de nossa mãe, traremos conosco essa experiência primeira como um fato indelével. E essa experiência traz consigo uma marca de emoções que ficará gravada na nossa mente e esculpida em nosso coração¹⁶⁷. Por exemplo, quando uma pessoa recebeu amor e confiança maternos, fez uma experiência de aceitação por parte de outra pessoa, recebeu carinho de alguém muito importante para ela, etc. Essas marcas emotivas ficaram gravadas em sua mente e impressas em seu coração de uma forma tão forte que terá a expectativa de viver as mesmas experiências em outras situações. Mesmo nos momentos de desilusão, medo, insucesso etc., terá sempre no seu íntimo um resíduo de emoções iguais que o ajudará a superar esses desafios presentes.

Assim como as boas experiências emotivas poderão influenciar positivamente na vida do formando, as más experiências emotivas poderão influenciar de forma negativa. O formador pessoal deve saber lidar com essa realidade buscando transformar essa experiência negativa em um elemento de força para o amadurecimento do formando de forma inteira e por toda a sua vida, o amadurecimento que vem da experiência de que Deus é Pai, e continuará a

167 Cf. A história pessoal, morada do mistério, pág. 31

sê-lo para sempre. O que conta mesmo é essa experiência da paternidade divina. É ela que direciona a pessoa definir o sentido e o projeto da própria vida. Essa memória afetiva (significado emotivo) é responsável por uma autêntica escolha em seguir a vontade de Deus.

A memória afetiva possui esse efeito de forma intensa quando a memória bíblica torna-se memória afetiva. O que significa isso? Significa que, como nos ensina Amadeo Cencini, “o encontro experimental com a paternidade de Deus e o ato de fé influenciam a percepção e as expectativas correspondentes sobre o futuro da própria vida... Se a memória bíblica não for ou não se tornar também afetiva, ela não penetrará no coração da pessoa, será apenas um registro de informações que não comovem”¹⁶⁸.

Da mesma forma que a memória se for apenas afetiva e não bíblica, fará com que a pessoa perca a direção certa. Isso se deve ao fato de que se tornará apenas emoção pessoal sem passar pelo processo de evangelização, de cristianização, o que torna o sujeito incapaz de abraçar o chamado divino. E essa situação se agrava se essa memória afetiva for negativa porque desaguará na desesperança.

Uma pessoa chamada a uma vocação se guardar em seu coração a certeza do amor de Deus por si mesma, se essa for a sua riqueza e garantia, terá coragem para dar-se, para ser memória viva desse amor. Essa será capaz de fazer as mais corajosas escolhas vocacionais.

Portanto, o formador pessoal deve se empenhar para que o seu formando permita emergir a sua consciência à história da sua própria vida, saber ler e analisar todos os elementos da própria experiência de vida à luz da ação de Deus. Aumentar o exercício da memória afetiva complementando a memória bíblica possui a finalidade de aumentar a fé ou tornar intenso o ato de fé.

168 Idem, 36

Capítulo 6

A AFETIVIDADE

Iniciamos abordando o tema da afetividade com uma frase de S. João da Cruz, o grande mestre de espiritualidade da Igreja Católica: “Esquecimento do criado, memória do Criador, atenção ao interior e já estarás amando o Amado”.

De acordo com que nossa Cofundadora escreveu sobre afetividade, podemos destacar a definição de Dalgarrando. “Para ele, a vida afetiva é a dimensão psíquica que dá cor, brilho, calor a todas as vivências humanas. Sem afetividade a vida mental torna-se vazia, sem sabor. O termo afetividade é genérico, compreendendo várias modalidades de vivências afetivas como o humor, as emoções e os sentimentos”¹⁶⁹.

A afetividade é a camada que exige de nós a aplicação das nossas forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim, mas que ao mesmo tempo é uma camada fantástica, um grande dom de Deus maravilhoso.

O nosso corpo tem a capacidade de sentir, nós sentimos frio, calor, nós temos cinco sentidos, nós sentimos o sabor das coisas, nós ouvimos o que está acontecendo, nós vemos o que está acontecendo, nós nos comunicamos com o mundo mais externo, mais superficial através do meu cor-

169 (Fio de Ouro, Parte IV, cap. I).

po, mas essa comunicação que vem daqui de fora ela passa pelo vidro dos meus afetos, pela lente dos meus afetos, e aquilo que simplesmente vejo, ouço, como, cheiro, sinto no sentido de pele, de tato, aquilo que o meu corpo me transmite é interpretado pelos meus afetos. Por exemplo, que flor bonita! Ai que friozinho gostoso! Ah que calor desesperador! Hum, que chocolate é esse! Que baconzinho maravilhoso! Aí já são os meus afetos que estão interpretando a situação do meu corpo, as sensações do meu corpo segundo a minha memória e a minha imaginação.

As pessoas reagem afetivamente de forma diferente umas das outras. Pode-se viver a mesma situação, mas a afetividade de um interpreta de maneira diferente do outro. Por exemplo, diante de um conteúdo formativo alguém pode chorar compulsivamente enquanto que outra pessoa não sente nada. Mas por quê? Porque uma pessoa afetivamente reage de uma forma enquanto que outra age de outra forma. Porém, a afetividade não tem esse poder de administrar todo o nosso ser.

Existem cinco tipos básicos de vivências afetivas: Humor ou estado de ânimo, emoções, sentimentos, afetos e paixões.

Antes de refletirmos sobre cada uma das vivências afetivas, precisamos deixar muito claro que elas são amorais. Isto significa que elas, em si mesmas não são nem boas nem más. Assim, a raiva, a ira, a alegria, a tristeza, o júbilo, a amizade, não são, em si bons ou maus. O modo como nos comportaremos em relação a estas vivências afetivas é que poderá ter uma classificação moral.

Humor

O humor é definido, segundo Dalgarrando, como o tônus afetivo do indivíduo, o estado emocional de base e difuso no qual se encontra a pessoa em determinado momento. É a disposição afetiva de

fundo que penetra toda a experiência psíquica, a lente afetiva que dá as vivências do sujeito, a cada momento, uma cor particular, ampliando ou reduzindo o impacto das experiências vivenciadas (...). Em boa parte, o humor é vivido corporalmente e se relaciona consideravelmente às condições (...) do organismo (é o caso das variações hormonais mensais nas mulheres, o climatério ou a menopausa, ou alterações devido a patologias; é também o caso de situações de extremo cansaço físico ou mental).

O humor é o aspecto primário da afetividade. Todos nós temos esse humor de base. Quanto mais santos formos, menos variável é esse humor e quanto menos santos formos mais variável é esse humor. O santo tem a sua vida em suas mãos. O santo tem o afeto em suas mãos. Pelo poder de Deus, pelo poder da oração, pela graça de Deus, pela graça do chamado, pela graça da vida comunitária, ele tem o domínio sobre os seus afetos. Imaginem que a afetividade é um armário com várias gavetas e o humor está nessa gaveta mais de baixo. O santo tem essas áreas todas equilibradas e o fundamento vai ser essa parte mais interior e as partes mais exteriores vão estar mais vulneráveis, mas regidas pelo que vem de dentro para fora.

Emoções

Segundo Emmir Nogueira, “as emoções podem ser definidas como reações afetivas agudas, momentâneas, desencadeadas por estímulos significativos. Assim, a emoção é um estado afetivo intenso, de curta duração, originado geralmente como uma reação do indivíduo a certas excitações internas ou externas, conscientes ou inconscientes. Assim, como o humor, as emoções acompanham-se frequentemente de reações somáticas. O humor e as emoções são experiências psíquicas e somáticas ao mesmo tempo. Uma emoção intensa pode desencadear, por exemplo,

problemas intestinais, impossibilidade de caminhar, astenia – intensa moleza-, desmaios, desorientação, etc.)”¹⁷⁰.

Existem pessoas que se emocionam com acontecimentos não muito importantes. E isso acontece porque as emoções são muito primárias e muito diferentes de uma pessoa para outra. Portanto, nós não podemos nos basear nos nossos humores, eles são basais, mas muito primários, não podemos nos confiar nas nossas emoções porque elas passam.

Jesus expressa suas emoções inúmeras vezes: alegria e ternura ao ver as crianças, comoção pelo sofrimento das irmãs de Lázaro, ira com relação aos vendilhões do templo e à hipocrisia dos fariseus, angústia no Horto das Oliveiras, alegria ao perceber que os segredos do Pai eram revelados aos pequeninos.

Sentimentos

Ainda utilizando o que a nossa Cofundadora escreveu sobre os sentimentos. Ela afirma que os “sentimentos são estados e configurações afetivas estáveis. Em relação às emoções, são mais atenuados em sua intensidade e menos reativos a estímulos passageiros. Os sentimentos estão geralmente associados a conteúdos intelectuais, valores, representações e, no mais das vezes (...) constituem fenômeno muito mais mental do que somático. Assim, uma pessoa que considere a honestidade e a justiça como altos valores poderá ter sentimentos de indignação quando deparar-se com uma situação de desonestidade e injustiça, enquanto uma outra, que não tiver cultivado estes valores não alimentará, com relação à sua ausência, os mesmos tipos de sentimentos”¹⁷¹.

170 Idem, pág. 484.

171 Idem, pág. 485.

Estes, por sua vez, são ligados a ideias. Por isso, o sentimento de justiça, de igualdade, de fraternidade, de amor evangélico, de generosidade, em geral, as virtudes se apoiam nos sentimentos. Eles são menos basais. Desta forma, concluímos que os sentimentos são menos primários.

Afetos

“Os afetos são como a qualidade e o tônus emocional que acompanham uma ideia ou representação mental. Os afetos acoplam-se às ideias, anexando a ela um colorido afetivo. Seriam, assim, o componente emocional de uma ideia”¹⁷².

Se para alguém a religião é um valor, essa pessoa dirige os seus afetos para a religião, for um valor o seu carisma, os seus afetos vão dirigir a sua vida toda para o seu carisma e consequentemente para o evangelho, para o magistério da Igreja porque todo carisma autêntico tem a sua raiz no evangelho e na Igreja. Então, os seus afetos vão lhe dirigir para o seu carisma.

Aqui reside algo muito importante para os formadores. Quais são os valores dos seus formandos? Que valores estão guiando a vida dos filhos que Deus lhe deu? Onde está o seu coração?

Esses afetos direcionados pelos valores devem ser convertidos nos valores do evangelho, não só transformados e não a partir das emoções, mas a partir da área mais interior.

O formador tem a maior missão de formar santos. Isso significa que ele deve ajudar seus formandos, que podem ser pessoas cheias de valores do mundo, ligados à corporeidade, centralizadas em si mesmas, que só pensam em si, em santos, quer dizer, em pessoas que tenham

172 Idem pág. 488.

valores do evangelho, em pessoas que pensem como Jesus, que sintam como Jesus, que ajam como Jesus, um outro Cristo, um santo. Deus usa as mãos dos formadores para realizar isso. E Deus escolhe os que não estão prontos, que não estão formados inteiramente para que ele possa agir melhor para que esses permitam a ação do Espírito Santo. Deus escolhe os que não são os melhores, mas os piores para que Ele possa agir e as mãos desses formadores vão apenas colocar o barro no lugar certo e o Senhor vai santificando.

Os formadores pessoais precisam saber que necessitam santificar, eles precisam saber que a sua missão é colaborar para a santificação dos seus formandos. No entanto, ele precisa saber também que a sua santificação acontece ao colaborar com a santificação daquele formando como um pai e uma mãe, como um irmão, como uma irmã, como um filho, como uma filha.

Então, a missão do formador pessoal é colaborar, ajudar o Espírito Santo na santificação dos seus formandos. Ele não tem que colaborar para que o seu formando seja o melhor no ministério que ele exerça. A missão principal de um formador pessoal é colaborar com o Espírito Santo para que seus formandos sejam santos. Os formadores precisam se interrogar: “Quantos santos eu já formei? Quantas pessoas passaram por minhas mãos e que hoje são santas? Estes precisam perguntar para os seus formandos: o que vocês querem ser aqui na Comunidade? A resposta certa é: santo. “Eu fiz a minha consagração de vida porque eu quero ser santo, me ajude a ser santo, me dê novos valores, me ajude a me converter de fato, me ajude a deixar os valores antigos, deixar os valores do mundo, deixar os valores que me centralizam em mim e adquirir valores onde Deus seja o centro, onde a palavra de Deus, o amor a Deus, a oração sejam o centro de tudo”.

Paixões

A nossa cofundadora, Emmir Nogueira, ensina que “a paixão é um estado afetivo extremamente intenso, que domina a atividade psíquica como um todo, captando e dirigindo a atenção e o interesse do indivíduo em uma só direção, inibindo os outros interesses”¹⁷³.

Afetividade imatura

Essas são algumas das características que revelam se alguém é imaturo afetivamente: se irrita com facilidade, de humor instável, irritadiço, muda com o vento, disfarça suas emoções, possui a tendência de não expressar as emoções, de recalcar-las, agressivo, ciumento, vingativo, paixão desordenada por pessoas ou coisas, ódio, inveja, arbitrariedade, medroso, indiferença, ânsia de autossatisfação, sentimento de revolta, defasagem entre a idade cronológica e a idade mental, desconhecimento de si próprio, instabilidade emocional, pouca ou nenhuma percepção da realidade, que leva o sujeito a ter um comportamento inadequado nas suas relações intrapessoais (desarmonia consigo próprio) e interpessoais (não sabe lidar com os outros, não sabe guardar distâncias e proximidades). ausência de um projeto de vida, porque a vida não pode ser improvisada. É preciso certa organização, um esquema que planeje o futuro, já que não sabe renunciar, não sabe amar, porque acha que amar é um sentimento doce, com pouca educação da vontade. A vontade é uma joia que enfeita a personalidade do homem maduro. Se é frágil e não foi temperada por uma luta constante, transforma o sujeito em um tipo débil, mole, volúvel, caprichoso, incapaz de propor-se objetivos concretos, já que tudo se desfaz com o primeiro estímulo que vem de fora e o faz abandonar a

¹⁷³ Filo de Ouro, Parte IV, Cap. I

tarefa que levava a cabo. É a imagem do menino mimado, que é digna de pena: levado, arrastado e tiranizado por aquilo que é mais gostoso, aquilo que o corpo pede no momento. Não sabe dizer “não”, fazer renúncias. Um menino estragado, paparicado, malcriado, que se dobra diante de qualquer exigência séria, que nunca superará as suas próprias possibilidades. Um ser que aprendeu a não se vencer, mas a seguir os seus impulsos imediatos. Por essa via, tornou-se um sujeito volúvel, inconstante, leviano, superficial, frívolo, que se entusiasma facilmente com algo para abandoná-lo logo que as coisas ficam minimamente difíceis. E isso acarreta outras consequências. O sujeito apresenta baixa tolerância às frustrações, é um mal perdedor, pois tem pouca capacidade de superar as adversidades, uma vez que não está acostumado a vencer-se em quase nada; e há também uma tendência a refugiar-se num mundo fantástico a fim de escapar da realidade, seus critérios morais e éticos são instáveis, sabemos que a moral é a arte de viver com dignidade, de usar corretamente a liberdade, de conhecer e pôr em prática aquilo que é bom. Na pessoa imatura tudo está preso por alfinetes que se soltam facilmente. A moda, a permissividade, o relativismo pautam a sua vida. Ele segue os vaivéns das novidades sem nenhum espírito crítico.

A maturidade é uma das pontes levadiças que conduz à fortaleza da felicidade e é resultado de um trabalho sério e paciente de perder e agregar, de polir, de limar, de procurar que a nossa forma de ser seja como uma pedra dessas que vemos nos rios que quase não têm arestas.

Como formar para uma maturidade afetiva

“Quem deseja, deveras, amar a Deus, deve disciplinar, como nos ensina Emmir Nogueira, orientar, dirigir, pela vontade, o seu humor, emoções, sentimentos, afeto e paixões, reordenando-os segundo o amor

a Deus acima de todas as coisas, acima de outros amores, pois, segundo São João da Cruz, a vontade, junto à qual ‘habitam’ essas vivências afetivas, está como que ‘presa’ por elas até que elas sejam ordenadas no amor”¹⁷⁴.

Esse é o caminho certo que os formadores pessoais devem assumir para colaborar com seus formandos quanto a melhor maneira de lidar com suas vivências afetivas. Se uma ou mais vivências afetivas estiverem deixadas ao bel-prazer e gerarem uma postura moralmente errada, o formador pessoal deve fazer um trabalho na vida do formando do qual ele consegue perceber isso, de ordenar as suas atitudes para o amor, a fim de que, onde não há amor, coloque-se amor para se encontrar amor.

Nesse aspecto, uma dimensão muito importante é a vontade e Emmir afirma que ela (a vontade) “tudo pode e deve canalizar, sempre, para o amor! Toda a riqueza, todo o potencial de nossa afetividade deve ser submetido à nossa vontade que, unida ao amor e à vontade de Deus, os ordenará para o amor”¹⁷⁵.

Vamos refletir sobre o texto abaixo que aborda o tema sobre a vontade de Frei Hermógenes Harada, OFM, teólogo franciscano muito respeitado no franciscanismo. Esse texto, com certeza, ajudará os formadores pessoais quanto à orientação de fortalecer a vontade dos seus formandos para que eles não vivam ao bel-prazer da condução das vivências afetivas desordenadas, ao contrário, sejam pessoas ascéticas cujos frutos são as virtudes como humildade, mansidão, silêncio, modéstia, devoção, prudência, paciência, etc.

174 Idem.

175 Fio de Ouro, pág. 498.

A Boa Vontade - A Semente de Mostarda

Frei Hermógenes Harada, OFM

Jesus compara o reino de Deus à semente de mostarda: “A quem compararemos o reino de Deus?... É como o grão de mostarda que, quando é semente, é a menor de todas as sementes, mas, depois de semeado, cresce, torna-se a maior de todas as hortaliças e estende de tal modo os seus ramos que as aves do céu podem abrigar-se à sua sombra” (Mc 4,30-32).

Talvez, possamos dizer que, do ponto de vista do nosso empenho para a realização do reino de Deus, o elemento básico, digamos, “atômico”, a partícula, a mais pequenina e substancial é a (boa) vontade. A (boa) vontade é também como o grão de mostarda do Evangelho.

Examinemos o que é e como é a (boa) vontade, seguindo as dicas do grande mestre da (boa) vontade, o Beato Egídio de Assis, um dos mais famosos companheiros de São Francisco de Assis. Frei Egídio foi irmão leigo. É considerado uns dos maiores místicos franciscanos. Existe uma pequena biografia dele e a coleção de seus ditos notáveis nas fontes franciscanas (SILVEIRA, 1983).

Segundo Frei Egídio, a (boa) vontade não deve ser confundida com o bom propósito ou bom desejo ou voluntarismo passageiro. Assim, se você entende a “boa vontade” apenas como bom propósito ou desejo, ela não satisfaz a Deus. Pois, para Frei Egídio, a boa vontade é vontade mesmo! É querer para valer. Nesse sentido, é querer de tal modo que faz, age. Uma vida, vivida com uma tal boa vontade, chama-se, segundo Frei Egídio, vida ativa! Na expressão “boa vontade”, o adjetivo “boa” tem o significado de “perfeita”, bem feita, algo que em atravessando (*per*, em latim) todas as etapas do processo de crescimento, perfez, foi feito, tornou-se consumado, bem no

ponto, portanto, perfeito. Boa vontade é, pois, a vontade na plenitude da sua essência, a vontade “em pessoa”.

Inteligência, vontade e sentimento: faculdades da alma

Hoje, distinguimos na “psicologia” popularizada três faculdades da alma: inteligência, vontade e sentimento. Da inteligência, temos medo que ela desequilibre a vontade e o sentimento e nos faça “racionalistas”. Da vontade, temos medo que, em tomando conta das outras faculdades, transforme-nos em “voluntaristas”. E como há bandos de “racionalistas” e “voluntaristas” – aliás, gente que continuamente estão recalçando o sentimento, este, hoje, é a vítima. E é tratado benignamente, com especial deferência; é defendido, em certos meios, a todo custo. Assim, reservamos-lhe a honra de ser o representante da melhor coisa que temos, isto é, do amor apaixonado e perseverante. Dizemos, então: amor não é nem inteligência, nem vontade, mas sim sentimento. Por isso, quando ouvimos a afirmação de que a boa vontade é vontade mesmo, querer para valer, querer que faz e age etc., tememos se não estamos diante de um inveterado e fanático voluntarista que segura as calças com a vontade de aço ou se suspende do chão pelos cabelos com o seu querer. E exclamamos admirados: “Puxa! Que vontade de ferro!” Mas, no fundo, pensamos desconfiados: “É voluntarismo, é um querer racional demais. Não é para mim. Prefiro menos poder, mais ternura frágil de um coração cheio de sentimento. Gosto mais do amor!”

Talvez, na Espiritualidade da boa vontade, como a do Frei Egídio, a boa vontade deva ser entendida certamente como algo intenso, forte e vigoroso, mas de modo todo próprio, digamos, mais “natural”, simples e direto, como, de imediato em concreto, vivenciamos na vida, sem os “pre-conceitos” e “pre-juízos”, provenientes de explicações psicológicas, pedagógicas, filosóficas etc.

Bem-querer e benevolência: a dinâmica da vontade

De imediato em concreto, vivenciamos a vontade, ou melhor, o querer como um modo de ser existencial, impregnado de compreensão e afeição, no qual e com o qual nos realizamos naquilo que temos de mais belo, nobre e próprio de nós mesmos: o bem-querer, a benevolência. Bem-querer ou benevolência indicam um modo de ser todo próprio de amar. É interessante notar que as palavras *bem-querer* e *benevolência* indicam o amor, mas em ambas ocorrem os termos “bem” e “querer” ou “volência”, isto é, a dinâmica da vontade. Bem-querer e benevolência dizem boa vontade.

Na vontade como bem-querer ou benevolência, o querer é uma ação. Há ali uma atuação, imediata e espontânea, da nossa liberdade, uma doação do que de melhor e mais íntimo somos. É, pois, um doar-se a si mesmo, livre, ativo, sem coação de fora como deveres e obrigações impostas. Mas essa doação livre e espontânea é toda ela impregnada, vivificada por uma necessidade que vem de dentro, do âmago de nós mesmos, como impulso vivo e bem acordado, que foi atingido por uma afeição. Assim, a nossa liberdade já está sob o toque de uma afeição.

Essa afeição por vir do âmago, do cerne da minha mais profunda interioridade, é algo inteiramente meu, íntimo, pessoal e livre. Mas, ao mesmo tempo, é algo anterior e superior a mim mesmo, como um a toque, que, a priori, sempre já me atingiu no fascínio e no enamoramento de um apelo, de um chamado que vem do ‘alto’ no meu mais profundo íntimo. Esse toque, esse apelo, no entanto, não se impõe como dever e obrigação que tolhe a minha liberdade. Antes, pelo contrário, desencadeia em mim, desperta o vigor, a força do que há de mais belo, livre e nobre em mim mesmo; acorda a benquerença, a benevolência, a boa vontade. E nunca somos tão autenticamente nós mesmos como quando somos boa vontade de doação, em dizendo: “Eu

te quero bem, eu te amo, eis-me aqui”. É a experiência do “noblesse oblige” (a nobreza obriga). Talvez essa “necessidade” livre da benquerença que me compromete, liga-me de modo intenso e definitivo, muito mais e qualitativamente diferente do que a necessidade da imposição que vem de fora, é que me dá o verdadeiro e o originário sentido do *dever e obrigação humana*. É por isso que em português costumamos responder a um favor da benquerença, dizendo: “Obrigado!”

Boa vontade: centelha divina no humano

A boa vontade como ação do bem-querer, da benevolência, é profundamente sentimento, não porque sentimentalmente a vivenciamos, mas porque o toque originário dessa ação é uma afeição profunda que vem do cerne mais íntimo de nós mesmos. Mas é, ao mesmo tempo, vontade para valer, porque nessa ação o querer não é apenas um “gostaria que”, “quereria que”, portanto, um desejo, uma veleidade, mas sim o impulso de lance que se engaja, joga-se inteiramente sem reservas para dentro da doação de si. É, finalmente, plena atenção clarividente de inteligência, da compreensão, que nítida e distintivamente se dispõe à busca e à investigação incondicional, na entrega ao inesperado da revelação do Bem-Amado. É, pois, a límpida disposição da dinâmica do dar-se e acolher: vontade boa, a boa vontade. Esse poder amar, o bem-querer, a benevolência é o que somos como filhos de Deus, é a imagem e semelhança de Deus, é a “centelha” de Deus em nós.

A nossa dificuldade hodierna de perceber direta e imediatamente a “coisa-ela-mesma boa vontade”, a “coisa” mais evidente, simples e real que somos nós mesmos, é a tendência irresistível de entender a boa vontade como veleidade, desejo, como um “gostaria que” e, ao mesmo tempo, como um “ato psíquico”.

Como dito, para Frei Egídio, há uma diferença essencial entre boa

vontade e o ato psíquico do desejo ou da veleidade. Tentemos ver a diferença através de um dito notável do santo frade.

Um dia alguém se aproximou de Frei Egídio e lhe disse: “O que faço para sentir a suavidade de Deus?” E Egídio: “A ti, Deus, alguma vez, te inspirou boa vontade?” “Ora, muitas vezes...”, respondeu o homem. Egídio começou a vociferar: “Por que, então, não guardaste aquela boa vontade que te conduziria ao bem maior?!” Por que Frei Egídio ficou zangado? Nervoso? O que há de tão grave e ruim na resposta: “Ora, muitas vezes!”, para fazer o santo homem perder as estribeiras, a ponto de gritar: “Que diabos! Por que não guardaste...?” Ou há ali algo realmente tão decisivo e grave para desequilibrar um santo de Deus? A explosão à italiana de Frei Egídio é um ímpeto, uma mistura de cuidado, preocupação e indignação. É uma expressão daquela experiência insuportável, de quando a gente não sabe mais o que fazer para ajudar, a não ser dar um grito de alerta para chamar a atenção do outro, que cegamente avança para a perdição. É, ao mesmo tempo, um fluxo de indignação pela leviandade e alienação em que o outro vive. Mas por que ficar indignado pelo fato de o outro estar assim alienado? É que Frei Egídio ama o irmão, interessa-se por ele, quer ajudá-lo, e ao mesmo tempo sabe quem é e como é a Boa Vontade de Deus, do Pai que continuamente, sempre de novo, doa-se incansavelmente, todo e inteiro, inspirando ao homem a boa vontade. Nesse sentido, Deus “se mata” para inspirar a boa vontade. E o homem nem se toca; levemente ri e diz, como que fazendo pouco caso: “Claro, muitas vezes já me deu a boa vontade”.

Viver no hálito de Deus

Egídio pergunta: “E a ti, Deus, alguma vez, te inspirou boa vontade?” Inspirar significa soprar para dentro. É, pois, respiração “boca a boca” para reanimar, recuperar no outro o sopro da vida. Isso significa que a boa vontade

que Deus boca a boca inspira para dentro de mim é o sopro vital dele mesmo. E o meu sopro, reanimado e recuperado no vigor, segue o fluxo e o ritmo dessa respiração de Deus, e assim eu volto à vida! A boa vontade é, portanto, segundo Deus? É isso mesmo, diz Frei Egídio. Isso significa que na boa vontade que surge, nasce em mim como benquerença, como benevolência, e nela está o mesmo modo de ser da Boa Vontade, isto é, do Amor de Deus? Certamente!

De repente, levamos um susto. A boa vontade, o bem-querer, esse ato tão insignificante, tão passageiro e momentâneo, “algo” tão pequenino como semente de mostarda, revela-se como o elemento básico, principal da Vida, que contém em si o mesmo modo de ser do Deus de Amor, criador do universo. É, por assim dizer, uma minúscula, micro-explosão atômica do abissal, onipotente, onisciente e onipresente vigor do Deus de Amor. Só que, na Boa-Nova, onipotência, onisciência e onipresença são todas palavras cujo sentido está todo e inteiramente colocado na perspectiva do poder humilde e suave do amor, do poder da absoluta Boa Vontade, da doação incondicional de si do Deus da Misericórdia. E nós, cada um de nós, em cada um dos atos da boa vontade – por mínimo e insignificante que ele seja –, participamos, em todos os afazeres e em todas as vicissitudes do nosso viver cotidiano, da imensidão e profundidade abissal desse poder do Amor de Deus; com Ele colaboramos, nele e através dele atuamos na dinâmica da boa vontade no universo.

Cuidar, com solicitude e vigilância, da manutenção da Boa Vontade em nós e nos outros, com toda a limpidez e precisão, porque a boa vontade é o vigor ordinário de todas as extraordinárias tempestades, explosões e terremotos, mas também de todo o nascer, crescer e consumir-se das estações do universo dos homens é, talvez – ou melhor, certamente –, o trabalho essencial do cotidiano afazer cristão.

Disse o Senhor a Elias: “O que estás fazendo aqui, Elias?” Ele respondeu: “Estou apaixonado pelo Senhor Deus Todo-poderoso...” O Senhor res-

pondeu: “Sai e põe-te de pé no monte diante do Senhor! Eis que Ele vai passar”.

Houve, então, um grande furacão, tão violento que dilacerava os montes e despedaçava os rochedos diante do Senhor, mas o Senhor não estava na tempestade. Depois do vento houve um terremoto, mas o Senhor não estava no terremoto. Depois do terremoto houve fogo, mas o Senhor tampouco estava no fogo. Finalmente, passado o fogo, percebeu-se apenas uma brisa, suave e amena. Então, Elias a sentiu e encobriu o rosto... (1 Rs 19,9-14). E o Senhor estava na brisa, no hálito da suavidade.

A Autonomia da boa vontade

Quando refletimos sobre a boa vontade, identificando-a com a semente de mostarda do Evangelho, dissemos que a boa vontade, esse ato tão insignificante, tão pequenino como semente de mostarda é, na realidade, o elemento básico e principal da Vida; que ela contém em si o mesmo modo dinâmico de ser do Deus de Amor, Criador do universo; que com ela participamos da imensidão e profundidade abissal desse poder do Amor de Deus e com ele colaboramos. Tentemos agora ver mais de perto como é o empenho e o desempenho dessa boa vontade, focalizando-os mais como o perfazer-se, isto é, o processo dinâmico do trabalho da responsabilidade de ser, que hoje costumamos chamar de autonomia.

Como é, pois, o modo de ser do espírito, chamado autonomia?

Muitas vezes a palavra *autonomia* é ouvida como autossuficiência, no sentido de se bastar a si mesmo, de rejeitar e negar toda e qualquer dependência, uma espécie de orgulho humano desmedido. Examinemos melhor o seu significado, vendo as implicações significativas que se encontram no termo.

“Auto-nomia” se compõe de “auto” e “nomia”. O significado usual da autonomia é independência, liberdade, o modo de ser dos que vivem segundo a sua própria lei. Mas o que significa mais profundamente “o modo de ser

dos que vivem segundo a sua própria lei”? É que aqui a própria lei deve ser entendida como a lei própria da essência do ser humano. Examinemos, pois, o significado dos termos que compõem a palavra *autonomia*, para ver melhor o que é realmente a independência, a liberdade própria do homem.

Responsabilidade de ser sempre sim

“Auto” vem do grego *autó*, que significa mesmo, em si, por e para si, pessoalmente, a partir de si. Mais propriamente, indica um movimento. Que tipo de movimento? Movimento que podemos descrever como erguer-se a si mesmo, destacar-se, realçar-se, alçar-se, colocar-se a si mesmo a partir de si. Nós diríamos: ficar de e em pé! De que se trata, pois, esse ficar de e em pé mais concretamente como autonomia? Trata-se da experiência bem conhecida nossa daquele impulso inicial de todos os nossos empenhos e desempenhos, de todas as nossas ações. Por mínima que seja a nossa vontade, toda e qualquer ação humana se inicia, e se mantém iniciante sempre de novo em todas as continuações e consumações como impulso livre originário de ser e ter que ser um sim, a partir de si, para e por si. Aqui, ninguém pode me substituir nessa responsabilidade de ter que ser sim inicial e iniciante. Trata-se, pois, da miniexplosão da boa vontade, da vontade boa.

Assim, tudo no ser humano se caracteriza como um esforço de erguer-se a si mesmo. É nesse movimento que o Homem se constitui como ele mesmo. Por isso, nada no homem é apenas ocorrência. Nada nele é simplesmente dado. Nenhum momento nele e dele é apenas fato. Ele é, antes de tudo e por excelência, sempre de novo e cada vez uma ação responsável de ser, um dever ser, um ter que ser. Assim, dizer que um homem está deitado e dorme como uma pedra, ou que alguém vegeta é, na realidade, um modo de falar. Porque mesmo para ficar deitado num “dolce far niente”, ele deve alçar-se a si mesmo a partir de si.

Tudo isso ele não vê, se fica na cama ocasionalmente, por alguns momentos. Mas, se permanecer deitado por três dias seguidos, sentirá com certeza o peso da fadiga do ter que se manter no “far niente”. Com outras palavras, para o homem ser, ele deve ser *autó*. Por isso, as palavras *automóvel* ou *automático*, para se referir a uma máquina, denotam uma incompreensão total da palavra *autó* no sentido grego. O empenho humano como tal, isto é, como o movimento de ter que ser, de ter que se pôr, de se colocar a si mesmo a partir de si tem o modo de ser da boa vontade, da liberdade da vontade boa.

“Nomia” vem do grego *nómos*, que traduzimos por lei, prescrição, ordem, mas que significa também uso, costume, hábito, os costumes. *Nómos*, por sua vez, vem do verbo “*némein*”, que significa repartir, partilhar, outorgar, conceder, conferir; receber como sua parte em uso, possuir, dominar, reger, administrar, habitar, cultivar a terra. Estranhamente, a partícula “*nem*”, do *némein*, significa propriamente dobrar, curvar. Curioso é que todas essas múltiplas significações variantes querem indicar o *modo todo próprio do empenho humano*. Tentemos descrever esse modo todo próprio do empenho humano, insinuado nas múltiplas significações do termo “nomia”.

Recorrendo à ajuda de uma lenda

Mas como se relacionam entre si todas essas significações variantes, implícitas na nomia? Começemos, primeiro, perguntando o que tem a ver partilhar com curvar-se, dobrar-se? É que em todo e qualquer empenho humano, o homem se dobra, curva-se. E é nesse curvar-se sob o peso do desempenho da sua finitude, é nesse dobrar-se sobre si mesmo, para dentro de si, que ele se partilha a si, participa de si, dá-se, outorga, concede e confere a si mesmo, e recebe a si mesmo como sua parte em uso. Mas o que querem dizer todas essas insinuações? Talvez, um exemplo possa salvar todo esse palavrório da reflexão acima.

Doar-se cordialmente, corpo a corpo, todo e inteiro no empenho hu-

milde de tentar mover o impossível não é mais a atitude de querer poder subjugar o impossível. Não é também a atitude de se entregar à impossibilidade, como quem é dominado e subjugado contra a vontade, digamos, resignado. É, antes, uma atitude na qual o homem se dispõe a deixar-se embalar pela força que o transcende, sendo carregado por ela, fluindo nela. Em se doando como possibilidade finita todo e inteiro à impossibilidade, o menino recebe a sua própria finitude de volta, fluindo na dinâmica abissal do que não pode. A saber, na qual, para dentro e a partir da qual, a possibilidade finita se alça, se ergue, toma pé como a criatividade disposta de ser e deixar ser. O sino não é inimigo. Não é paredão do contra. É o maior, o imenso. O grande. É impossibilidade, não como exclusão da minha possibilidade, mas sim como a possibilidade anterior, infinita, que permite, me dá a possibilidade alegre da finitude agraciada. A “im-possibilidade” não é negação da possibilidade. É, antes lá, onde a possibilidade finita nada como peixe na imensidão do mar.

Esse erguer-se, esse alçar-se na dinâmica do impossível não é um pôr-se de pé, heróico, digamos, de um Prometeu, isto é, da afirmação do eu, nem um desafio revoltado contra o trágico destino impossível. É, sim, um curvar-se, um dobrar-se para dentro da possibilidade finita. Possibilidade finita, isto é, a finitude, sentida agora não mais como privação indevida da infinitude a que tem direito, mas como um vigor todo próprio, intrépido e cordial. A saber, o vigor cheio de graça de ser o nada da sua possibilidade. Não ser, pois, a sua possibilidade, para poder ser como a total disponibilidade de querer e ter que ser sempre de novo alegria e gratidão. Alegria e gratidão de poder se responsabilizar, isto é, de responder ao amor do abismo infinito. A esse vigor dobrado para dentro de si como recolhimento ponderado do corpo finito bem disposto, o homem o sente como parte de si, próprio de si, e ao mesmo tempo como porção da imensidão abissal, doada a si como a sua parte para o seu uso.

E, segundo os gregos, dos quais vem a palavra *autonomia*, é nesse uso que o homem habita a Terra. É desse uso que surgem as leis, cidades, constituições, costumes, reinos. É nesse uso do modo de ser do empenho livre humano que se cultiva a terra, ordenam-se as casas, as habitações, os hábitos. É assim que se constitui a morada na Terra dos Homens. É a autonomia. É por isso e nesse sentido que *nómos*, *némein* se refere ao uso, costume, *habitat*, ao dominar, reger, administrar, habitar, cultivar a terra.

Depois de tudo isso que se disse da autonomia, pensemos o seguinte: que no conto de Kussunoki Massashige, em vez do menino mini-guerreiro sábio estivesse você, eu, cristão, seguidor de Jesus Cristo; e em vez do sino, ali estivesse a imensidão inacessível do Deus do Amor infinito, que vem a mim de encontro, empurrando como o menino empurrava o sino, de todo o coração, dando-se a mim como pode, corpo a corpo, inteiramente colado a mim. E que nesse vir de encontro a mim me recebe todo inteiro como sou e posso, sem restrições, sem senões, de toda boa vontade de que Ele é capaz...

Não é assim que, aos poucos, começamos a entender o que significa a autonomia dos filhos diletos de Deus, na baila divina da sua Boa Vontade?

Finalizando, vejamos o que diz São João da Cruz: "O que encaminha a alma para Deus é a vontade que, no caso em questão, avalia e orienta os sentimentos na ordem do amor, isto é, por amor e para o amor, antes, a fazem deter-se neles mesmos, porém, a operação da vontade que é amar a Deus, só nele põe o afeto, gozo, gosto, contentamento e amor da alma, afastadas todas as coisas, e amando-o acima de todas elas"¹⁷⁶.

176 Fio de Ouro, pág. 498.

Capítulo 7

A FORMAÇÃO PESSOAL NOS MOMENTOS DE CRISE E PROVAÇÕES

Na vida daqueles que anseiam pela santidade de coração sincero é inevitável que aconteçam os momentos de crise e provações, isto é, as noites escuras como chamam os “místicos”.

O formador pessoal precisa conhecer pelo menos de uma forma mais próxima essas noites com a finalidade de colaborar, de ajudar o formando que esteja passando por essa experiência de Deus. Diz Frei Patrício Sciadini que “Deus é luz e, por isso, ilumina os nossos caminhos e clareia as nossas noites, mas ele também é Noite e, por isso, cega as nossas luzes para que aprendamos a caminhar na busca do seu rosto, muitas vezes, ofuscado pela neblina do nosso pecado”¹⁷⁷.

As pessoas precisam ser preparadas para que, quando a noite vier, estejam prontas, precisam ser trabalhadas para que alcancem a maturidade humano-espiritual.

Durante essas noites escuras, as pessoas podem enfrentar crises de fé, de abandono por parte de Deus, solidão, momentos de profundas e densas trevas, de dor, de desalento. É também um momento de combate e tortura. Santa Teresinha descreve assim esse tempo: “Imagino ter nascido num país

¹⁷⁷ Direção Espiritual, Cap. 14.

envolvido por um denso nevoeiro. Nunca contemplei o risonho aspecto da natureza, inundada, transfigurada pelo sol brilhante; desde minha infância ouço falar dessas maravilhas, sei que o país em que estou não é a minha pátria, que existe outro com o qual devo sonhar sempre. Não se trata de uma história inventada por um habitante do triste país em que estou, mas é uma realidade comprovada, pois o Rei da pátria do sol brilhante veio viver trinta e três anos no país das trevas. Ai! As trevas não entenderam que esse Rei divino era a luz do mundo. [...] Mas, Senhor, vossa filha entendeu vossa divina luz, pede-vos perdão pelos seus irmãos, aceita comer, pelo tempo que quiserdes, o pão da dor e não quer levantar-se desta mesa coberta de amargura onde comem os pobres pecadores antes do dia marcado por vós. [...] Mas não pode ela dizer em seu nome e em nome dos seus irmãos. Tende piedade de nós, Senhor, pois somos pobres pecadores? [...] Oh! Senhor, mandai-nos justificados para casa. [...] Que todos aqueles que não estão iluminados pela luz resplandecente da fé a vejam finalmente luzir. [...] Ó Jesus, se for preciso que a mesa por eles maculada seja purificada por uma alma que vos ama, aceito comer sozinha o pão da provação até o momento que vos agradar introduzir-me em vosso reino luminoso. A única graça que vos peço é a de nunca vos ofender! [...] Mas de repente o nevoeiro que me envolve torna-se mais denso, invade a minha alma, e a envolve de tal maneira que não me é mais possível ver nela a imagem da minha pátria. Tudo se evaporou! Quando quero que meu coração, cansado das trevas que o envolvem, repouse com a lembrança do país luminoso ao qual aspiro, meu tormento aumenta. Parece-me que as trevas, pela voz dos pecadores, me dizem zombeteiras: 'Sonhas com a luz, com uma pátria perfumada pelos mais suaves olores, sonhas coma *eterna* posse do Criador de todas essas maravilhas, acreditas um dia poder sair do nevoeiro que te envolve, avança, avança, alegra-te com a morte que não te

dará o que esperas, mas uma noite ainda mais profunda, a noite do nada”¹⁷⁸.

O Papa Bento XVI, ao proferir sua catequese sobre São João da Cruz, fornece um denso ensinamento sobre a noite escura, ele diz: “No ‘Cântico Espiritual’, São João apresenta o caminho de purificação da alma, ou seja, a progressiva possessão gozosa de Deus, até que a alma chegue a sentir que ama a Deus com o mesmo amor com que é amada por Ele”¹⁷⁹”.

Ele continua: “A ‘Chama viva de amor’ continua nesta perspectiva, descrevendo mais detalhadamente o estado de união transformadora com Deus. O exemplo utilizado por João é sempre o do fogo, que quanto mais arde e consome a lenha, mais se torna incandescente, até converter-se em chama: assim é o Espírito Santo, que, durante a noite escura, purifica e ‘limpa’ a alma e, ao longo do tempo, a ilumina e esquentava como se fosse uma chama. A vida da alma é uma contínua festa do Espírito Santo, que permite entrever a glória da união com Deus na eternidade”¹⁸⁰.

Bento XVI continua explicando que “a ‘Subida ao Monte Carmelo’ apresenta o itinerário espiritual do ponto de vista da purificação progressiva da alma, necessária para escalar o cume da perfeição cristã, simbolizada pelo cume do Monte Carmelo. Esta purificação é proposta como um caminho que o homem empreende, em colaboração com a ação divina, para libertar a alma de todo apego ou afeto contrário à vontade de Deus. A purificação, que, para alcançar a união de amor com Deus, deve ser total, começa na via dos sentidos e prossegue com aquela que se obtém pelas três virtudes teologais:

178 Idem.

179 CIDADDE DO VATICANO, quarta-feira, 16 de fevereiro de 2011 (ZENIT.org) - Apresentamos, a seguir, a catequese dirigida pelo Papa aos grupos de peregrinos do mundo inteiro, reunidos na Sala Paulo VI para a audiência geral.

180 Idem.

fé, esperança e caridade, que purificam a intenção, a memória e a vontade”¹⁸¹.

Sem deixar de falar dos detalhes sobre a noite escura em São João da Cruz, o Papa Bento XVI consegue resumi-la com toda profundidade: “A ‘Noite escura’, descreve o aspecto ‘passivo’, ou seja, a intervenção de Deus no processo de *purificação da alma*. O esforço humano, de fato, por si só é incapaz de chegar às raízes profundas das más inclinações e maus costumes da pessoa: pode freá-las, mas não desenraizá-las totalmente. Para fazê-lo, é necessária a ação especial de Deus, que purifica radicalmente o espírito e o dispõe para a união de amor com Ele. São João define esta purificação como *passiva*, justamente porque, mesmo que aceita pela alma, é realizada pela ação misteriosa do Espírito Santo, que, como uma chama de fogo, consome toda impureza. Neste estado, a alma está sujeita a todo tipo de provas, como se estivesse em uma noite escura”¹⁸².

O Papa continua falando sobre a doutrina mística de São João da Cruz: “Estas indicações sobre as principais obras do santo nos ajudam a chegar mais perto dos pontos sobressalentes de sua vasta e profunda doutrina mística, que tem como objetivo descrever um caminho seguro para chegar à santidade - o estado de perfeição ao qual Deus chama todos nós. De acordo com João da Cruz, tudo o que existe, criado por Deus, é bom. Através das criaturas, podemos chegar à descoberta d’Aquele que deixou nelas seu selo. A fé, porém, é a única fonte dada ao homem para conhecer a Deus como Ele é em si mesmo, como o Deus Uno e Trino. Tudo o que Deus queria comunicar ao homem, já disse em Jesus Cristo, o Verbo feito carne. Ele, Jesus Cristo, é o caminho único e definitivo até o Pai (cf. Jo 14,6). Qualquer coisa criada não é nada comparada com Deus e nada vale fora d’Ele; por conseguinte,

181 Idem.

182 Idem.

para alcançar o amor perfeito de Deus, qualquer outro amor deve ser conformato, em Cristo, ao amor divino.

“Daí a insistência de São João da Cruz na necessidade da purificação e do esvaziamento interior para transformar-se em Deus, diz Bento XVI, única meta da perfeição. Esta *purificação* não é mera ausência física de coisas ou de sua utilização; o que torna a alma pura e livre, na verdade, é eliminar toda a dependência desordenada das coisas. Tudo deve ser colocado em Deus como centro e fim da vida. O longo e laborioso processo de purificação exige esforço pessoal, mas o verdadeiro protagonista é Deus: tudo que o homem pode fazer é *dispor-se* para estar aberto à ação divina e não colocar obstáculos a ela. Vivendo as virtudes teologais, o homem se eleva e dá valor ao seu próprio esforço. O ritmo de crescimento da fé, da esperança e da caridade segue o ritmo do trabalho de purificação e da progressiva união com Deus, até transformar-se n’Ele. Quando se alcança este objetivo, a alma mergulha na própria vida trinitária, de forma que São João diz que esta chega a amar a Deus com o mesmo amor com que Ele ama, porque a ama no Espírito Santo. Assim, o Doutor Místico sustenta que não há verdadeira união de amor com Deus se não culminar com a união trinitária. Neste estado supremo, a alma santa conhece tudo em Deus e já não deve passar pelas criaturas para chegar a Ele. A alma já se sente inundada pelo amor divino e regozija-se totalmente nele”¹⁸³.

Para concluir, o Papa Bento XVI afirma que, mesmo diante dos sofrimentos da vida, entendeu que “o caminho com Cristo, esse ir com Cristo, o *Caminho*, não é um peso adicional à carga já bastante difícil da nossa vida; não é algo que tornaria ainda mais pesado este fardo, e sim algo completamente diferente, é uma luz, uma força que nos ajuda a carregar esse peso. Se um homem tem em si um grande amor, este amor quase lhe dá asas, então

183 Idem.

suporta mais facilmente todos os aborrecimentos da vida, porque carrega dentro de si esta grande luz; esta é a fé: ser amado por Deus e deixar-se amar por Deus em Cristo Jesus. Esse deixar-se amar é a luz que nos ajuda a carregar o peso de cada dia. E a santidade não é obra nossa, muito difícil, mas é precisamente esta *abertura*: abrir as janelas da nossa alma para que a luz de Deus possa entrar; não se esquecer de Deus, porque precisamente na abertura à sua luz encontramos força, a alegria dos redimidos¹⁸⁴.

Então, depois de todos esses esclarecimentos sobre a noite escura, o formador pessoal precisa ter a simplicidade, a clareza e a tranquilidade de espírito para acompanhar seus formandos que estiverem vivenciando a experiência da purificação de Deus. Nesse momento, a presença do formador, suas palavras consoladoras, especialmente a sua oração pelo formando são as atitudes mais eficazes. Agora, nesse momento não é apropriada a exigência do cumprimento de atitudes, mas a misericórdia, a força, a compreensão, porque é o próprio Deus que retira a pessoa de todo esse caminho de purificação.

As características daqueles que vivem uma experiência de noite escura passam por verdadeiro sofrimento, por desânimo, possuem uma vontade fragilizada, aparente atitude de infidelidade, submissão a Deus e a Sua vontade, centralização na vontade de Deus, temor do Senhor, busca pela verdade de forma autêntica, docilidade em ser conduzido. Também, podem não conseguir viver tudo ou de forma parcial o caminho que Deus o chamou, pode até ser que não vivam nada, no entanto, dentro do seu coração, existe uma reta intenção de viver ou um desejo real de cumprir a vontade de Deus, mesmo que esteja concretamente incapacitado de fazê-lo. Com certeza, a iluminação do Espírito Santo vai ajudar a viver esse momento com seu formando da forma mais acertada.

184 Idem.

Seguindo o pensamento de São João da Cruz, Deus começa o processo de purificação de forma branda e, à medida que a pessoa vai respondendo de forma positiva a estas intervenções, as purificações vão se tornando cada vez mais profundas. Aqui não há consolo!

Nesta hora, percebe-se que alguns formadores se desestruturam, porque acham que não conseguem mais ajudar, que aquilo que o seu formando está vivendo é alto demais para ele... E pensam que a medida mais acertada é devolver este irmão, agravando ainda mais a sua dor.

Os formadores precisam ter uma atitude mais humilde e saber quando é hora de se retirar, não no sentido de desfazer-se do outro, mas ter uma atitude mais contemplativa e de reconhecer que “sem outra luz ou guia, apenas a que em meu coração ardia”... Há uma luz que está guiando este irmão. Nesse momento, acontece o encontro dos dois mistérios: Deus e o irmão. O papel do formador é mais de contemplação daquilo que Deus está operando.

É necessário ressaltar que algumas condutas martirizam ainda mais, por exemplo: dizer para o formando que vai desistir, porque não vê melhoras nele, porque não sabe mais o que fazer para ajudar... Madre Faustina fala que o cálice do sofrimento daquele irmão já está cheio, que com uma gota a mais este cálice pode transbordar. Isso significa que não se pode acrescentar nenhuma gota além daquilo que Deus reservou para o cálice deste irmão, porque, do contrário, ele pode não suportar e colocar toda a obra de Deus a perder.

Quanto aos formandos, é preciso que eles saibam que também faz parte da *noite escura* a incompreensão, inclusive daquele que tem a missão de lhe conduzir. Quantas vezes, no encontro formativo, o formando fala grego e o formador entende em japonês? Esses desencontros fazem parte da obra divina. Porque pode acontecer de Deus tirar todos os apoios humanos, TODOS!!! Nesse caso, não adianta mudar de formador. Aqui vai ser mais prudente e sábio manter a calma e acreditar que tudo vai passar.